



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)/
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) em implantação
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL

ELIVANE MARIA DA SILVA AIRES

**EJA TEC EM GOIÁS: A PRECARIZAÇÃO DO ENSINO E EXCLUSÃO DE
TRABALHADORES ENTRE 2019 E 2022.**

CATALÃO – GO
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESIS****E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Elivane Maria da Silva Aires

3. Título do trabalho

EJA TEC em Goiás: a precarização do ensino e exclusão de trabalhadores entre 2019 e 2022.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Cesar Inacio, Orientadora**, em 18/10/2023, às 15:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIVANE MARIA DA SILVA AIRES, Discente**, em 19/10/2023, às 12:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3981173** eo código CRC **8C8DD842**.

Referência: Processo nº 23070.047262/2023-12

SEI nº 3981173

ELIVANE MARIA DA SILVA AIRES

**EJA TEC EM GOIÁS: A PRECARIZAÇÃO DO ENSINO E EXCLUSÃO DE
TRABALHADORES ENTRE 2019 E 2022.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional, do Instituto de História e Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG) / Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História, Cultura e Formação de Professores.

Linha de pesquisa: História, Sociedade e Práticas Educativas.

Orientador: Professor Dr. Paulo Cesar Inácio.

AIRES, ELIVANE MARIA DA SILVA
EJA TEC EM GOIÁS: : A PRECARIZAÇÃO DO ENSINO E
EXCLUSÃO DE TRABALHADORES ENTRE 2019 E 2022. / ELIVANE
MARIA DA SILVA AIRES. - 2023.
104, CIV f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. PAULO CÉSAR INÁCIO.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação
em História, Catalão, 2023.

Bibliografia. Anexos.

Inclui mapas, fotografias, símbolos, gráfico, tabelas, lista de
figuras, lista de tabelas.

1. EJA TEC. 2. Inclusão digital. 3. Exclusão digital. 4. Educação de
Jovens e Adultos. 5. Educação a distância. I. INÁCIO, PAULO CÉSAR,
orient. II. Título.

CDU 37(09)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **134** da sessão de Defesa de Dissertação de **Elivane Maria da Silva Aires**, que confere o título de Mestra em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração: História, Cultura e Formação de Professores.

Aos **quatro dias do mês de outubro de dois mil e vinte e três**, a partir da(s) **14h00m**, realizou-se de forma híbrida: Sala 11, Bloco C, do Instituto de História e Ciências Sociais e pelo Google Meet: Link: meet.google.com/utr-kmgq-ekx, a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada: **EJA TEC em Goiás: a precarização do ensino e exclusão de trabalhadores entre 2019 e 2022**. Os trabalhos foram instalados pelo **Orientador Professor Doutor Paulo César Inácio - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em implantação)**, com a participação das demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Sérgio Paulo Moraes - (UFU)** membro titular externo e a Professora Doutora **Luzia Márcia Resende Silva - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em implantação)**, membra titular interna. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **Aprovada**. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Paulo César Inácio**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **quatro dias do mês de outubro de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Cesar Inacio, Professor do Magistério Superior**, em 04/10/2023, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luzia Marcia Resende Silva, Professora do Magistério Superior**, em 04/10/2023, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SERGIO PAULO MORAIS, Usuário Externo**, em 04/10/2023, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de](#)

[novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3981154** e o código CRC **F331A63B**.

Referência: Processo nº 23070.047262/2023-12

SEI nº 3981154

Dedico este trabalho a Deus,
minha filha, meu marido e aos
meus pais. Obrigada por sempre
me apoiarem.

AGRADECIMENTO

Enfim, chegou o momento de agradecer, primeiramente a Deus, que nos momentos de dúvidas em oração recebia o alívio;

Aos meus pais, pessoas simples, mas que sempre me incentivaram buscar e conquistar o que fosse melhor para minha vida;

Ao meu amado Silvano pela força nos momentos de desânimo e desesperança, e a nossa filha amada Bianca pela ajuda nas tecnologias com a montagem das apresentações das disciplinas, gratidão, amor que não se mede;

Aos meus irmãos Edivaldo e Edmar, tias, primas enfim a todos que acreditaram e incentivaram para que pudesse concluir mais essa etapa.

Não poderia deixar de expressar minha eterna gratidão a minha querida amiga e principal incentivadora para que entrasse no curso de mestrado, Ana Lúcia da Silva (Aninha), sem o seu apoio e empurrão não teria começado e agora finalizado o mestrado profissional em História. Obrigada pela ajuda e orientação sobre como iniciar o projeto, e, principalmente, pelas dicas de leituras nas pesquisas de livros e teses. E, não posso deixar de mencionar sobre as apresentações de oficinas sobre nossos projetos no Simpósio de História na UFCat e na 28ª Semana de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia, só você para fazer eu apresentar com toda minha timidez, e foram momentos riquíssimos; e as amigas de trabalho e do mestrado Ana Lúcia Lopes, Sandra Mesquita e Simone Eliassim, cada uma incentivando e apoiando nos momentos de desânimo, indecisão e dúvidas.

Muito obrigada ao meu orientador Professor Dr. Paulo César Inácio pelas orientações de como tornar o projeto em um texto conciso e, principalmente por indicar as entrevistas que fizeram com que enriquecesse muito meu texto; e, através dos entrevistados pude perceber que os estudantes se sentiram honrados por fazer parte do meu trabalho, aqueles que normalmente não são vistos, puderam contar suas histórias, seus desejos e suas alegrias em poder conquistar um certificado. Assim como disse o Sr. MANOEL “Eu agora não sou mais analfabeto”;

Agradeço imensamente ao curso de Mestrado Profissional de História por nos acolher e dar visibilidade aos nossos projetos, pelas aulas com as Professoras Dra. Regma, Eliane, Luzia Márcia e professor Dr. Paulo; foram momentos enriquecedores que ficarão registrados em minha mente para sempre. Momentos que, às vezes, me sentia fora de lugar em meio aos colegas

mais jovens, e eu ficava admirando cada fala, e pensando “Meu Deus, onde eu vim parar?”, agora estou aqui finalizando essa etapa.

Não posso deixar de mencionar minhas colegas de orientação Acácia e Maíra, sempre trocando ideias, orientações e dicas de como melhorar nosso trabalho. Amizade que espero que fique para sempre. Vocês fizeram do mestrado um espaço de leveza, obrigada.

Agradecer aos professores da banca de qualificação Professora Dra. Luzia Márcia Rezende e ao Professor Dr. Sérgio Paulo pelas orientações e dicas do que poderia melhorar a dissertação, uma fala do professor Dr. Paulo Sérgio ficou na minha cabeça de que forma eu apareceria no texto como a professora ou como a pesquisadora, mas percebi que seria a visão da professora e da pesquisadora, pois através das aulas como professora desses alunos pude fazer a pesquisa sobre eles, como se sentiam no ambiente escolar do CEJA tanto presencial quanto pela EJA TEC. E também, as questões que a professora Dra. Luzia indicou, principalmente sobre a questão da exclusão digital que ficou evidente durante a pandemia da Covid-19. Não foi possível colocar todas as orientações, foram colocadas alguns na medida do possível.

O Mestrado foi um divisor de águas, pois através dele me senti capaz e que o que achava que não era útil foi enriquecedor para os meus conhecimentos. O apoio da direção do CEJA Professora Alzira de Souza Campos na pessoa da diretora Luceli Santília de Paula, da secretária Rosani Zilli e dos colegas que contribuíram para a pesquisa.

Meu muito obrigada!

Educação Popular

Aprender que o aprender
Não está somente no ler e escrever
Mas que existem outras formas de saber
A do viver, a do sentir, de quem chora de quem ri
Da dona Maria ao seu João
Que contam histórias com muita emoção
Do pescador ao catador de latinha
Que vive na rua aprendendo com a vida
Do samba de roda ao boi de mamão
Que cantam cultura através da canção
Do grafite no muro a pipa no ar
Que pintam pro mundo educação popular

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo lançar um olhar analítico ao processo de implementação do ensino de jovens e adultos na modalidade EJA TEC Educação a Distância no Estado de Goiás que foi iniciado no segundo semestre de 2019. Para compreender as etapas dessa nova modalidade de ensino, fez-se necessário estabelecer uma linha do tempo desde a primeira forma com a qual a educação para jovens e adultos foi praticada no estado goiano até o momento presente. Dessa forma, para embasar o trabalho que subscreve foi necessário a coleta de entrevista, trabalho na escola campo, além do embasamento teórico de autores que versam sobre a educação. Além disso, os órgãos competentes responsáveis pelo ensino em Goiás foram ouvidos, tendo em vista que a Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC-GO) alega que com essa nova modalidade o estudante terá mais flexibilidade de tempo para dar continuidade ao estudo que não foi completado no período adequado por vários fatores. Por conseguinte, a instituição de ensino CEJA Alzira de Souza Campos em Catalão foi uma das fontes de pesquisa para tessitura dessa pesquisa, de modo que através de entrevistas e depoimentos dos discentes da instituição e inseridos nesse momento de transição irão discorrer sobre como essa modalidade foi imposta e acerca de seus sentimentos no ambiente escolar e no ambiente virtual. Assim, utilizou-se também uma abordagem histórica sobre essas novas transformações implementadas no cenário educacional.

Palavras-chave: EJA TEC. Inclusão digital. Exclusão digital. Educação de Jovens e Adultos. Educação a distância.

ABSTRACT

This research aims to see an analytical look at the process of youth and adult education's implementation in the EJA TEC Distance Education modality in Goiás that what initiated in the second half of 2019. To understand the stages of this new teaching modality, it was necessary to establish a timeline from the first way in which education for young people and adults was practiced in Goiás to the present moment. And, to support the work that subscribes it was necessary to collect interviews, work in the field school, in addition to the theoretical basis of authors who deal with education. In addition, the competent bodies responsible for teaching in Goiás were heard, considering that the Secretary of Education of Goiás (SEDUC-GO) claims that with this new modality the student will have more time flexibility to continue the study that was not completed in the appropriate period due to several factors. Therefore, the educational institution CEJA Alzira de Souza Campos in Catalão was one of the research sources to the research's construction, so that through interviews and testimonies of the students of the institution and inserted in this moment of transition will discuss how this modality was imposed and about their feelings in the school environment and in the virtual environment. Thus, it is also used a historical approach on these new transformations implemented in the educational scenario.

Keywords: EJA TEC. Digital Inclusion. Digital Exclusion. Youth and adult education. Distance education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ranking mundial de inclusão digital – 2021.....	33
Figura 2: Percepção sobre riscos de disponibilizar dados pessoais em meios digitais – usuários acima de 16.....	34
Figura 3: Tela de login dos discentes da EJA TEC de Goiás.....	37
Figura 4: Página inicial da EJA TEC divididas por área de conhecimento.....	40
Figura 5: Tela inicial do login dos discentes da EJA TEC de Goiás – parte I.....	42
Figura 6: Tela inicial do login dos discentes da EJA TEC de Goiás – parte II.....	43
Figura 7: Mapa da distância entre as residências dos discentes e a unidade do CEJA.....	53
Figura 8: Fachada do CEJA Professora Alzira de Souza Campos.....	54
Figura 9: Laboratório da EJA TEC no CEJA – 1.....	63
Figura 10: Laboratório da EJA TEC no CEJA – 2.....	63
Figura 11: Laboratório da EJA TEC no CEJA – 3.....	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Demonstrativo Matrículas EJA-TEC 2019/2022.....	44
Gráfico 2: Porcentagem de homens e mulheres do CEJA de Catalão no Ensino Fundamental de 2022.....	49
Gráfico 3: Porcentagem de homens e mulheres do CEJA de Catalão no Ensino Médio de 2022.....	50
Gráfico 4: Porcentagem de homens e alunas do CEJA de Catalão na EJA Prisional.....	50
Gráfico 5: Porcentagem de homens e mulheres do CEJA de Catalão na EJA TEC em 2022.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modulação de professores.....	41
Quadro 2: Números de discentes matriculados no CEJA de Catalão no segundo semestre de 2021 no EJATEC divididos por gênero, idade e série, presencial.....	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I – EDUCANDO PARA A VIDA JÁ VIVIDA: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.	23
1.1 A EJA	26
1.2 Funções da EJA	29
1.3 A história do EAD	32
1.4 Inclusão e exclusão digital.....	34
1.4.1 Mapa de inclusão digital no Brasil	36
CAPÍTULO II – EJA TEC EM GOIÁS.....	39
CAPÍTULO III – EJA TEC SOB A PERSPECTIVA DA MEMÓRIA DOS ENTREVISTADOS.....	52
3.1 Dados do perfil dos discentes	52
3.2 Entrevistas e relatos dos alunos selecionados do CEJA de Catalão	55
3.3 Experiência pessoal e finalização das entrevistas.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	77

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investigou a construção do ensino formal voltado para jovens e adultos – EJA, principalmente no formato EJA TEC¹, termo que será posteriormente detalhado, construída em Goiás, apresentando como ocorreu à implantação da EJA TEC e os impactos que foram provocados na vida dos discentes além das implicações no processo de ensino/aprendizagem, como participante ativa deste processo. A EJA TEC é uma das modalidades do Novo Ensino Médio para a Educação de Jovens e Adultos. O programa conecta a EJA com a Educação Profissional em EAD, a sua implementação é justificada pelo Estado visando aumentar a empregabilidade dos estudantes e estimular a continuidade dos estudos.

Reconhecer os percalços de nossa trajetória é fundamental para inspirar as gerações futuras e aqueles que desejam trilhar o mesmo percurso conhecido, por isso, este texto terá também um caráter de memorial e busca relatar as experiências vivenciadas na carreira docente e na educação de jovens e adultos. Trazendo sempre a premissa da educação enquanto ferramenta de transformação, tive um itinerário voltado para essa área desde a tenra idade. Com um desempenho dedicado e responsável, sempre nutria o desejo de alcançar independência e vi nos estudos essa possibilidade. Quando quis ingressar na faculdade dialogava com minha mãe e defendia a ideia de que era necessário estar na faculdade, buscando conhecimento e atualização para ter uma profissão, ao invés de permanecer em casa, alimentando o ócio e tendo a televisão como única fonte de informação.

A partir dessa decisão e por meio da aprovação no vestibular do ano de 1990 dei início aos estudos no curso de Letras – Português, em 1991, no Campus Avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás, vindo a concluir em 1994, com muitas dificuldades, buscando conseguir conciliar o estudo com o trabalho, a graduação foi cursada em período noturno, e devido ao cansaço do dia o aproveitamento não era total e, conseqüentemente eu ainda não almejava a carreira docente com paixão. Entretanto, durante a prática de estágio, o contato com discentes, a execução de aulas supervisionadas, a realização da profissão em si, fui acometida por um sentimento de pertencimento ao ambiente escolar e surgiu, posteriormente, após o término da graduação, a possibilidade de dar aula na Educação de Jovens e Adultos, permanecendo desde 1996 até o presente momento.

¹ O EJATEC é uma das modalidades do Novo Ensino Médio para a Educação de Jovens e Adultos. O programa conecta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a Educação Profissional, visando aumentar a empregabilidade dos estudantes e estimular a continuidade dos estudos.

Iniciar essa trajetória foi desafiador, diante de discentes com vasta experiência de vida e trazendo junto da indumentária do trabalho docente uma série de inseguranças, me vi superando desafios constantemente até angariar a confiança dos educandos. Por se tratar de uma EJA era preciso que eu me adaptasse com discentes mais velhos que vinham do trabalho cansado, sem muitos recursos financeiros e com muitos problemas na vida: falta de dinheiro, falta de comida em casa, mulheres com muitos filhos para cuidarem, maridos que não incentivavam os estudos, entre vários outros. Porém, cultivando a afetividade em todos os atos, entendendo que mais do que a figura de um transmissor de conteúdo, o professor precisa lançar um olhar de humanidade para os estudantes, busquei uma relação afável que culminou em laços saudáveis de trocas de experiências com os discentes, ouvindo-os sempre que necessário.

Experiência está que foi capaz de moldar meu olhar docente e passou a ser um paradigma no tocante à percepção da escola enquanto espaço de interação. Porém, em meados dos anos 2000 a EJA foi expandida para outras escolas da cidade – em diferentes localidades para facilitar a mobilidade dos alunos – e, por isso, ela deixou de se concentrar apenas no CEJA – Professora Alzira de Souza Campos e, com a diminuição do número de discentes no CEJA e oferta de aulas; para completar a carga horária de trabalho; tive que exercer minhas funções escolares em várias outras instituições, em turno diferente, outras séries, em educação regular, não apenas jovens e adultos; até meados de 2020, porém continuei com algumas aulas no período noturno no CEJA. Com essas mudanças, a minha percepção da sala de aula mudou e sentia uma enorme diferença de realidade quando este cenário modificou, principalmente no que diz respeito ao público atendido: ao ser convidada para trabalhar com adolescentes notei muitas diferenças que me fizeram aumentar a admiração pela Educação de Jovens e Adultos. Acredito que pelo fato de ter concluído os estudos no ensino médio e na graduação também no período noturno e sendo trabalhadora durante o dia, me identificava com a dificuldade com o público da EJA, já que muitos estavam cansados da correria do dia a dia, porque muitos saiam do trabalho e iam direto para o CEJA.

Ainda acerca dessa trajetória, no ano de 1998, houve abertura de um concurso a nível estadual que obtive aprovação – o que antes era temporário se efetivou em 1998 – e a posse do cargo foi feita no ano seguinte. A escola outrora chamada CES – Centro de Estudos Supletivo é hoje o CEJA Professora Alzira de Souza Campos e está localizada em um bairro central. No CEJA é oferecido somente o ensino para Jovens e Adultos, no período matutino é ofertada 2ª e 3ª etapa; que corresponde ao ensino fundamental II e ensino médio; e no período noturno além da 2ª e 3ª etapa há também o EJA TEC à distância para o ensino médio. E hoje no ano de 2023 passou a ofertar o ensino fundamental II.

Na minha experiência enquanto professora identifiquei que o perfil dos discentes do CEJA Alzira de Souza Campos é composto por pessoas de várias classes sociais, culturais e gêneros. A classe social é bem variada e os discentes são trabalhadores formais e informais, apesar de ter também os que não trabalham. O gênero, segundo o levantamento das matrículas de 2021/2, gênero feminino predominava com quase 70%, mas há também masculino, transgêneros, gênero neutro e não binários.

No transcorrer da minha experiência enquanto professora foi surgindo a possibilidade de qualificação em nível de pós-graduação. Como minha formação inicial é Letras demonstrei certa resistência diante da ideia de tentar uma vaga no Programa de Pós-graduação em História, nível Mestrado profissional, uma vez que já estava há anos longe da rotina acadêmica e envolta somente no cotidiano escolar. Porém, não faltou incentivo por parte de amigas e companheiras de profissão para que fosse convencida a tentar. Diante de algumas dificuldades para encontrar a linha de pesquisa correta, mas tendo a certeza de que seria algo voltado a Educação de Jovens e Adultos, decidi engajar nessa busca já que a minha grande paixão e realização está em ofertar aulas para os discentes jovens e adultos da EJA.

Ao escolher o tema de pesquisa fiz a escolha a partir da minha atuação enquanto professora da EJA. O projeto inicial para essa pesquisa no mestrado traria a experiência acumulada nesses anos em sala de aula enquanto professora de Língua Portuguesa e carregando certa inquietação sobre a invisibilidade e falta de investimentos que visam melhoria na educação desses estudantes. Vale salientar que muitas mudanças ocorreram no cenário educacional da EJA desde que comecei, mas em nenhum momento para melhorar a realidade dos discentes ali matriculados.

Além disso, outro fator de inquietude que provocou este trabalho foi o fato de que no segundo semestre do ano de 2019 surgiu à implantação do regime de EAD que aconteceu de forma imposta, não havendo preocupação por parte da Secretaria Estadual de Educação nem com o corpo discente ou docente, afinal não houve escolha nem para os professores e nem para os discentes: ou aderiam à nova modalidade ou procurariam novas instituições escolares. Mas eles tiveram que estudar através da plataforma apresentada ou deveriam frequentar outra instituição escolar. Alguns estudantes continuaram, porém, uma grande parte não aderiu ao EJA TEC.

Engajada em estudar esses pontos, surge o presente trabalho que investigou a implantação do ensino de jovens e adultos na modalidade EJA TEC em Goiás e visa fazer uma abordagem histórica sobre essas transformações que estão ocorrendo. Além disso, é possível trabalhar com os discentes nas duas modalidades, pesquisando as experiências vividas pelos

discentes ao escolher esse tipo de ensino, mostrando as dificuldades em dominar as tecnologias e a aprendizagem principalmente para os discentes com faixa etária mais avançada. A EAD implementada é muito desconectada das condições de vida dos discentes, mas nessa pesquisa valorizamos a compreensão de como os discentes viveram, deram significado diante das mudanças ocorridas.

No início da pesquisa buscamos identificar o perfil do discente que compõem o CEJA Professora Alzira de Souza Campos, para isso levantamos dados sobre os alunos além de também fazer um relatório para analisar a quantidade de discentes que estavam matriculados no primeiro semestre de 2021 e estabelecer uma comparação de dados gerais sobre esses discentes. Dessa forma, a secretaria da escola CEJA Alzira de Souza Campos foi consultada e a profissional do cargo enviou os dados para que as análises pudessem ser efetivadas. Com os dados em mãos, foram feitos cálculos e estatísticas para verificar idade, sexo e série dos estudantes matriculados na instituição. Trabalho meticuloso e detalhado que culminou em resultados surpreendentes que serão apresentados no último capítulo desta dissertação.

Para dar continuidade às ações do presente trabalho, utilizou-se um questionário com perguntas dentro do contexto e necessidades do estudo para a coleta de informações referentes ao posicionamento crítico dos discentes. Além disso, houve prática de entrevistas, que seriam importantes para compreender o porquê de os estudantes terem interesse por essa modalidade de ensino.

A pesquisa está organizada em três capítulos: o primeiro será apresentado como começou a educação de jovens e adultos no Brasil e como a inclusão digital está posta na sociedade atual. As transformações históricas que ela sofreu/sofre, explorando como essas mudanças estão articuladas com projetos, geralmente vinculados mais aos interesses do mercado capitalista do que com as condições dos discentes.

No segundo capítulo discorreremos sobre a EJA TEC, o que é e como foi implantada em Goiás. Exploramos justificativas dadas pelo Estado para as mudanças, identificando, por um lado como o discurso de “melhoria” das relações de ensino e aprendizagem é desconstruída na experiência dos discentes.

No terceiro e último capítulo discorreremos sobre A Educação de Jovens e adultos à distância, fazendo um apanhado geral sobre essa modalidade. Neste capítulo identificamos projetos construídos no Brasil para atender essa modalidade de ensino, quais perspectivas políticas apresentam e como lida com os estudantes, tudo isso através da análise dos dados obtidos, e será apresentado o modo como os discentes recompõem os significados de estudarem no CEJA de Catalão.

Para a metodologia esta pesquisa bibliográfica conta com entrevistas orais com os discentes do CEJA Professora Alzira de Souza Campos; a pesquisa documental será feita com documentos da SEDUC-GO, PPP (Plano Político Pedagógico) do CEJA Alzira de Sousa Campos, em livros de autores como Paulo Freire, Miguel Arroyo, artigos e teses do gênero, todas retiradas do Google Acadêmico, Scielo e Banco de dissertações e teses das universidades.

Almejamos compreender com essa pesquisa como os trabalhadores-estudantes se sentem e o que querem ao retornar aos bancos escolares depois de um tempo fora desse ambiente, característica típica dos discentes da EJA; e quais são as propostas dos governos para essa modalidade tão necessitada de atenção, investimentos sérios e comprometimento para que façam com que esses estudantes queiram de fato, não só pela necessidade, estar de volta ao chão da escola. Por isso, este trabalho terá como foco específico a interpretação das narrativas dos entrevistados, como deram significados às suas experiências que serão apresentados no capítulo de análise, terceiro capítulo, que mostrarão duas vertentes deste processo, discentes que apresentaram seus relatos sobre a EJA TEC e a minha visão como professora da Educação de Jovens e Adultos.

CAPÍTULO I – EDUCANDO PARA A VIDA JÁ VIVIDA: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.

Ao longo deste primeiro capítulo será apresentada uma reflexão sobre como surgiu a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e suas mudanças ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito ao foco específico da pesquisa: surgimento, implantação e mudanças na EJA TEC especificamente em Goiás.

Inicialmente, para entender a formação da EJA é preciso discorrer sobre a lei nº 9.394 - LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 1º de 1996 consta que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Essa lei nos mostra que a educação é direito de todos. De acordo com Alves (2002), a LDB 9.394/96 foi aprovada pelo cumprimento de um programa “tornando-se um marco simbólico de uma guinada neoconservadora da educação no Brasil na década de 90, nos moldes do ideário neoliberal” (ALVES, 2002 *apud* CERQUEIRA, 2012).

Esse programa [governamental da educação no Brasil] começou a ser implementado no Brasil de forma mais sistemática e incisiva no governo de Collor e de FHC; ainda assim, a lei permanece ambígua porque conceitua, mas não assegura o próprio cumprimento. [...] A LDB 9.394/96 não cessou os debates em torno da educação. Novas emendas e programas foram alvo de impasses no legislativo e entre os representantes dos profissionais da educação. Novamente os interesses do público e do privado foram colocados em contestação, a exemplo do programa de concessão de bolsas para cursos de graduação em instituições particulares (PROUNI), discutindo-se qual seria a melhor aplicação dos recursos do programa: incrementar a educação superior pública ou incentivar o setor privado. Mediante estudo acerca do percurso da LDB, foi observado que a lei está envolvida num sistema de interesses públicos e privados. (CERQUEIRA *et. al*, 2012).

Vários estudiosos da área afirmam que a LDB 9.394/96 tem seu valor, mas também tem suas lacunas. Além disso, em qual realidade essa lei pode ser aplicada? Não apenas para os discentes que necessitam trabalhar e precisam de uma escolarização com certa urgência, como também os professores que acabam não tendo possibilidade de melhorar formação e tem baixos rendimentos. Essas lacunas nos levam a perguntas para a construção deste trabalho, além de dúvidas como quais são os reais motivos que fazem com que muitas pessoas deixem os estudos tão cedo, se esse direito é garantido por lei? Esta questão também nos proporcionou certa inquietude.

Através das narrativas dos estudantes que chegam à Educação de Jovens e Adultos é possível afirmar que, por meio das narrativas que chegam até mim – em relatos informais do dia a dia, muitos dizem, com uma grande frequência, terem deixado os estudos pela necessidade de trabalhar já que não conseguiam conciliar os dois. Vale destacar que a EJA foi criada para suprir a necessidade desse público que precisa trabalhar, porém, uma parcela desse público não consegue levar os estudos adiante juntamente com o trabalho – que muitas vezes são trabalhadores de serviços pesados. Há também os que afirmam que muitos pais que não viam a necessidade de o filho seguir com os estudos, ou seja, o trabalho era mais necessário. Esses relatos aparecem também nas entrevistas que serão apresentadas adiante dos discentes entrevistados, onde serão detalhados. Porém, estes mesmos discentes/trabalhadores que tiveram que deixar os estudos por trabalho ou outros motivos, retornam à Educação de Jovens e Adultos porque, dentre vários ensejos, as empresas querem que seus colaboradores tenham o certificado de conclusão de seus estudos ou eles mesmos têm interesse em se aperfeiçoarem e terminarem os estudos.

Para este processo de retorno dos discentes o CEJA tem um papel fundamental, pois segundo o Projeto Político Pedagógico da escola deve ficar visível o empenho do corpo docente para que esses estudantes possam se sentir acolhido e dessa forma dar continuidade e concluir seus estudos.

O corpo docente procura se desdobrar, porque muitas dessas pessoas têm que ser alfabetizados com plano individualizado para cada dificuldade do aluno, acolhendo aos que, não tiveram oportunidade de frequentar na idade própria, fazendo com que estes tenham a oportunidade de desempenhar suas funções, na família, no trabalho e na sociedade (PPP – CEJA, p. 31, 2021).

No entanto, até o primeiro semestre de 2019 a Educação de Jovens e Adultos do Estado de Goiás era somente com aulas presenciais, com categorias divididas em etapas: primeira etapa é o ensino fundamental I, a segunda etapa o ensino fundamental II e a terceira etapa o ensino médio. Porém, para que os discentes pudessem ter outra forma de ter acesso aos estudos, a Secretaria de Educação do Estado de Goiás (Seduc-GO) criou, no segundo semestre de 2019, a modalidade de ensino EJA TEC que é uma das modalidades do Novo Ensino Médio para a Educação de Jovens e Adultos. O programa conecta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a Educação Profissional em EAD, visando aumentar a empregabilidade dos estudantes e estimular a continuidade dos estudos que acontecem em 80% de forma digital em uma plataforma online. Os outros 20% da carga horária é cumprida presencialmente com o auxílio de um moderador/professor das áreas de conhecimento específicas. Assim, a Secretaria de

Estado da Educação de Goiás – Seduc-GO afirma que as tecnologias de comunicação e informação são ferramentas possíveis para garantir aos jovens e adultos o acesso, a permanência e a conclusão dos estudos na educação básica.

Porém, a Seduc-GO, implantou essa modalidade sem a participação e consulta aos estudantes e professores, impondo, de forma inegociável, que as matrículas do 1º semestre da 3ª etapa fossem feitas somente no regime EAD, causando um grande desconforto, tanto na classe discente quanto na classe docente, com problemas diferentes: uma grande parte dos professores ficariam sem suas turmas, tendo que procurar novas escolas para completar sua carga horária e, os estudantes também que não quisessem matricular nessa nova forma de ensino teriam que procurar uma nova escola. A construção da proposta desprezou discentes e docentes como protagonistas do processo, privilegiando a leitura técnica e, possivelmente, critérios econômicos como diretriz para as mudanças. De certo modo, esse é um aspecto importante para o tema, pois resultou em aumento de precarização do trabalho docente. Além disso, permitiu que tutores entrassem no processo de ensino aprendizagem e tal fato prejudica fundamentalmente a totalidade do conjunto.

Vários professores do estado de Goiás inteiro perderam aulas, incluindo esta pesquisadora, pois em turmas que havia, em média, 10 professores, passou-se a ter 04 professores divididos por área de conhecimento e passaram a ser chamados de moderadores ou tutores. Em geral no CEJA de Catalão todos os professores que não fecharam suas cargas por falta de adesão imediata ao EJA TEC tiveram que completarem sua carga horária em outras escolas – destacando que vários fatores levaram a essa falta de adesão, inclusive a não familiaridade dos professores com o meio tecnológico e a insegurança ao manusear plataformas digitais de conteúdo escolar; afinal a própria Seduc-GO ofereceu apenas um curso de formação para os tutores, em 2019, que precisavam também terem bons notebooks pessoais para as aulas, além de boa internet; todos que entraram na EJA TEC depois deste curso tiveram que aprender a manusear a plataforma através de auxílio de outros tutores do polo.

Outro fato de importante destaque é que isso tudo aconteceu no segundo semestre do ano de 2019, ou seja, as outras escolas já estavam com sua grade de professores fechada, gerando assim um clima angustiante entre o corpo docente, afinal turmas foram fechadas e com a diminuição de aulas – afinal 80% ficavam a cargo apenas da plataforma digital – eles ficaram sem ter para onde ir. A violência do processo negligencia a afirmação de Paulo Freire (2002):

Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói em nós,

um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa[...] (Freire, 1996).

Freire (1996) deixa claro nesta citação que nossa educação não pode ficar à mercê de mudanças que desestabilizam o processo de ensino-aprendizagem e que prejudicam diretamente os discentes. Porém, muitas mudanças provocadas pela pandemia acabaram desrespeitando a educação, os educandos e os educadores. Não é só a pandemia afinal, o Governo do Estado aproveitou o período pandêmico para implementar a proposta de EJA TEC com parte remota. Afinal, qual é a intenção do governo estadual com essa implantação da EJA TEC? Para que essas análises se concretizem alguns conceitos anteriores que demonstram as mudanças ao longo dos anos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil precisam ser apresentados e entendidos antes, como faremos a seguir.

1.1 A EJA

Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil vem juntamente com a colonização através dos padres jesuítas com a catequização dos povos indígenas, a alfabetização e o ensinamento da língua portuguesa e a aculturação imposta a esses povos; neste caso em específico dar a educação era, ao mesmo tempo, tentar fazê-los aceitar a colonização portuguesa e a forma de viver da sociedade europeia. Com a vinda da família real para o Brasil, surgiu à necessidade da formação de trabalhadores para atender a aristocracia portuguesa e, com isso, implantou-se o processo de escolarização de adultos com o objetivo de servirem como serviços da corte e para cumprir as tarefas exigidas pelo Estado (FRIEDRICH et. al, 2010, p.394).

A identidade da educação brasileira foi sendo marcada então pelo elitismo que restringia a educação às classes mais abastadas. As aulas régias – latim, grego, filosofia e retórica – com ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos – apenas os homens brancos – dos colonizadores portugueses, excluindo-se assim as populações negras e indígenas masculinas e toda a população feminina.

Com isso, em 1824 foi criada uma lei que daria direito a educação primária a todas as pessoas, com o objetivo de que todos pudessem ser alfabetizados, mas infelizmente essa lei ficou só no papel, afinal, a criação de escolas de qualidade que gerassem conteúdo para formação real de bons discentes começou bem lentamente, que pode ser comprovado na fala de Sérgio Haddad e Clara De Pierro em relação ao grande número de pessoas sem um grau de instrução:

O censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta. Até esse período, a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas. Isso só viria a ocorrer em meados da década de 1940. (HADDAD; DE PIERRO, 2000, p. 110).

A Constituição de 1834 propôs a criação de um Plano Nacional de Educação que fez com que o governo federal fiscalizasse e coordenasse os investimentos que os estados e municípios fariam na educação, como citam os mesmos autores:

l: vinculou constitucionalmente uma receita para a manutenção e o desenvolvimento do ensino; reafirmou o direito de todos e o dever do Estado para com a educação; estabeleceu uma série de medidas que vieram confirmar este movimento de entregar e cobrar do setor público a responsabilidade pela manutenção e pelo desenvolvimento da educação. (HADDAD; DE PIERRO, 2000, p. 110).

Sobre essa necessidade em acabar com o problema do analfabetismo vários estudiosos apontam que surgiram, nas primeiras décadas do século XX, muitas propostas de reformas para a educação, no sentido de extinguir o analfabetismo entre os adultos, tais como: reorganização dos cursos noturnos, modificações nos conteúdos, criação de ensinos supletivos e cursos profissionalizantes. Acabar com o analfabetismo no Brasil tornou-se objetivo de muitos, mas ao mesmo tempo em que existia essa necessidade de alfabetizar a população, havia em contrapartida, uma preocupação por parte da elite de perderem o controle sobre os referidos. (HADDAD; DE PIERRO, 2000). A Educação de Jovens e Adultos – EJA – faz parte do Brasil, historicamente, desde a colonização, mas apenas em 1934 que a educação de adultos começou a fazer parte realmente das preocupações do Brasil, justamente quando foi fixado o Plano Nacional de Educação dentro da Constituição Federal do Brasil do mesmo ano. O artigo 150 desta Constituição dispunha da competência da União de fixar o Plano Nacional de Educação, compreendo o ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e coordenar e fiscalizar sua execução, em todo o país.

Este sempre foi, e ainda é, o grande impasse social: quanto mais educação dar às classes populares mais elas se tornariam capazes de se livrarem do controle da elite. Então, é possível afirmar que essa Educação de Jovens e Adultos formalizada tem suas primeiras aparições datadas no início do século XX, modalidade esta que, historicamente, se articulou de modo a satisfazer as necessidades capitalistas provenientes dos novos meios de produção, visto que a partir da Revolução Industrial a mão de obra qualificada era necessária para manuseio do maquinário.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando está se revista da falsa generosidade referida (Freire, 1987, p. 31).

Freire nesta citação acima deixa claro que a educação deve ser emancipadora e não controladora, chegando a classificar como “generosidade falsa” o interesse do Governo educar os jovens e adultos; já que o objetivo era também controlar a classe trabalhadora. Por isso, vale afirmar que a preocupação acerca do analfabetismo presente no início do período republicano não possuía como principal premissa a erradicação das desigualdades, e sim propagar a educação como forma de alcançar o progresso nacionalmente idealizado com base nos moldes da modernidade europeia, afinal educação escolar passou a ser uma exigência social para todos somente a partir da época Moderna que deslocou a economia da agricultura para a indústria, a política do campo para a cidade e o processo produtivo do trabalhador para as máquinas; que ia além disso: uma escola pública para todos defendida pela burguesia em fase revolucionária.

Com o processo de industrialização e a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)¹ em 1942, a educação profissional passa a ser vislumbrada como importante veículo para que os cidadãos tenham acesso às conquistas tecnológicas da sociedade como um todo, instrumento para a compreensão do processo produtivo, como instrumento de apropriação do saber tecnológico, de reelaboração da cultura do trabalho, de domínio e geração do conhecimento no seu campo profissional que deve vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. É nesse momento que a qualificação profissional passa a se instituir dentro da EJA. (FRIEDRICH *et al*, 2010, p. 393).

Em meio ao processo de oferta da educação estatal aos jovens e adultos, Paulo Freire surge como antítese à educação bancária e meramente estatal, apontando a educação como fator essencial para a existência dos indivíduos, contanto que seja disseminada em sua verdadeira face, a libertadora.

Ao final da década de 1950, o educador pernambucano Paulo Freire iniciou a sistematização de seu método de ensino para a alfabetização de adultos. Suas primeiras experiências de aplicação do método se iniciaram na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1962, tendo a participação de 300 trabalhadores que foram alfabetizados em 45 dias. O método freiriano estimulava a compreensão do registro escrito a partir do conhecimento do aluno e da conscientização da população sobre a realidade brasileira de maneira dialógica. Considerava que a educação, para ser transformadora e emancipadora, necessitava considerar e respeitar as pessoas, suas culturas e modo de vida. (BECK, 2016, p. 04).

De 1958 até 1961 foi realizada a Campanha Nacional de Analfabetismo e em 1958 aconteceu o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, um marco para o ensino EJA, no qual Paulo Freire foi destaque. Paralelo à ação governamental, este evento foi fruto da ação da sociedade civil, que ansiava por uma mudança no quadro socioeconômico e político da nação. Em 1967, durante a ditadura civil militar foi instituído Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, e embora ele propagasse um discurso voltado à educação, suas principais aspirações consistiam na oposição aos ideais freiriano de educação, e no controle político e ideológico da população.

Tal controle era efetivado através da centralização dos mecanismos e instituições de ensino, ficando à mercê de inspetorias do estado. Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, “Lei nº 5.692, promulgada em 1971, incluiu, pela primeira vez na história das legislações educacionais, um capítulo destinado à EJA, então chamada de Ensino Supletivo.” (OLIVEIRA, 2007. p. 246). Em parágrafo único, a legislação ainda exprime que “as entidades particulares que recebam subvenções ou auxílios do Poder Público deverão colaborar, mediante solicitação deste, no ensino supletivo de adolescentes e adultos” (BRASIL, 1971), que mostra uma abertura estatal para intervenções privadas nesta modalidade de educação. Foi assim que foi passada a responsabilidade pública da EJA – lembrando que o texto não cita a EJA, apenas os termos adolescentes e adultos – para os municípios e a educação de jovens e adultos começou a funcionar melhor. A lei 5692 não foi uma LDB (para a Educação Nacional), apesar de alguns autores afirmarem isso; o que se tem com certo consenso é que ela seja uma adequação da LDB de 1961. Por isso, foi denominada Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus.

1.2 Funções da EJA

Nada mais significativo e importante para a construção da cidadania do que a compreensão de que a cultura não existiria sem a socialização das conquistas humanas. O sujeito anônimo é, na verdade, o grande artesão dos tecidos da história. Por isso, torna-se necessário destacar que o parecer CNE/CEB nº 11/2000, fundamentado pela Lei 9394/96, apresenta três funções básicas do ensino de caráter regular à Educação de Jovens e Adultos:

Função Reparadora da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma

perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Logo, não se deve confundir a noção de reparação com a de suprimento. (BRASIL, 2020, nº 11/2000).

A segunda função da EJA, de acordo com o Parecer citado é:

Função Equalizadora da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes "novos" discentes e "novas" alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização. (BRASIL, 2020, nº 11/2000).

No tocante a terceira função da EJA, lê-se que existe a:

c) Função permanente da EJA que pode se chamar de Qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade. (BRASIL, 2020, nº 11/2000).

Tais demandantes, segundo o Parecer CNE/CEB nº 15/98, têm um perfil a ser considerado, cuja caracterização se estende também aos postulantes do ensino fundamental: são adultos ou jovens adultos, geralmente mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram trabalhar, trabalhadores que precisam estudar, os estudantes do ensino médio tendem a tornar-se mais heterogênea, tanto etária quanto socioeconomicamente, pela incorporação crescente de jovens adultos originários de grupos sociais, até o presente, sub-representados nessa etapa da escolaridade. Não se pode considerar a EJA como conceito orienta apenas como um processo inicial de alfabetização. A EJA busca formar e incentivar o leitor de livros e das múltiplas linguagens visuais juntamente com as dimensões do trabalho e da cidadania. Reis e Lopes (2019) comentam que:

[...] deve-se considerar que são sujeitos excluídos da escola, pessoas já inseridas no mundo do trabalho e que apresentam uma trajetória de vida rica em experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre si mesmo e sobre o mundo. (REIS; LOPES, 2019, p. 22).

Retratando que os conhecimentos adquiridos em qualquer lugar, mesmo não sendo dentro do um ambiente escolar, traz sua valia para o mundo em que estão inseridos e que devem ser valorizados e compartilhados. Precisa-se, antes de tudo, ter um olhar para a realidade a qual

se encontram essas pessoas. E, isso foi observado pela professora Maria M. Machado que teceu esse discurso:

É necessário olhar onde essa pessoa está outras oito horas, dez horas de trabalho dela e somar competências, habilidades, os conhecimentos que ela adquire nessa experiência e que isso possa compor esse currículo mais ampliado de jovens e adultos, e aqui é realmente um desafio independente de nós estarmos falando de PROEJA ou do ensino fundamental EJA, ou do ensino médio EJA. (MACHADO, 2022, s. p.).

É preciso que antes que se criem leis ou diretrizes para a Educação de Jovens e Adultos levem em conta o meio no qual eles estão inseridos. Após nova reforma da Lei de Diretrizes e Bases – LDB – de 1996 surgiram algumas modificações no âmbito da Educação de Jovens e Adultos e passa a ser regulamentado que a oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, “com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se, aos que forem trabalhadores, as condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996). A EJA se apresenta em diversos formatos atualmente, destacando que o foco deste trabalho é apenas a EJA TEC, com dados do PPP:

- EJA: A educação para adultos é o tipo de educação orientado para adultos que não completaram ou abandonaram a educação formal. É uma prática em que adultos se envolvem em atividades sistemáticas e sustentadas de autoeducação a fim de obter novas formas de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.
- EJA TEC: O Programa EJA TEC é uma das propostas do Novo Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nele, os discentes têm 300h de educação profissional integrada à formação geral básica e recebem, ao concluir o curso, o certificado de Ensino Médio.
- EJA Prisional: EJA dentro das cadeias para oferecer aos presos à oportunidade de estudarem enquanto estão reclusos. A cada 12 h/a assistida o detento tem direito a um dia de redução na pena.
- Educação Indígena; Educação do Campo; EFA (Escola de Família Agrícola) e Quilombolas / Kalungas: EJA oferecida aos indígenas e moradores das zonas rurais que podem frequentar – como qualquer cidadão – a EJA da cidade ou a EJA pode ir até regiões que precisam de professores para alfabetizar esses cidadãos.

1.3 A história do EAD

No Brasil a EAD – recurso fundamental para a elaboração deste já que a EJA TEC acontece em forma de EAD – teve seu primeiro registro de atividade em 1904 com uma ação do Jornal do Brasil que começou a oferecer um curso voltado para datilógrafos por meio de correspondências². Vale destacar que essa escolarização de jovens e adultos pode ser considerada, em toda sua trajetória, como uma proposta política redimensionada à plataforma de governo na tentativa de elucidação de um problema decorrente das lacunas do sistema de ensino regular. Estudantes que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos em um momento mais adequado devido a diversos contratempos como: mercado de trabalho, falta de incentivo, e distorção de idade.

A falta de políticas públicas educacionais que levasse o conhecimento a toda população para que a taxa de analfabetismo diminuísse levou a história do Brasil para outro caminho, porém, em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileiro que previa um tratamento específico para a Educação de Jovens e Adultos e, foi a partir da década de 40; com grande força na década de 50; que a educação de jovens e adultos volta a pautar a lista de prioridades necessárias do país. Em 1938 foi criado o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e a partir de suas pesquisas e estudos, foi fundando em 1942 o Fundo Nacional do Ensino Primário com o objetivo de realizar programas que ampliasse e incluísse o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. (STRELHOW, 2010). É preciso entender um pouco dessa modalidade de ensino que começou há muito tempo até chegar à Educação a distância, tendo em vista que, para o ensino a distância serão enfatizados dois períodos: em 1941 com a criação do Instituto Universal Brasileiro e em 1970 ao Projeto Minerva.

À medida que a história foi se modificando, a EAD acompanhou essas mudanças. A priori, o meio de envio eram as cartas enviadas aos inscritos que as respondiam e devolviam para ser corrigida depois, através das ondas do rádio e televisão, a criação das Universidades Abertas utilizando dos recursos audiovisuais e videoconferência e agora na atualidade com os meios tecnológicos e digitais online em salas virtuais tanto no ensino básico como no ensino superior. A educação a distância no Brasil vem se transformando com o passar dos tempos. No Portal da Cátedra UNESCO de Educação à distância, da Universidade de Brasília (UNB) foi

² Dados disponíveis no site www.ead.com.br/blog/como-surgiu-ensino-a-distancia . Acesso em 10 de jul. de 2023.

registrada a informação de que inicialmente na Grécia e depois em Roma, existia uma rede de comunicação que permitia o desenvolvimento significativo de correspondência. As cartas que transmitiam conteúdos pessoais e coletivos juntavam-se as que transmitiam informações científicas e aquelas que, intencional e deliberadamente se destinavam a instrução (UNB, 2010, p. 1).

Este trecho confirma, contudo, que o ensino à distância veio da antiguidade e não como alguns estudiosos remetem que esse tipo de ensino tenha surgido no século XV, com a invenção da imprensa de Gutemberg³ na Alemanha. Apesar dessa definição é preciso levar em conta que o ensino a distância é visto pelo governo mais como uma contenção de recursos, pois o ensino presencial tem um nível de aprendizagem maior. Belloni (2001), dentro deste contexto, até propõe uma nova definição do EAD como sendo “a aprendizagem aberta e a distância (AAD) se caracteriza pela flexibilidade, abertura dos sistemas e maior autonomia do estudante”. (2001, p. 8). E, dessa maneira a EAD começou a tomar espaço nas instituições de ensino brasileiras devido à instauração da Lei n.º 9.394 de 1996, que regulamentou e tornou válida a educação a distância para todos os níveis de escolarização. Com isso o Ministério da Educação e Cultura (MEC) iniciou o credenciamento das faculdades a partir de 1999. O decreto do Ministério da Educação nº 5622, de dezembro de 2005, que regulamenta a EAD, a caracteriza como: modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógico nos processos de ensino e aprendizagem ocorrem com a utilização de meios de tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvem atividades educativas em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2005).

Conforme já estabelecido pela Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018, na modalidade de educação de jovens e adultos, Ensino Médio, a oferta de EAD é limitada a no máximo 80% (oitenta por cento) de sua carga horária total, tanto na formação geral básica quanto nos itinerários formativos do currículo, desde que haja suporte tecnológico – digital ou não – e pedagógico apropriado. O estudante deverá ser apoiado com Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA –, com mídias e/ou materiais didáticos impressos, consoante a Resolução CNE/CEB nº 3/2010, considerando que a internet não será a única ferramenta da EAD, já que pode e deve ser disponibilizada também versão impressa do material ao estudante.

As tecnologias estão presentes em quase todas as áreas da atividade humana, principalmente no período de 2020/2021 devido à pandemia mundial pelo vírus da Covid-19. A interação dos estudantes com as tecnologias digitais precisa estar amparada por professores,

³ A invenção da imprensa por Johann Gutenberg, no século XV, foi um dos acontecimentos que mudaram a história da leitura e da circulação de ideias em escala mundial.

tutores, orientadores, pois estes terão um apoio educacional mais abrangente. Mas o período revelou também um amadorismo em torno do uso das tecnologias por parte das escolas estatais, particulares e dos/das docentes. O que fez com que um sistema de ensino sincrônico e diacrônico fosse criado pela prática coletiva. Isso é, a tecnologia por si não fez com que ensinos à distância fossem de fato postos em funcionamento, através da agência dos/das profissionais de educação e educandos/as. Por meio, do rompimento de limites políticos, sindicais e de aprendizagem. Por isso podemos afirmar que a Covid, portanto, criou a ambiência para práticas que hoje assimilamos como comuns.

1.4 Inclusão e exclusão digital

A EAD passou por várias etapas desde o uso das correspondências, pelas ondas do rádio, TV até chegar à atual era: a digital. Segundo os governantes essas são maneiras de flexibilizar a aprendizagem levando ao estudante uma forma para que ele possa escolher a melhor forma e horário de se dedicar aos seus estudos. Mas sabe-se que a realidade é bem diferente, pois muitos ainda não têm sequer acesso à internet ilimitada, nem computadores ou notebooks. A maioria tem seus smartphones com acesso limitado por meios de pacotes de uso com disponibilidades para redes sociais e sem pode usar para pesquisas. Com isso percebe-se que ao debaterem sobre a inclusão digital geralmente pensamos: de que forma levar as pessoas a terem acesso à internet? Qual tipo de acesso? Por meio de quais aparelhos? Com a chegada da pandemia da Covid-19 ficou evidente o nível de exclusão digital, principalmente no meio escolar. Segundo Yuval N. Harari:

A internet e outros avanços tecnológicos, que se prometiam uma ferramenta de eliminação de barreira entre países e classes, podem estar ampliando o abismo da desigualdade. [...] Estar excluído da internet, no século XXI, é estar excluído da sociedade. Ou, no mínimo, ter acesso precário ao mundo de hoje. (HARARI *apud* ARAÚJO, 2020, p. 02).

Conforme afirma Harari estar excluído da internet atualmente é como estar excluído da sociedade e, para que os discentes tenham acesso às plataformas e conteúdo do ensino EAD é necessário que as pessoas tenham habilidades digitais, além de equipamentos e uma boa conectividade. No tocante a esse assunto, o Estado de Goiás, segundo dados do IBGE de 2010, está em 10º lugar no ranking em acesso a computadores com acesso à internet. Quanto mais desenvolvido é o país mais investimentos em banda larga e acesso à internet. Para ser incluído digitalmente não basta ter acesso a computadores conectados à internet, também é preciso estar

preparado para usar estas máquinas, não somente com capacitação em informática, mas com uma preparação educacional que permita usufruir de seus recursos de maneira plena. (CRUZ *apud* MELO, 2006). E, isso pode ser comprovado através das pesquisas que mostram a posição que o Brasil se encontra e quais são esses fatores como afirma Gonçalves:

Os fatores que determinam o alto índice de exclusão digital no Brasil são variados, mas, segundo pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), os principais motivos alegados pelos entrevistados não são, como se poderia imaginar, o custo de um computador, do acesso à internet, ou a falta destes, e sim a falta de necessidade ou de interesse e a falta de conhecimento, a incapacidade para utilizar estas ferramentas. (GONÇALVES, 2017, p. 14).

A exclusão digital, desigualdade digital ou fosso digital diz respeito às extensas camadas da sociedade que ficaram a margem das redes digitais. Essa exclusão está diretamente ligada à desigualdade social que, ao longo da pandemia, se evidenciou de maneira peculiar, afinal, a pandemia literalmente escancarou essa desigualdade. De acordo com o Ministério da Educação as crianças mais pobres tiveram os índices mais baixos de alfabetização durante a pandemia. Segundo a *Organization for Economic Co-operation and Development* – OECD a brecha digital está diretamente ligada à desigualdade entre indivíduos, famílias, empresas e em áreas geográficas em diferentes níveis socioeconômicos. Com isso, Dias (2011) afirma em seu texto sobre o conceito de exclusão digital:

O conceito alargado de exclusão digital defendido por Lévy (1999) e por muitos outros pesquisadores – ou seja, ele vai muito além das máquinas e acesso à internet, englobando a alfabetização digital, a educação, a habilidade de saber pesquisar conteúdo, de se comunicar, entre outros – segue a mesma lógica do conceito alargado de exclusão social, defendido por Sposati (1998). Para a autora, a exclusão social contém elementos éticos e culturais e, assim, se refere também não só à pobreza, à falta de acesso a garantias sociais e aos direitos cidadãos, mas também à discriminação. Por isso, faz distinção entre exclusão social e pobreza (DIAS, 2011, p. 32).

De acordo com o IBGE, entre as 183,3 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade no país, 143,5 milhões (78,3%) utilizaram a internet nos últimos três meses; jovens entre 20 e 29 anos foram os que mais acessaram. O uso é maior entre estudantes (88,1%) do que entre não estudantes (75,8%) – com dados coletados em 14 de abril de 2021. (IBGE, 2023).

Essa é a realidade de muitos estudantes pelo Brasil, algumas regiões são mais prejudicadas pela falta de acesso as tecnologias segundo estudos feitos, principalmente as regiões Norte e Nordeste. Por isso, ao tentar incluir digitalmente esses discentes ou a própria população aos meios digitais é onde fica claramente a exclusão digital e social, como afirma Gonçalves:

Os indivíduos digitalmente excluídos também o são socialmente, pois o acesso à informação e a capacidade de transformá-la em conhecimento são fatores decisivos da inclusão social, o que passa, necessariamente, pela educação de qualidade e acessível a todos. (GONÇALVES, 2017, p. 09).

E, todo esse movimento de inclusão do estudante as novas tecnologias depende também dos poderes públicos com o afirma Santana: “As tecnologias oferecem essa possibilidade de participação ativa e cabe aos governantes democratizarem seu uso na educação para incluir e transformar as pessoas inseridas nesse contexto”. (SANTANA, 2015, p. 04).

1.4.1 Mapa de inclusão digital no Brasil

O mapa de inclusão digital (MID) disponível on-line no site do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência Tecnológica (IBICT) mostra, atualizado regularmente, os resultados de iniciativa de inclusão digital dos três níveis de atuação no Brasil – as estratégias e ações desenvolvidas pelos municípios, pelos Estados e também pelo governo federal; além de mostrar também as estratégias e ações do setor privado e do terceiro setor – que normalmente desenvolve ações em parceria com o governo federal.

No âmbito dessas iniciativas são implantados Pontos de Inclusão Digital (PID), locais dotados de computadores conectados à Internet para acesso ao público em geral. Proporcionam o desenvolvimento de habilidades cognitivas por meio do acesso às Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), criação de conteúdos, entretenimento e comunicação com outras pessoas. Os PID – conhecidos, também, por telecentros, inocentemos, centros de inclusão digital, salas de informática, entre outros -, são organizados em um banco de dados, bem como as iniciativas/programas que a eles dão origem. Conforme o interesse do usuário, o banco de dados pode ser pesquisado pelo nome da iniciativa/programa, nível de atuação, ou pelo município em que se localizam os PID, bem como outros critérios de busca. Periodicamente, são realizadas pesquisas temáticas que permitam entender como tem ocorrido o processo de inclusão digital, tanto no âmbito do país quanto de estados interessados em conhecer particularidades de seu processo de inclusão digital. Para a realização de estudos estaduais, o IBICT assessora e transfere tecnologia aos estados para a elaboração do seu próprio Mapa da Inclusão Digital. (IBICT, 2020, s.n.⁴).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – em Goiás, atualmente, os goianos estão mais conectados do que a média geral do Brasil. Em 58,8% dos lares goianos fazem uso de internet. Já no Brasil essa média atinge 80%. Em Goiânia, capital

⁴ Disponível em: <http://sitehistorico.ibict.br/inclusao-social-e-popularizacao-da-ciencia/mapa-da-inclusao-digital%28midi%29>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

do estado, mais de 95% dos lares possuem banda larga, e em Catalão esse número não está registrado oficialmente desde a data do último senso da cidade, em 2010. (IBGE, 2023).

Dos 2,3 milhões de domicílios goianos que tinham internet, o percentual dos que usavam a rede móvel caiu de 85,6% (2019) para 79,6% (2021). Já os que usavam banda larga fixa cresceu de 77,3% para 85,3%. Com isto, ultrapassou, pela primeira vez na série, o percentual de domicílios que usavam a banda larga móvel. Muitos desses acessos, como pontuado anteriormente, são feitos pelos jovens – de idade entre 20 e 29 anos – que felizmente é a maioria regente do público da EJA TEC, porém, com a minoria é preciso ter um cuidado e uma atenção maior para que o analfabetismo digital não exclua ainda mais esse público que já se considera excluído pela sociedade (IBGE, 2023).

Vale ressaltar, para finalizar o assunto de inclusão e exclusão digital, que o Brasil está em 69º lugar quando se trata de ranquear mundialmente a inclusão digital – de acordo com dados de 2021 – conforme a figura 1. Outro detalhe importante da exclusão digital – além das demandas sociais – diz respeito a falta de confiança, principalmente das pessoas mais velhas, em um sistema digital, conforme mostra a figura 2.

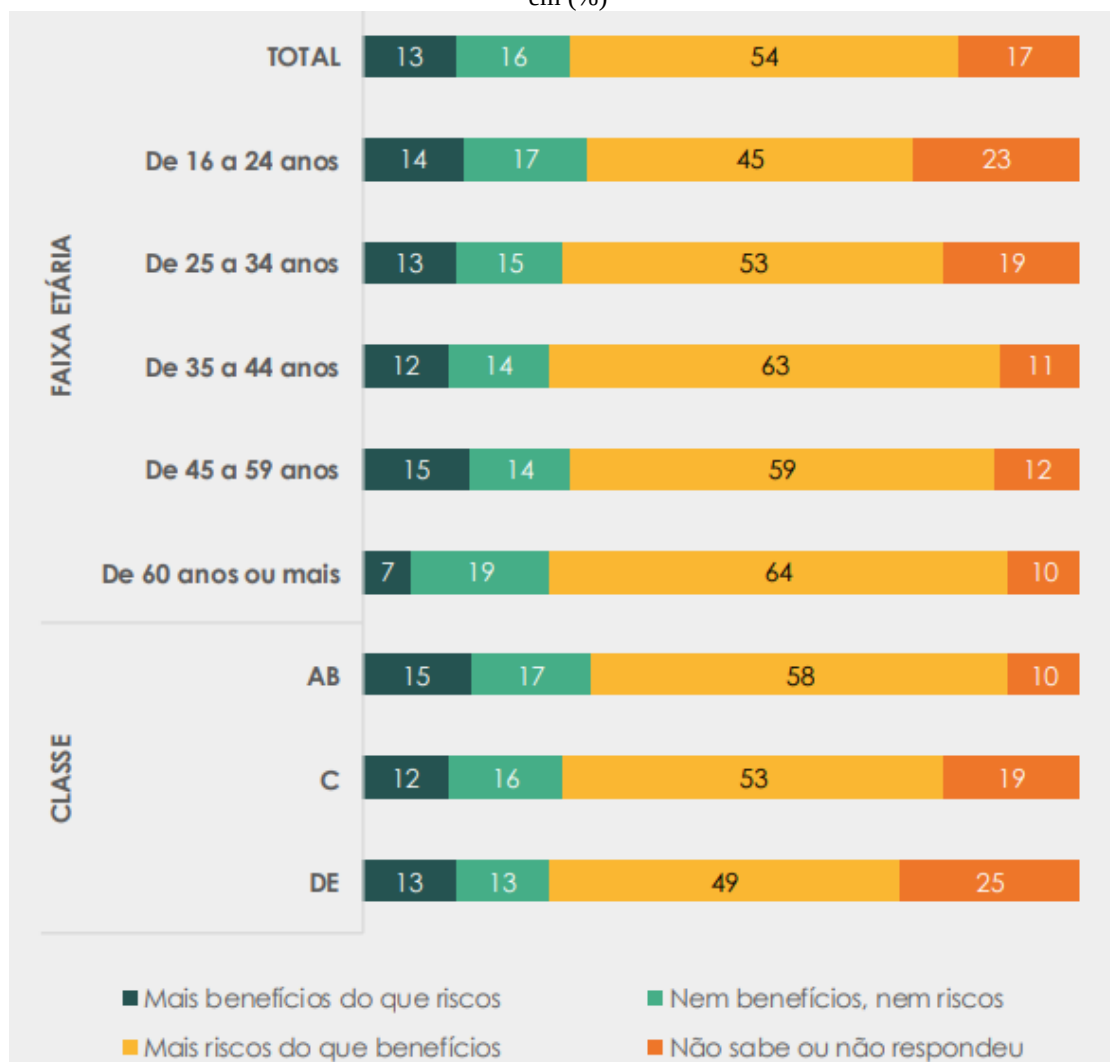
Figura 1: Ranking mundial de inclusão digital - 2021

Categoria avaliada: capacidade de acessar a Internet	País	Continente
5º	Chile	América do Sul
14º	Colômbia	América do Sul
18º	Argentina	América do Sul
34º	Peru	América do Sul
51º	Paraguai	América do Sul
59º	Uruguai	América do Sul
69º	Brasil	América do Sul

Fonte: The Economist Intelligence Unit⁵, 2021.

⁵ Disponível em: <https://country.eiu.com/brazil>. Acesso em 08 de mai. de 2023.

Figura 2: Percepção sobre riscos de disponibilizar dados pessoais em meios digitais – usuários acima de 16 anos em (%)



Fonte: CGI.br, Painel TIC COVID-19⁶ – 2ª edição (2020).

Com essas informações é possível entender que a implantação da EJA TEC em Goiás teve muitos problemas, inclusive em Catalão, também pelo fato de ser uma cidade do interior, com maiores dificuldades de acesso à internet, por nós professores termos muitas dificuldades em lidar com as plataformas recém-apresentadas de ambientes virtuais de estudos, e outros detalhes que serão narrados no próximo capítulo que discorre sobre a implantação da EJA TEC em Goiás.

⁶ Disponível em: <https://cgi.br/publicacao/painel-tic-covid-19-pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-no-brasil-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus-2-edicao/>. Acesso em 13 de mai. de 2023.

CAPÍTULO II – EJA TEC EM GOIÁS

Este capítulo abordará como ocorreu a implantação da EJA TEC em Goiás e todas as suas transformações ao longo dos anos. O Plano Nacional de Educação⁷ – (PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no país no período de 2014 a 2024 e foi aprovado mediante a LEI N° 13.005/2014, em decorrência da Lei todos os estados e municípios criaram os seus respectivos planos e adequaram suas metas e estratégias para atendimento de suas realidades específicas. Muito se discutiu para planejar uma década na educação desse país, e muitos conflitos surgiram ao longo dessa criação. Dourado (2010) cita em seu texto que:

A análise do PNE, na seara das políticas educacionais, explicita, portanto, processo e concepções em disputa, suscitando, ainda, particularidades, que nos permitem indicar o duplo papel ideológico desse movimento – a negação e, paradoxalmente, a participação da sociedade nas questões educacionais –, mediatizado por uma concepção política, cuja égide consiste, no campo dos direitos sociais, na prevalência de uma cidadania regulada e, conseqüentemente, restrita. Compreender os nexos interinstitucionais de implementação de políticas educacionais, por meio de uma política pública, no caso o PNE, implica destacar que as imbricações entre a realidade social dinâmica e os atores sociais são permeadas por categorias analíticas (teórico-conceituais) e procedimentos políticos (fins visados), cuja materialização se efetiva na intersecção entre regulamentação, regulação e ação política, marcados por disputas que traduzem os embates históricos entre as classes sociais e, ao mesmo tempo, os limites estruturais que demarcam as relações sociais capitalistas. (DOURADO, 2010, p.679).

Na citação acima podemos destacar que o PNE não consegue, de fato, abranger todos os cruzamentos de realidade social, políticas, regulamentação social para atender as diversas demandas educacionais do país, principalmente quanto a EJA, já que o PNE expõe uma necessidade de aumentar em, pelo menos, 25% das matrículas tanto do ensino fundamental, quanto do ensino médio, sendo essas vagas todas com ensino integrado a educação profissional; sendo a EJA uma estratégia do governo para também diminuir as desigualdades sociais. Para que isso aconteça é necessário também ampliar a oferta na escolarização básica, oferecer cursos que acolham as especificidades da população e avaliar acessibilidade e uma base curricular que valorize as experiências de vida dos discentes, porém as metas do PNE quando se trata da

⁷ O Plano tem a função de articular esforços nacionais para que municípios, estados e governo federal colaborem para universalizar a oferta educacional para crianças e adolescentes de 4 a 17 anos, etapa obrigatória pela legislação; elevar o nível de escolaridade da população e a taxa de alfabetização, melhorar a qualidade do ensino e ampliar o acesso ao ensino técnico e superior; valorizar os profissionais da educação, reduzir as desigualdades sociais, democratizar a gestão e ampliar os investimentos em educação.

EJA ainda não foram alcançadas por falta de política pública que garanta o acesso e a permanência escolar de jovens e adultos. (MELO & LIMA, 2021).

No Estado de Goiás O Plano Estadual de Educação foi instituído por meio da Lei nº 18.969/2015 – sob o comando do governador Marconi Ferreira Perillo Júnior e a secretária da Educação Raquel Teixeira – e, o início dos trabalhos na Secretaria aconteceu a partir do ano de 2008, por meio da Lei Complementar nº 062/2008 art. 3º, a qual já direcionava algumas políticas educacionais objetivando a melhoria da qualidade da educação no estado, o que de fato não ocorreu em todos os seguimentos, inclusive na EJA ocorreu justamente o contrário a isso. Segundo o PEE aprovado em julho de 2015 a meta de nº 6 está diretamente ligada a EJA e afirma que é preciso:

Meta 6 - Elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) anos ou mais, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano Estadual de Educação, inclusive, para as populações do campo e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Estratégias: 6.1) assegurar a oferta de Educação de Jovens e Adultos – EJA gratuita, correspondente ao Ensino Fundamental e Médio, para 50% (cinquenta por cento) da população acima de 15 (quinze) anos que não tenha atingido esse nível de escolaridade; 6.3) implementar Programas de Educação de Jovens e Adultos para os segmentos populacionais que estejam fora da escola e com defasagem idade-série, associados a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização após a alfabetização inicial; 6.4) implementar políticas públicas estaduais de Educação de Jovens e Adultos e idosos, que estejam fora da escola e com defasagem idade-série, associadas a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização após a alfabetização inicial [...] (GOIÁS, 2015).

A Educação de Jovens e Adultos em Goiás segue as mesmas orientações estabelecidas pelo Ministério de Educação em todo o território brasileiro. A Primeira Etapa compreende o Ensino Fundamental I, a Segunda Etapa ao Ensino Fundamental II e Terceira Etapa corresponde ao Ensino Médio, esta última, que é o foco da pesquisa, está dividida em três períodos semestrais, tendo então, dezoito meses de duração. O CEJA de Catalão também oferta a modalidade EaD – já ofertada anterior a pandemia⁸ visto que ela é uma EaD – ou seja, preparada para ser online, mais conhecida como EJA TEC, que está prevista na Resolução CEE/Pleno nº 02 de 22 de fevereiro de 2008 e implantada em 2019, como EJATEC normatizada conforme a

⁸ Em 2020 surge a pandemia de Covid-19 trazendo um caos mundial com um número enorme de mortes, além do lockdown em todos os países na tentativa de barrar a propagação do coronavírus. E dessa forma as unidades escolares se viram em meio a esse caos. Pois, segundo o IBGE 54,7%, dos estudantes das escolas públicas não tinham acesso à internet. Nesse período pode-se perceber a quantidade de alunos que não tinham os meios tecnológicos e de conhecimentos disponíveis para que pudessem assistir às aulas pelos aplicativos *Zoom*, *Meet* e muitos professores também tiveram que se adequar para utilizar esses meios digitais, investir em equipamentos mais apropriados na tentativa de amenizar o problema.

Portaria Nº 2935/2019 – SEDUC (8336807) e Instrução Normativa Nº 1/2012. Credenciada e autorizada segundo a Resolução CEE/CP Nº 12 de agosto de 2019” (PPP, 2020, p. 19). Vale ressaltar que a EJA TEC em Goiás – especificamente em Catalão – não é profissionalizante, é apenas o Ensino regular que tenta cumprir a meta 10 do PNE – oferecer, pelo menos – 25% de vagas a mais para a Educação de Jovens e Adultos.

O curso de Educação de Jovens e Adultos na modalidade a Distância (EJATEC), está organizado no ambiente virtual de aprendizagem Moodle, na plataforma da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, denominado Escola Virtual [...]. Neste Ambiente Virtual de Aprendizagem são oferecidas quatro salas de estudos, uma para cada área de conhecimento, regulamentada pela Base Nacional Comum Curricular. Cada estudante tem acesso à esta Plataforma por meio de uma senha pessoal, gerada pelo sistema após a efetivação da matrícula e que poderá ser modificada pelo aluno posteriormente, conforme lhe aprouver (PPP, 2020, p. 20).

Figura 3: Tela de login dos discentes da EJA TEC de Goiás.



Fonte: www.ejaead.educacao.go.gov.br

Segundo o projeto da SEDUC-GO sob a orientação do decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, afirma que a EaD considere que a mediação didático-pedagógica, nos processos de ensino e aprendizagem, ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis; e essa é uma das justificativas do governo de Goiás para a implantação da EJA TEC. Inicialmente, o projeto da Educação de Jovens e Adultos a Distância (EJA TEC) foi implantado em nove escolas; polos que foram autorizadas pelo Conselho Estadual de Educação no segundo semestre de 2019. São elas, de acordo com o CEE/GO (2019):

- Centro de Jovens e Adultos “Professora Alzira de Souza Campo”; no município de Catalão;

- Centro de Educação de Jovens e Adultos “Professor Elias Chadud”, no Município de Anápolis;
- Centro de Jovens e Adultos “Dom Bosco”, no município de Iporá;
- Colégio Estadual “Claudio Rocha”, no município de Formosa;
- Centro de Educação de Jovens e Adultos “Universitário”, no município de Goiânia;
- Centro de Educação de Jovens e Adultos “Arco-Íris”, no município de Goiânia;
- Centro de Educação de Jovens e Adultos “Filostro Machado Carneiro”, no município de Caldas Novas;
- Centro de Educação de Jovens e Adultos de Aragarças, no município de Aragarças;
- Colégio Estadual “Virgílio do Vale”, no município de Ceres.

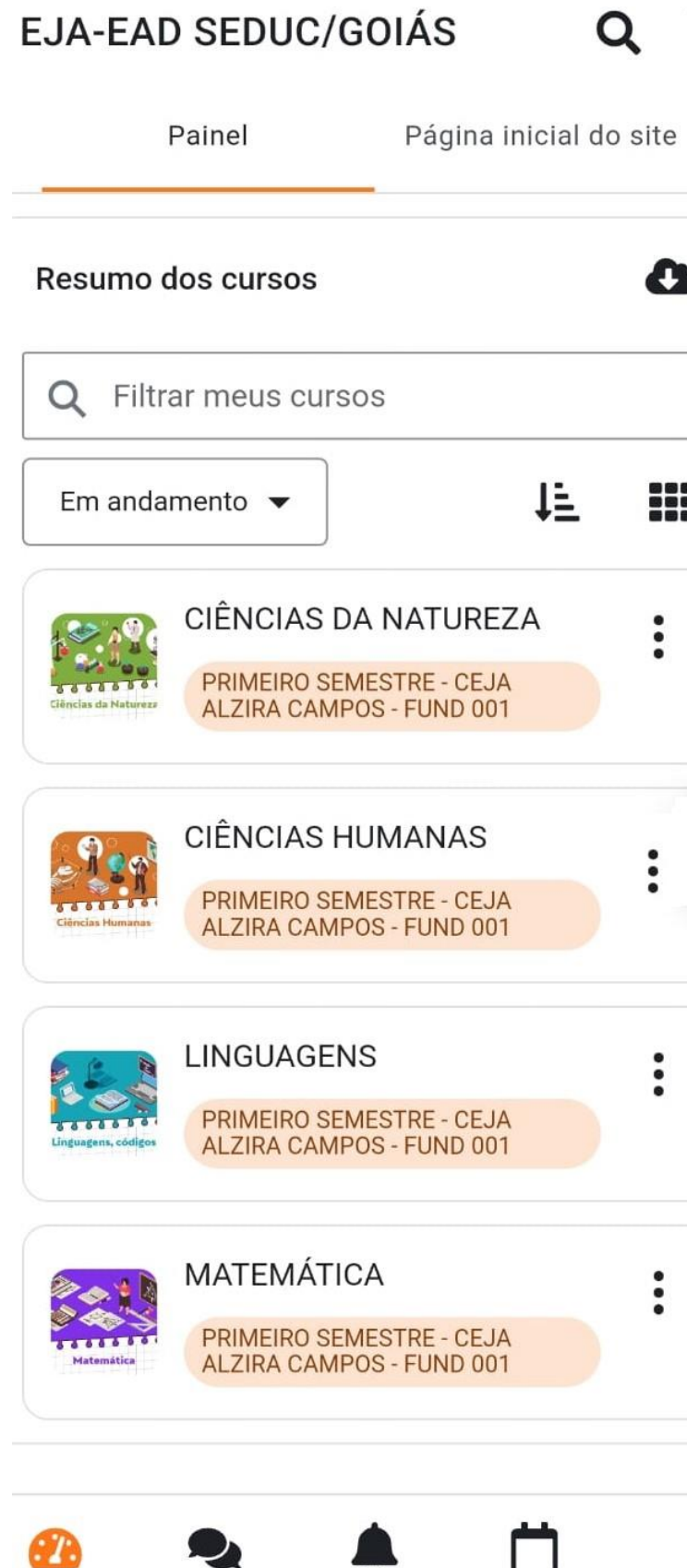
O Governo de Goiás implantou em 2019 a EJA TEC uma modalidade de ensino à distância. Com esse novo método de ensino de EJA foi desenvolvido uma plataforma de desenvolvimento no *Modular Objetc Orientend Distance Learning* (Moodle) AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), onde o estudante tem todo o conteúdo detalhado, atividades de fixação e as atividades avaliativas; que atualmente são divididas em dois módulos (1 e 2), com cinco atividades avaliativas online e uma presencial.

No ano de implantação, em agosto de 2019, eram seis encontros presenciais obrigatórios: um para aula inaugural, no começo de cada módulo, dois encontros correspondentes aos plantões de dúvidas e mais dois encontros durante o curso, para as realizações das avaliações finais de cada bimestre. E essas atividades presenciais ocorrem nos Polos de Apoio Presencial de cada cidade. O curso tem 80% da frequência online que é obtida através do acesso à plataforma e 20% é presencial, com aulas e plantões de dúvidas. Mas, para que esse aprendizado tenha eficácia de fato, o aluno precisa ter acesso à internet via dados móveis ou pacotes de assinatura, pois todo o acesso é via Moodle. Por isso, teve que ser criado em cada polo um laboratório de informática para atender esses discentes, porém, infelizmente, a pequena quantidade de computadores nos polos e devido a enorme demanda é quase impossível que isso aconteça. No CEJA em questão o número de discentes por série é bem maior que a quantidade de computadores; com mais de 200 discentes atualmente, o CEJA conta com menos de 20 computadores e, mesmo assim, a conectividade com a internet da escola cai frequentemente, então os discentes tentam fazer uso dos celulares pessoais para conseguirem ficarem conectados, e quando não conseguem é realizado o rodízio dos computadores entre os discentes. Segundo a justificativa pela SEDUC-GO é:

Na intenção de atender a demanda desse segmento a Secretaria de Estado de Educação de Goiás (Seduc) propõe a oferta de vagas na modalidade a distância (EAD), na perspectiva de favorecer o acesso e a permanência dessa clientela, oportunizando a flexibilização da organização do horário de estudo pelo educando, conforme a sua disponibilidade de tempo. (GOIÁS, 2019).

Por isso é possível afirmar que a intenção de atender a demanda não sai do papel de acordo com a realidade devido à falta de instrumentos para tal; os discentes continuam se matriculando, mas estão sendo atendidos em um ambiente sem preparo para oferecer um ensino de qualidade. O "Estado" (em suas diversas instâncias) falha ao não cumprir a parte que o cabe na LDB. Aquém disso, é preciso detalhar a proposta curricular que é organizada e agrupada, no projeto de implantação da SEDUC-GO é a partir de matrizes de competências e habilidades, em quatro áreas do conhecimento.

1. Linguagens e Códigos e suas Tecnologias (Componente Curricular: Arte, Educação Física. Língua Inglesa e Língua Portuguesa);
2. Matemática e suas Tecnologias (Componente Curricular: Matemática);
3. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Componente Curricular: História, Geografia, Sociologia e Filosofia);
4. Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Componente Curricular: Biologia, Física e Química).

Figura 4: Página inicial da EJA TEC divididas por área de conhecimento.

Fonte: www.ejaead.educacao.go.gov.br.

A modulação dos professores acontece por área do conhecimento com o número de horas/aulas definido de acordo com a quantidade de estudantes atendidos. Conforme está no projeto da SEDUC-GO de 2019:

Quadro 1: Modulação de professores.

Estudantes	Dias/Semana	Carga Horária
40 - 160	3	20h
161 - 300	5	30h

Fonte: própria autora.

Para a abertura das turmas o número mínimo de discentes são 40 – facilmente atingida todo semestre; atingindo seu máximo em 160 discentes, para o primeiro semestre; sendo que o docente deverá dar aulas três dias da semana e, as turmas do 2º e 3º semestre são multisseriadas⁹ e com, no mínimo, 160 discentes e um professor para cada área de conhecimento. Os professores são chamados de mediadores ou moderadores, acompanham os estudantes no processo de aprendizagem diariamente e são modulados por área de conhecimento, atendendo online via mensagens na plataforma ou no grupo de WhatsApp. As aulas são online e os professores moderadores acompanham os discentes presencialmente para sanar dúvidas que tenham ficado sobre o conteúdo, ajudarem em resoluções de exercícios e atividades extras. Especificamente no CEJA – Professora Alzira Campos – em dois dias da semana os mediadores dão aula de conteúdos, presenciais, e nos outros dias oferecem plantões de dúvida. Para quem não participa dessas aulas as dúvidas podem ser sanadas também pelo WhatsApp ou pela plataforma Moodle.

De acordo com a Secretaria de Educação de Estado de Goiás, a EJA TEC foi criada com o objetivo de ampliar a oferta de vagas para o ensino de jovens e adultos. Segundo dados do Instituto Mauro Borges (IMB, 2020), Goiás possui mais de 285 mil pessoas acima de 15 anos que não sabem ler e escrever, representando 5,1% da população. Na maioria dos casos, isso se deve às situações em que jovens e adultos, no exercício de suas atividades laborais, não encontram consonância entre a oferta de ensino conjugada ao tempo, interesses e necessidades pessoais. Assim justificam em Goiás que a terceira etapa da EJA/EAD corresponde ao ensino médio, com carga horária de 400 horas semestrais, totalizando 1.200 horas, distribuídas em 3 semestres letivos. Sabe-se que a realidade desses trabalhadores estudantes em busca da

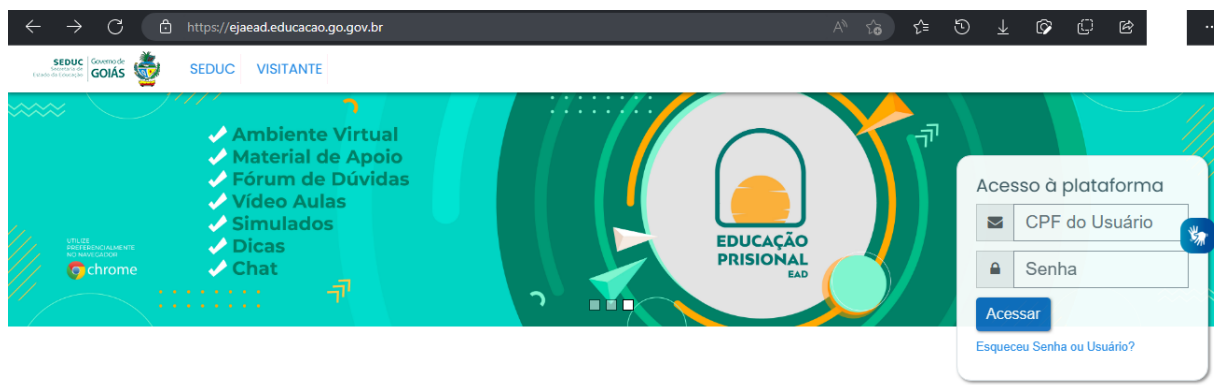
⁹ As classes multisseriadas são uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

recuperação desse tempo que não puderam, por alguma razão, ter sido concluído não é fácil. Como Arroyo diz:

[...] o passo decisivo para reinvenção da EJA é ter o trabalho como referente ético-político-pedagógico. Ver os discentes como trabalhadores sem os perceber como estudantes que trabalham exigem outras pedagogias de acompanhamento de seus tensos percursos de formação. (ARROYO, 2017, p.69).

Essas são algumas das dificuldades dos discentes da EJA TEC em Catalão, muitos desistem pela falta de conhecimento digital, falta de poder aquisitivo para manter um plano de dados móveis que supra suas necessidades para o acesso as atividades da plataforma Moodle. As entrevistas que serão apresentadas no próximo capítulo discorrerão mais sobre esses problemas. O Governo garante que os dados móveis dos discentes são consumidos apenas ao fazerem login na plataforma e que após isso não há consumo de dados, mas a maioria dos discentes não tem acesso à internet nem para o login inicial. Além disso, para implantar essa modalidade é preciso antes dar um suporte com cursos de como acessar esse meios digitais que facilitariam a vida desse trabalhador-estudante e não gerar mais dificuldades, afinal a maioria dos discentes da EJA são mais velhos e, muitas vezes, não possuem conhecimentos digitais para mexerem em uma plataforma tão específica quanto o Moodle.

Figura 5: Tela inicial do login dos discentes da EJA TEC de Goiás – parte I.



Fonte: www.ejaead.educacao.go.gov.br

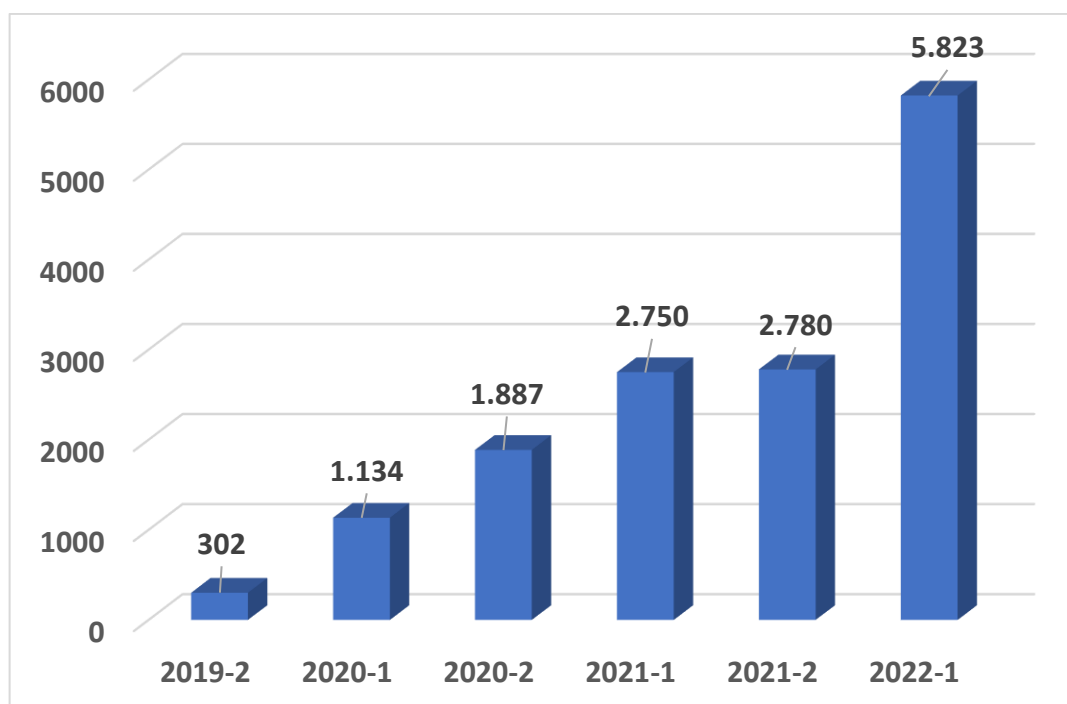
Figura 6: Tela inicial do login dos discentes da EJA TEC de Goiás – parte II.



Fonte: [www.ejaead.educacao.go.gov.br](https://ejaead.educacao.go.gov.br)

Segundo dados do Censo Escolar de 2018¹⁰ as matrículas na EJA reduziram 40% em cinco anos, os dados foram divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) no Censo Escolar de 2021. Ainda de acordo com o Censo, porém em 2018, houve um dos maiores números de discentes matriculados, cerca de 80 mil. Depois desse período os números foram decaindo hoje estão, em média, atualmente, em 46 mil discentes matriculados; uma queda expressiva conforme apresentado acima.

¹⁰ O censo ou recenseamento demográfico é um estudo estatístico referente a uma população que possibilita o recolhimento de várias informações, tais como o número de homens, mulheres, crianças e idosos, onde e como vivem as pessoas.

Gráfico 1: Demonstrativo Matrículas EJA-TEC 2019/2022.

Fonte: Goiás 360.

O quadro abaixo mostra o número de discentes matriculados na EJA TEC do CEJA de Catalão, no segundo semestre de 2021:

Quadro 2: Números de discentes matriculados no CEJA de Catalão no segundo semestre de 2021 no EJATEC divididos por gênero, idade e série, presencial.

1º EJATEC			
<u>SEXO</u>		<u>IDADE</u>	
MASCULINO	18	18 E 19	8
FEMININO	26	20 A 29	19
		30 A 39	11
		40 A 49	4
		ACIMA DE 50	2
		TOTAL	44 ALUNOS
2º EJATEC			
<u>SEXO</u>		<u>IDADE</u>	
MASCULINO	37	18 E 19	25
FEMININO	53	20 A 29	34
		30 A 39	19
		40 A 49	10
		ACIMA DE 50	2

		TOTAL	90 ALUNOS
3º EJATEC			
SEXO		IDADE	
MASCULINO	58	18 E 19	39
FEMININO	68	20 A 29	58
		30 A 39	19
		40 A 49	5
		ACIMA DE 50	6
		TOTAL	127 ALUNOS

Fonte: própria autora, com dados do SIGE.

Segundo as diretrizes de base do Ministério da Educação no Art. 9º os cursos de EJA desenvolvidos por meio da EAD, como reconhecimento do ambiente virtual como espaço de aprendizagem, serão restritos ao segundo segmento do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, com as seguintes características:

- I - a duração mínima dos cursos de EJA, desenvolvidos por meio da EAD, será de 1.600 (mil e seiscentas) horas, nos anos finais do Ensino Fundamental, e de 1.200 (mil e duzentas) horas, no Ensino Médio;
- II - a idade mínima para o desenvolvimento da EJA com mediação da EAD será a mesma estabelecida para a EJA presencial: 15 (quinze) anos completos para o segundo segmento do Ensino Fundamental e 18 (dezoito) anos completos para o Ensino Médio;
- III - cabe à União, em regime de cooperação com os sistemas de ensino, o estabelecimento padronizado de normas e procedimentos para os processos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos à distância e de credenciamento das instituições, garantindo-se sempre padrão de qualidade;
- IV - os atos de credenciamento de instituições para a oferta de cursos à distância da Educação Básica no âmbito da unidade federada deve ficar ao encargo dos sistemas de ensino. (Brasil, 2021).

Há EJA TEC nos estados de São Paulo, Maranhão, mas com uma diferencial da modalidade de Goiás: nesses dois estados é ofertada a conclusão do ensino médio juntamente com um curso técnico e tem a duração de dois anos; em Goiás a duração é de um ano e meio apenas o ensino médio. Segundo Lança (2021):

A EJA TEC está inserida em um dos cursos do Novotec, fomentados pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e, além disso, é um projeto que tem o apoio do Banco Itaú e que segue sendo implantado em vários outros estados do país. E segue as justificativas da Seduc-SP sobre a implantação da Ejatec: Como objetivos do Programa, a Seduc/SP elenca: 1) conectar a Educação de Jovens e Adultos com a Educação Profissional; 2) cumprir a Lei do Novo Ensino Médio; 3) aumentar a empregabilidade dos estudantes; 4) estimular a continuidade dos estudos no Técnico Modular. (LANÇA, 2021, p.186).

De acordo com a citação de Lança, as justificativas são que para esses estudantes possam completar seus estudos e como são trabalhadores estudantes esses meios digitais podem ou não contribuir para que se diminuam essas porcentagens de alunos sem o ensino médio completo. A EJA TEC no Estado de São Paulo, ainda segundo Lança, é:

Ao concluir os quatro semestres, o aluno terá dois certificados: o de ensino médio (emitido pela escola onde cursou a EJA) e o de auxiliar (emitido pelo Centro Paula Souza). Caso queira prosseguir com a formação profissionalizante, o aluno deverá cursar mais um ano em uma escola técnica para conquistar o certificado de técnico. A carga horária profissionalizante do EJA TEC será ofertada pelo Centro Paula Souza através de seu ambiente virtual, oficializando a entrada do Ensino à Distância na rede paulista. (LANÇA, 2021, p. 189).

Conforme citado a EJA TEC é diferente em Goiás já que oferta somente o ensino médio sem a inclusão de curso técnico, mas verifica-se então de onde o governo goiano buscou o modelo a ser implantando em nosso Estado com base do governo do Estado de São Paulo. É necessário destacar também que os discentes que optam pela EJA possuem uma realidade particular, são trabalhadores, donas de casa e até mesmo jovens que não estão trabalhando ou trabalham informalmente sem o registro em carteira, e por isso que não puderam concluir os estudos em modalidade regular e dispensam tempo com o labor cotidiano. Dessa forma, há por parte deles uma busca para recuperar esse tempo perdido, por isso a importância dos estudos e do curso técnico, desde que seja realmente aplicável e com a estrutura adequada.

Nós professores da EJA precisamos ter a capacidade de entender que nossos discentes são trabalhadores durante o dia e que enfrentam muitas dificuldades para concluírem esses estudos. Todos os trabalhadores, colaboradores e docentes da instituição citada lidam, todos os dias, com esses percalços para que os discentes não desistam de estudar. Na pandemia da Covid-19, por exemplo, o CEJA, para conseguir manter esses estudantes, teve que adotar o regime de apostila para aqueles que não conseguiam acompanhar as atividades nos grupos de WhatsApp, foi um período muito difícil, o corpo docente se empenhando em manter os discentes nesse período e mesmo assim houve muitos abandonos. Os grupos de WhatsApp foram montados por iniciativa dos professores para conseguirem se comunicar mais facilmente com os discentes em um período de isolamento. As apostilas também foram criadas por iniciativa dos professores e da direção do CEJA, com supervisão da Secretaria de Educação, para que os discentes pudessem ter acesso a material impresso, com o objetivo de manter o interesse e o aprendizado deles. Esse sistema de apostilas foi extinto recentemente.

Enquanto estratégia crescente e que se desenvolveu de modo expressivo nos últimos anos, a modalidade EAD defende o discurso de superação da “defasagem educacional por meio

do uso intensivo de tecnologias em rede, por meio da flexibilização dos tempos e espaços de aprendizagem, e da gestão integrada de modelos presenciais e digitais” (MORAN, 2011, p. 45), por outro lado é possível perceber por meio da análise histórica que para incentivar a modalidade, além dos investimentos público-privados, as legislações foram ficando menos rigorosas, permitindo um crescimento desordenado.

Mais adiante, no terceiro capítulo, dedicaremos à exploração dos depoimentos colhidos ao longo deste trabalho para exemplificar, justificar e reforçar tudo que foi exposto até aqui. Discentes da EJA, da EJA TEC, colegas de trabalho foram instrumentos deste trabalho para que seja possível apresentar a EJA TEC do CEJA Professora Alzira de Souza Campos de Catalão, Goiás.

CAPÍTULO III – EJA TEC SOB A PERSPECTIVA DA MEMÓRIA DOS ENTREVISTADOS

No terceiro capítulo exploramos as entrevistas e relatos produzidos com discentes, de maneira presencial e on-line, para identificar, em suas memórias, os significados de optarem por esta modalidade de ensino, a EJA TEC e os que não optaram pela EAD. Além disso, apresentamos o espaço do CEJA de Catalão que recebe a EJA TEC.

3.1 Dados do perfil dos discentes

Considerando os dados obtidos inicialmente, nossas expectativas iniciais foram descontruídas já que a maioria dos estudantes não eram homens conforme primeiro momento foi levantado. Buscando identificar com maior proximidade os discentes foi elaborado um questionário que foi aplicado via *Google Forms*, enviado para 10 discentes, tanto da EJA presencial quanto da EJA TEC, porque as escolas estavam funcionando somente on-line devido à pandemia da Covid-19, por isso, foi uma das formas encontradas para que a pesquisa fosse feita.

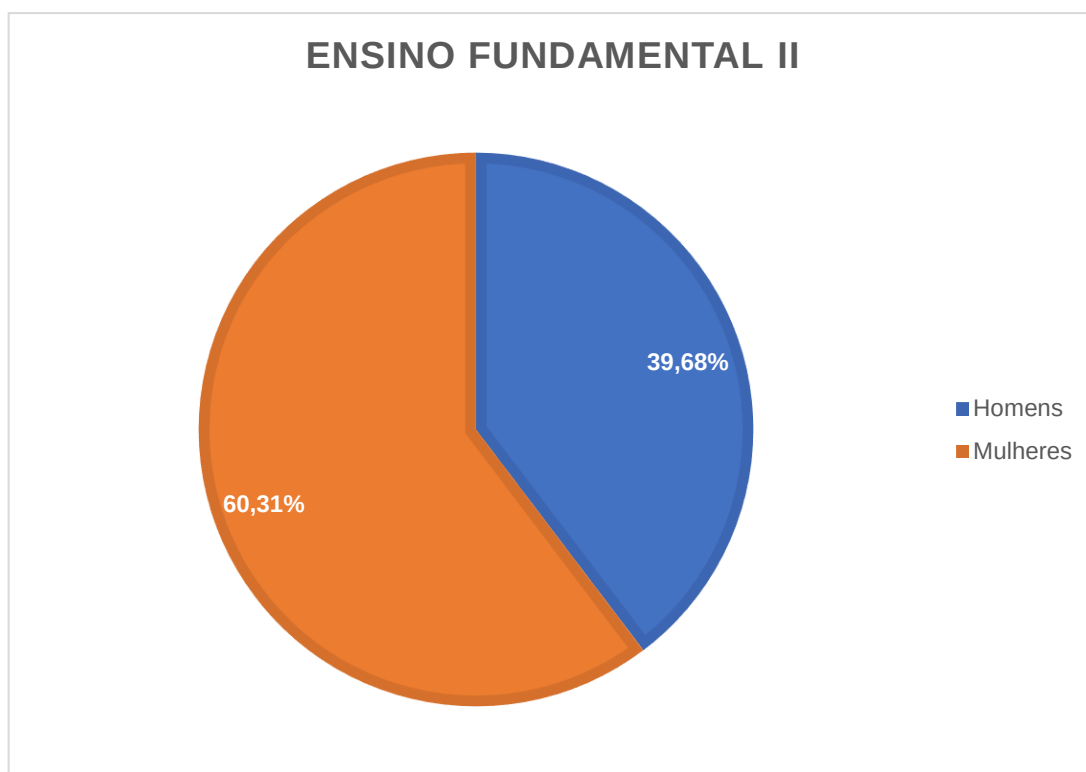
E, dessa forma foi feita a escolha desses estudantes entrevistados, escolhidos de maneira livre, dentro dos critérios a seguir: foi em sua maioria mulheres de idade de 27 a 52 anos algumas do ensino presencial e outras do ensino a distância EJA TEC; além de dois discentes homens de 51 e 52 anos; a análise foi baseada em saber a trajetória de vida deles com falas espontâneas e em clima agradável¹¹. Ao longo da leitura das respostas do formulário aplicado fui percebendo que relatar as experiências deles não era nenhum constrangimento, pelo contrário, eles se sentiram muito honrados em falar sobre a importância de estar de volta à escola e isso enriqueceu muito nossa pesquisa. Várias perguntas foram importantes neste primeiro passo como:

- Quanto tempo você está fora da escola?
- Qual a sua idade?
- O que te fez querer voltar à escola?
- Qual a importância de estar fazendo EJA?
- Como se sentiu ao retornar ao ambiente escolar?

¹¹ Nenhum texto foi alterado e todas as passagens foram mantidas de acordo com a fala dos alunos, transcritas exatamente como foram ditas para que representem, verdadeiramente, quem são esses alunos.

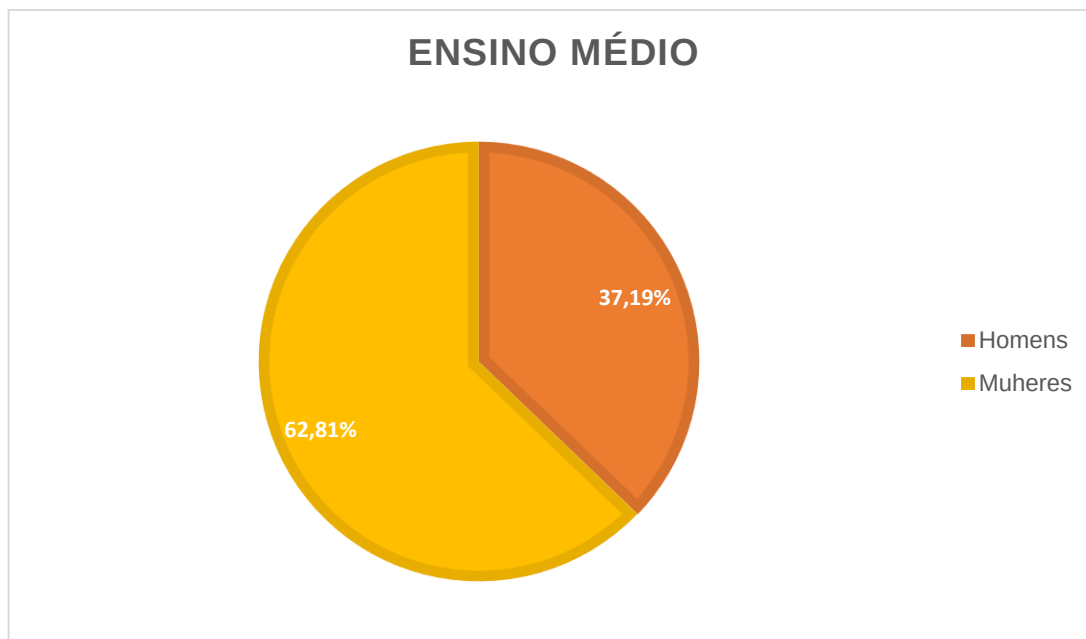
Dentre os entrevistados, apenas dois homens, aluno Manoel e aluno Rezende. No CEJA Professora Alzira de Souza Campos, de acordo com os dados levantados de 2022 e fazendo a somatória do número total de estudantes do Ensino Fundamental II, há 228 alunas (60,31% feminino) e 150 discentes (39,68% masculino). Já no Ensino Médio, são 199 estudantes, sendo que 62,81% no feminino e 37,19 % masculino. No sistema prisional de Catalão – GO são 42 discentes 100% masculinos, e na EJA TEC são 316 discentes, sendo 55,38% feminino e 44,62% masculino. Dessa forma, somente o sistema prisional é predominantemente marcado pelo sexo masculino, nas categorias restantes, a maioria é do sexo feminino.

Gráfico 2: Porcentagem de homens e mulheres do CEJA de Catalão no Ensino Fundamental de 2022.



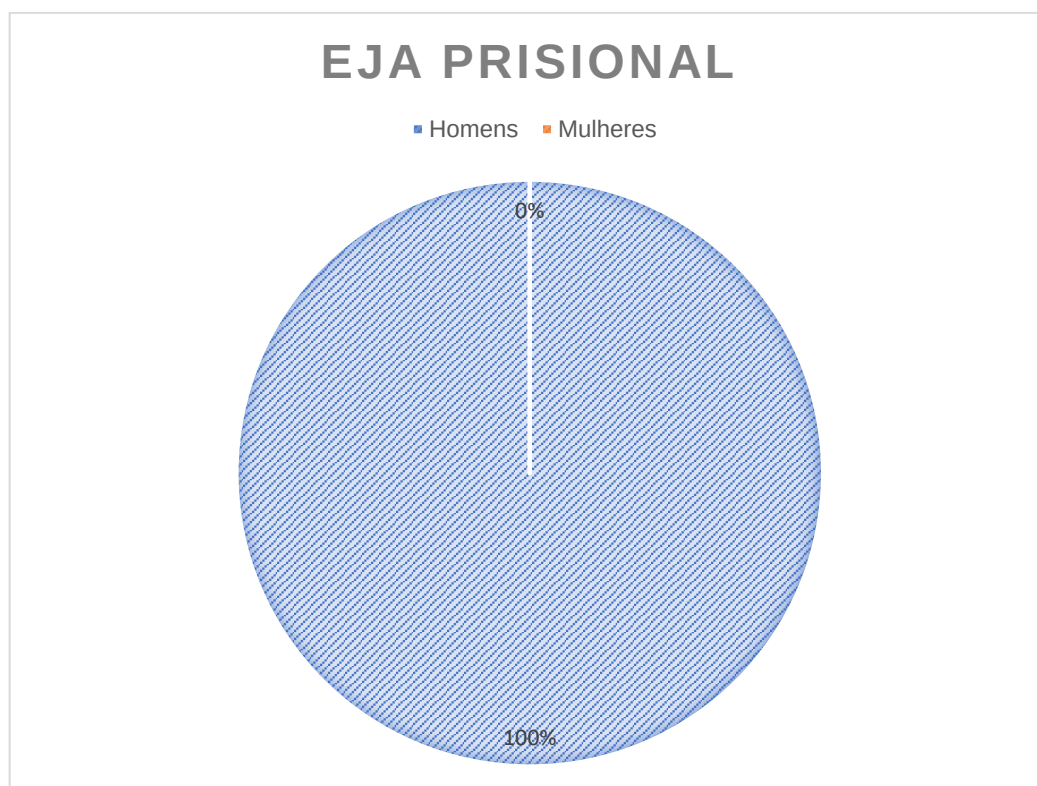
Fonte: própria autora, com dados do SIGE.

Gráfico 3: Porcentagem de homens e mulheres do CEJA de Catalão no Ensino Médio de 2022.



Fonte: própria autora, com dados do SIGE.

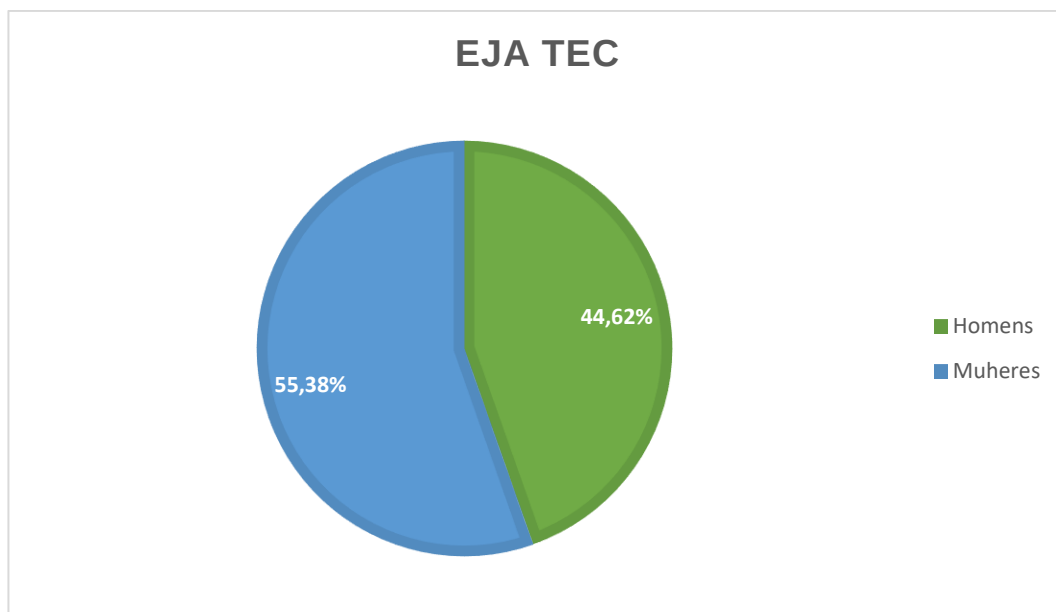
Gráfico 4: Porcentagem de homens¹² do CEJA de Catalão na EJA Prisional.



Fonte: própria autora, com dados do SIGE.

¹² Vale ressaltar que como Catalão não conta com presídio feminino, não há alunas para tal. O CEJA de Catalão atende apenas os discentes do sexo masculino que estão no presídio da cidade.

Gráfico 5: Porcentagem de homens e mulheres do CEJA de Catalão na EJA TEC em 2022.



Fonte: própria autora, com dados do SIGE.

Conforme citado acima, os dados obtidos desconcertaram as expectativas iniciais que tínhamos acerca da forma como o presente capítulo seria iniciado. Uma vez que pensava que esse tipo de modalidade citada – ensino da EJA TEC – teria maior abrangência por parte dos discentes masculinos, entretanto, a presença de mulheres se fez de modo bastante expressivo. Uma das hipóteses é o fato de que com o avanço dos tempos, as mulheres passaram a reconhecer seu papel de importância na sociedade e cada vez mais procura recuperar o tempo de estudo que ficou para trás, por fatores variados, como o caso das alunas identificadas por meio das entrevistas realizadas que serão detalhadas a seguir. Elas tiveram condições de superar a opressão e a desigualdade de gênero.

3.2 Entrevistas e relatos dos alunos selecionados do CEJA de Catalão

Ressalto aqui, inicialmente, que todas as marcações de oralidade foram transferidas para a transcrição dos áudios, sem correção ortográfica, visto que o clima era descontraído, os alunos se sentiram a vontade e falaram informalmente em uma roda de conversa. Convidei 06 discentes para serem entrevistados, sendo 04 da EJA presencial, três deles que concluíram seus estudos no primeiro semestre de 2022, dois homens e uma mulher (essa não compareceu, não justificou, mas fez um relato escrito no ano passado contando sua trajetória de vida até chegar ao CEJA), e Iara, aluna da 2ª Etapa da EJA que está no 7º ano com uma história de vida sofrida, principalmente pelo vício, prostituição, mas gosta muito de dar seu testemunho de superação.

Também convidei novamente duas alunas da EJA TEC, com as quais já havíamos conversado o ano passado e feito também um relatório sobre a trajetória de vida.

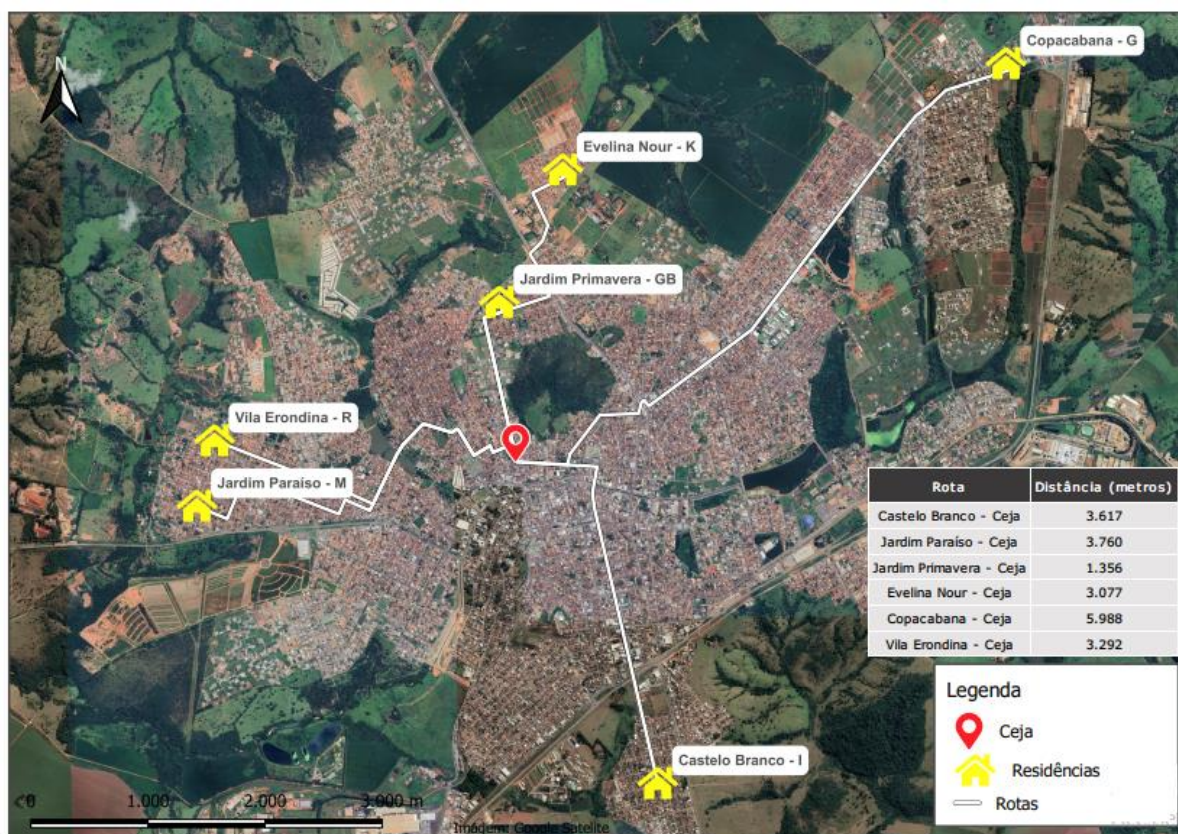
Uma dessas alunas disse que o dia que marquei não daria para ir porque tinha compromisso na igreja e percebi que ela pareceu ter ficado um pouco receosa quando disse que teria mais pessoas no encontro. Então propus ver com o meu orientador, Dr. Paulo Inácio, a possibilidade de usar o relato escrito que já tenho ou fazer um encontro pelo *Meet* com ela e com a aluna Godiva, que também não foi possível comparecer por falha de comunicação, esqueceu do dia, mas propôs ir em outro dia que marcasse.

Dentre os discentes escolhidos, alguns visualizaram as mensagens e não responderam; outros por causa de suas atividades laborais no período noturno não puderam participar. Seis estudantes se dispuseram a participar, tendo em vista que três estudantes estavam inseridos na EJA regular e três da EJA TEC. A reunião foi realizada por meio do aplicativo *Google Meet*, uma vez que o período da pandemia do coronavírus, os encontros presenciais estavam suspensos.

Numa noite nublada e com previsão para chuva, fiquei apreensiva se os discentes iriam comparecer; somente dois dos discentes convidados compareceram, mas foi extremamente gratificante e enriquecedora a participação de ambos como afirma Portelli (p. 24/25, 2016): “Talvez a coisa mais importante que eu aprendi seja a arte da escuta e o respeito às motivações e prioridades das outras pessoas”. Iniciando as entrevistas no CEJA Alzira de Souza Campos, no dia 11 de janeiro de 2023, às 20:20 e finalizando às 21:38. Escolhi entrevistar os discentes no CEJA porque é um local mais central do que a minha residência. Escolhi-os por serem pessoas comprometidas com os seus estudos e, com os quais tenho uma relação estreita de amizade e admiração que sinto ser mútua.

Dessa forma, a próxima etapa deste trabalho consistiu na tentativa de realizar um bate-papo *online* com alguns discentes, tanto estudantes da EJA regular, quanto da EJA TEC, para descobrir o que os levaram a buscar o banco da escola novamente depois de tanto tempo afastados, e para saber quais seriam suas perspectivas diante do que estava por vir. Após certas dificuldades diante dos aparatos tecnológicos, foi possível coletar os depoimentos dos discentes. Sobre essa prática de coleta das narrativas orais Portelli afirma que “assim como a memória, a própria narrativa também não é um texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo e uma performance” (2016, p. 19). Além disso, vale destacar que vários discentes decidem pela EJA TEC pela distância de suas residências até o CEJA Professora Alzira de Souza Campos, conforme mostra mapa abaixo:

Figura 7: Mapa da distância entre as residências dos discentes e a unidade do CEJA.



Fonte: própria autora com dados do Google Maps.

Conforme mapa acima, podemos perceber que o menor caminho chega à quase 2km e o mais longo chega à quase 6km, o que dificulta muito a locomoção dos nossos discentes já que o transporte coletivo da cidade é restrito e vários discentes não possuem transporte próprio. Lembrando que o CEJA Professora Alzira Souza de Campos está situado na Rua Ten. Cel. João de Cerqueira Neto, Catalão, GO, sob o CEP 75702-115.

Figura 8: Fachada do CEJA Professora Alzira de Souza Campos.



Fonte: www.blogdomamede.com.br.

Os relatos serviram como força motivadora para a escrita deste texto. Entretanto, houve apreensão diante da elaboração dos questionários a serem aplicados: quais perguntas subsidiariam o diálogo e de que forma as atividades com os estudantes seriam aplicadas. Foi decidido que, a priori, os estudantes falariam sobre como suas vidas mudaram, quais aspectos modificaram após o regresso à escola, quais eram suas motivações e se houve apoio em algum momento.

Os discentes Iara, Gabriela, Manoel e Rezende são discentes da EJA presencial. Rezende, atual funcionário da Prefeitura Municipal de Catalão, retornou na 2ª Etapa (ensino fundamental 6º ano) e foi até o fim do curso, e ele mesmo fala que a aprendizagem precisa da presença e pelo celular não teria o olho no olho. Manoel, 52 anos, paraibano de Coremas, falante, pregador da Bíblia, a cada fala sempre colocava uma passagem da Bíblia. Trabalha em uma mineradora da cidade de Catalão como operador de máquinas.

Das mulheres, duas não trabalham fora, somente nos serviços domésticos que não deixa de ser uma ocupação e duas trabalham na função de diarista, com idades entre 33 a 53 anos. A ex-aluna Godiva (já concluiu o curso) do CEJA Alzira de Souza Campos, na modalidade a distância EJA TEC, tem 53 anos, é casada e tem três filhos, é moradora do bairro Copacabana, na cidade de Catalão, no estado de Goiás. A entrevista foi feita no dia 23 de janeiro de 2023, na escola CEJA às 19:10. Ela concluiu o ensino médio em junho de 2022, e eu fui sua professora de Linguagens e códigos no 1º ano. Nesse período já percebia sua dedicação e empenho em aprender, ela participava das aulas pelo *Zoom*, pois estávamos no período da pandemia da Covid-19. Sobre o abandono escolar a aluna relata que:

Aluna Godiva: Meu nome é Godiva., parei de estudar muito cedo, fui trabalhar pra ajudar em casa, minha família. Parei aos 14 anos voltei a estudar aos 18, conclui o ensino fundamental com 20 no supletivo e parei novamente e, então fiquei muitos anos sem estudar. Eu voltei a estudar pela EJA TEC porque é no ano de 2021 né, e, foi tudo assim maravilhoso pra mim, né? Eu fiz o meu curso, foi muito bom, né? E eu consegui chegar até o final, não foi fácil, foi difícil, mas eu conquistei, né? Era um sonho pra mim de concluir o ensino médio e eu conclui no ano de 2022. Depois que terminei já dei entrada no curso técnico de segurança do trabalho estou fazendo o curso no Senai, já estou há 6 meses fazendo o curso. Estou achando ótimo, a luta não é fácil tem que estudar muito, mas eu chego lá. (Aluna Godiva, entrevista realizada em 23/01/2023, às 19:10, de maneira presencial, *sic*).

A discente do sexo feminino, Gabriela, 47 anos, é diarista, mulher negra e divorciada, passou sua infância na cidade de Brasília, foi criada pelo pai, órfã de mãe desde seu nascimento, estudou até os 14 anos e teve que interromper os estudos. Casou-se duas vezes e, após o término de um matrimônio que durou 20 anos, decidiu retomar os estudos para ocupar a cabeça:

Resolvi voltar para a escola estudar, porque pensei vou ocupar minha cabeça e vai ser bom. Os professores sempre atenciosos para ensinar, e der paciência com a gente que tem muitos anos fora da escola. (Aluna Gabriela, entrevista realizada em 21/07/2021, às 20:30, de maneira remoto pelo Google Meet, *sic*).

Outra entrevistada, a aluna Gabriela também relata como deixou a escola. No dia 15 de fevereiro às 20:40, numa quarta-feira, depois de alguns contratempos conseguimos nos encontrar para fazer a entrevista. A ex-aluna Gabriela do CEJA Professora Alzira de Souza Campos trabalha como diarista, é separada, tem 03 filhos, um deles concluiu os estudos junto com ela, no CEJA, por incentivo da mãe:

Pesquisadora: Então valeu ter começado quase do zero? Tinha muito tempo que você tinha parado?

Ex-aluna Gabriela: Nossa!! Muito tempo! Eu voltei com 47, já tem muitos anos, uma década (fala e dá uma risada gostosa).

Pesquisadora: E antes parou porque tinha casado? Casou-se cedo?

Ex-aluna Gabriela: Casei, separei! A última separação foi complicada, o emocional tava abalado e aí falei vou ocupar minha cabeça, porque eu não vou pra rua fazer o que não presta. Então tenho meus meninos comigo, então eu voltar pra escola que é um meio de eu distrai a cabeça.

Pesquisadora: E quando você era casada não tinha como estudar?

Ex-aluna Gabriela: Não, não tinha como eu nem imaginava, né? Teve que ter esse rebuliço tudo pra cair a ficha de voltar pra escola. Eu trabalhava à noite, trabalhei 8 anos de zero hora na John Deere de cozinha, não tinha oportunidade de voltar e agora vou continuar firme. Falei pro namorado, 'Rapaz é o seguinte, eu tô quieta, é porque eu tô organizando a vida, hora que eu terminar de organizá eu vou voltá pra escola. E se for pra escolher a escola ou ocê eu vou ficar com a escola pode ter certeza!'

Pesquisadora: E ele estuda também, já estudou?

Ex-aluna Gabriela: Não, já estudou não mexe com isso mais não, tá doente.

Eu falei eu vou volta, tô esperando regularizar minha vida. Na hora que regularizar, escola em primeiro lugar, namoro depois, escola em primeiro lugar! Vamos estudar, botar o pensamento na frente, na vida! E ele caladinho se quiser, que se não quiser tchau! Que eu tô indo pra escola e eu vou, já falei que eu vou porque eu vou! Estou só organizando a vida. A (cita o nome de uma colega) já até me mandou até a escola que ela tá fazendo e eu vou fazendo o mesmo que eles estão, ela e o R.! [relato sobre a vontade de seguir adiante na Universidade Federal de Catalão, onde seus amigos estão estudando atualmente, após concluírem o ensino médio]. (Aluna Gabriela., entrevista realizada em 15/02/2023, às 20:40, presencial).

A princípio ela ficou meio apreensiva sobre a entrevista, mas a informei que não colocaria nada que ela não quisesse e que falaria somente o que ela sentisse vontade. Sobre a vontade de seguir ela afirma:

Pesquisadora: E você quer fazer o quê? É pedagogia?

Ex-aluna Gabriela.: Eu quero fazer pedagogia!

Pesquisadora: Você fez o Enem?

Ex-aluna Gabriela.: Nossa! Imagina!!

Pesquisadora: Saiu o resultado e qual foi o seu?

Ex-aluna Gabriela: Não sei, mas eu fiz! Ó minha filha, tô aqui fazendo o que aprendi na escola, que eu lembrei de muita coisa daqui da escola, pratiquei lá na hora! O que os professores falavam, o que eu aprendi lá na dentro. Eu sei que passa eu não dei

conta de passa e ri e foram as primeiras vezes, mas eu tentei e achei bom muito gratificante também. (Aluna Gabriela., entrevista realizada em 15/02/2023, às 20:40, presencial).

Outro detalhe muito importante que chama atenção da aluna Gabriela., como já citado acima, é o término do Ensino Médio junto com o filho dela:

Ex-aluna Gabriela.: Meu menino também terminou junto comigo. Ah, Mãe! Você tá terminando, também vou terminar!

Pesquisadora: Então você foi o incentivo pra ele?

Ex-aluna Gabriela.: Eu o incentivei pra terminar. Ele, uai mãe eu também vou terminar, como vai ficar minha cara? Minha mãe termina e eu não terminei ainda. Ele também voltou, e ele estudava no Estadual e depois ele passou pro EJA. Ele também achou bom.

Pesquisadora: Quando você fala que a escola foi boa, foi bom o aprendizado ou algo mais? Ou a escola não era só aprendizado?

Ex-aluna Gabriela.: É tudo, representou tudo. Deu pra trabalhar um pouco o emocional, conversava com todo mundo, brincava, estudava foi muito bom foi um aprendizado muito bom. Por isso que vou voltar se Deus quiser. Estou me organizando, minha vida, deixa organizar minha vida! Nem que eu volte pagando essa escola, mas eu volto!

Pesquisadora: Você quer terminar no caso agora um curso superior?

Ex-aluna Gabriela.: Não quero parar não, quero ir pra frente. O R. já tá lá, a A. L. também! E eu tenho que ir, só tá faltando eu! Eu falei: não gente! Eu tenho que ir também.

Pesquisadora: Você não quer parar?

Ex-aluna Gabriela.: Não, não pode parar não. Só tô organizando a vida!

Pesquisadora: Valeu a pena ter estudado?

Ex-aluna Gabriela.: Valeu!!!

Freire (1996. p. 54) afirma que “como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, desejos, os sonhos devessem ser reprimindo”. Vejo a educação da mesma forma que Freire, o educador pode transmitir, incentivar o educando a seguir e procurar realizar seus objetivos como a aluna coloca que depois de um tempo sem perspectiva viu nos estudos uma forma de renovar, reviver o que estava apagado problemas ao longo da vida.

Diante destas respostas variadas, afinal muitos responderam de forma muito espontânea sobre a vontade de continuar estudando como a aluna Godiva e como a aluna Gabriela que já até decidiu fazer Pedagogia; a cada resposta eu sentia que eles tinham algo a mais para ser falado e em quase todas as respostas foi possível perceber uma grande vontade deles em completarem os estudos e seguir adiante, alguns em cursos profissionalizantes, outros em ir para a faculdade, algo mais amplo do que conseguir um emprego.

O discente Manoel, 52 anos, natural da Paraíba, com histórico de dificuldades desde a infância e foi tolhido da oportunidade de frequentar a escola, pois precisava trabalhar na roça afirmou que voltou para a escola por causa da demanda de seu trabalho, uma vez que a empresa

a qual presta serviço exigiu que todos os funcionários tivessem Ensino Médio completo. Se vendo em um cenário de idade avançada, aos 52 anos e casado, teve medo de perder o emprego e resolveu voltar à instituição escolar. Manoel, 52 anos, começa contando os motivos de não ter estudado:

Aluno Manoel: “Por causa que eu trabalhava. Eu saí de casa novinho, pra sustenta, lá em casa, nós tava com 9 crianças, nove pessoas. Tinha 8, minha mãe tinha que lavá roupa pra fora, meu pai só vivia bêbado e a gente, eu tinha que rodá no meio do mundo. Eu pescava no Ceará, rodava. Ia pra Brasília carregá saco de cimento, descarregando caminhão de saco de cimento. Eu, rapazinho novo, entendeu? Então eu saí, não tinha aquela infância de estudá, eu não tinha como estudá, estudei pelas metades, entende?”
Pesquisadora: Não tinha incentivo?

Aluno Manoel: Não tinha por que, porque quando eu começava a estudá, era época que eu tinha que ir pra roça, era a época que tinha que ir pra pesca, porque a pesca tem data. Então época do agricultor no Nordeste é assim, tem uma época que ele tem que tá na roça passou a chuva ele tem que tá lá na pesca, no meio dos homens. Então a criança ela não estudava, como muitos de nós lá do Nordeste, do sertão, tô falando do sertão, não tô falando de Campina Grande, cidade rica não, tô falando lá de Coremas lá onde nasci, de onde os índios foram expulsos de lá pelo povo que se achava que era ricão, o povo de Portugal e várias pessoas. Que lá só tem o nome do índio da cidade que é Coremas, tudo eles tiraram de nós lá, então nós viemos de uma pobreza, eles nos deixaram lá com nada, zero, até o ouro, levaram tudo. A cidade ficou só o povo sem nada, entende?” “Então a criança nascia naquela época[...], eu fui criado, minha mãe mesmo diz ‘meu filho, quando você nasceu dia 1º de janeiro de 1970, eu nem leite eu não tinha direito. Você, meu filho foi criado com papa feita com sal, porque nem açúcar tinha. Aqueles fogões a lenha, pegava aquelas panelas de barro colocava água sal e jogava um pouquinho de farinha e virava aquele caldinho, eu dizia que era papa, eu pegava e você comia e você escapou na década de 70 foi assim’. (Aluno Manoel, entrevista realizada em 23/01/2023, às 20:30, de maneira presencial, no CEJA)

Do trecho do aluno Manoel podemos discorrer sobre vários aspectos. Primeiramente, se tratando da EJA TEC podemos dizer que a modalidade não leva em conta o processo dos discentes, não oferece alternativas de ensino/aprendizagem considerando essas trajetórias deles. Afinal, se a EJA TEC é justificada para inserir no mercado de trabalho porque a maioria dos alunos entrevistados tiveram que pararem de estudar justamente para entrarem no mercado de trabalho? A maioria dos discentes já estão inseridos há muitos anos no mercado de trabalho, mas um mercado de exploração que trata o trabalhador como mercadoria. Segundo Neves (2022, s. p.) “Os processos de precarização, terceirização e informalidade do trabalho são essenciais à expansão do capitalismo”. Por isso, podemos afirmar que amplos segmentos “da classe trabalhadora só têm possibilidade de realizar trabalhos cada vez mais precários e repletos de informalidade, seja nos países centrais ou na periferia do capitalismo.” (NEVES, 2022, s. p.) e esse fator é considerado um pacto político e econômico da classe dominante.

Entrevistado Manoel : Foi 7 anos sem chuva no Nordeste, no sertão, foi muita fome. Então quando eu me entendi por gente com 8 anos já tava na roça, trabalhava,

trabalhava, cadê chuva? E, às vezes, chovia aqui outro acolá, não dava nada. Tinha que corrê pros açudes para pescar, pescar camarão e vendia de ‘graça’. Trabalhava, eu cheguei trabalhar 15 dias pra comprar uma alpargata que chamava nem alpargata não era, ‘olpargarta’ que eles diziam. A bicha vinha seca, sabe? 15 dias só pelo almoço de 7 às 5 da tarde, carregando água, catando algodão e levando aqueles sacos de algodão no meio das costas. Um calor infernal e cê sabe que quando dava a hora do almoço que eu comia eu ficava alegre, porque eu era doido que desse a hora porque eu tava ali pela comida, entendeu? Eu tava ali pela comida, quer dizer lá em casa já diminuía uma boca, entendeu como era o negócio? Com 10 anos coloquei minha primeira roça, 12 anos já sai pelo mundo pra trabalhar pros outros. (Aluno Manoel, entrevista realizada em 11/01/2023, às 20:30, de maneira presencial).

Neves (2022) discorre sobre o que o discente Manoel narra em relação a sua vida. Apesar de estar inserido em um mercado de trabalho, sempre foi um mercado explorador, que não abria brechas para possibilidade de estudo, vivenciado inclusive quando o discente fala sobre o calendário escolar não privilegiar as datas da pesca e das colheitas, sendo preciso decidir dentre trabalhar ou estudar e, as condições mostram que a maioria trabalhava para ajudar a família, então era preciso. Manoel ainda reforça a necessidade dizendo que a mãe trabalhava, mas o pai era alcoólatra e surgia a necessidade/obrigação ainda maior de ajudar em casa. Apesar de ter sobrevivido à fome e a pobreza, ele conta ainda que todos esses problemas iam além: a exploração feita pelos colonizadores portugueses deixou a sua região – e várias outras do Brasil – na miséria.

Cheguei em Brasília escondido, sem documento. Eu morava na Ceilândia, era só barraqueira naquela época, eu fui descarregar cimento, lajes pré-moldadas, naquela época eu carregava tudo nas costas.

Pesquisadora: com que idade ele estava nessa época?

Entrevistado M: Eu, eu já tava com 15, 16, 17 essas faixas aí, que eu não sei te fala, diferenciá. Mais muitas vezes já chegou de pessoas pergunta como é teu nome? Eu não sabia. Olha, aconteceu comigo lá em São Paulo, umas mulheres chegaram pra mim dizendo ‘por gentileza me diz pra mim seu nome completo’ e eu olhei pra ela e esqueci, eu já tava com a identidade, enfiei a mão no bolso tirei a carteira, abri e disse Manoel Elivan Porque até o meu nome eu não tinha. Meu nome era conhecido como Gibi. Lá no Nordeste quando a pessoa é pobre ela é conhecida como apelido por quê? Porque teu nome não tem valor naquela época. E a escola ela dá valor ao aluno, a criança, ao jovem ela dá nome, sabia disso? Que a única coisa que nós temos no Brasil que é o nome verdadeiro, criança primeiro é os pais, segundo é a escola, porque a escola vai comprovar que teu nome é aquele e que você não é mais aquela pessoa, tão analfabeto, conhecida por analfabeta, você não se acha. Que nem hoje tô berando os 54, hoje me sinto, eu não me sinto mais aquele homem a dois anos atrás, eu não sinto mais, eu vi que eu mudei. Mesmo eu estudando pelas metades. Quando eu cheguei aqui à professora dona Cezaréia disse assim “Manoel pega firme!” e aí eu tive ajuda e aí muitas das vezes, não tinha como tá aqui né irmão (disse para o aluno R. que estava junto) por causa de trabalho, mas fui, fui indo hoje eu posso dizer e posso reconhecer se não fosse essa escola, eu não estaria aqui. (Aluno Manoel, entrevista realizada em 11/01/2023, às 20:30, de maneira presencial).

O aluno Manoel, em sua fala, levanta novas indagações para este trabalho: o analfabetismo é um dos exemplos mais graves de exclusão educacional e social. Até a década de 60, segundo relatos de estudiosos, os estudos eram prioritários para os jovens da classe nobre.

Os mais velhos precisavam produzir para o mercado capitalista, não havendo espaço para estudos, fazendo com que, atualmente, muitas pessoas acima de 50 anos de idade sequer sabem ler e escrever, sendo invisíveis perante a sociedade em vários aspectos. Peres (2009) afirma que:

Se considerarmos o acesso à educação formal como a possibilidade de ter contato com o conhecimento científico, a literatura, a filosofia, a arte, enfim, com a linguagem escrita como forma de expressão e comunicação, então constatamos que não saber ler e escrever significa não dispor dos recursos de interação com o "mundo civilizado" da sociedade ocidental capitalista. (PERES, 2009, p. 631).

Manoel mostra a falta de valor do nome naquela época no sertão do Nordeste, ainda afirmando que a pobreza anulava a identidade de todos, afinal eles eram conhecidos por apelidos. O objetivo de Manoel foi muito além no CEJA Professora Alzira de Souza Campos, não era apenas uma vontade de aprender, era literalmente recuperar a sua dignidade com cidadão brasileiro, porque estar na escola é reconquistar o direito de ter um nome, ser respeitado; mostrando ainda professores que o incentivaram sempre.

Minha perspectiva é ter o diploma e crescer na empresa [...] a escola mudou minha vida para melhor, hoje tenho mais entendimento, melhor, mais aberto, antes eu não compreendia direito as palavras, mas agora é muito diferente, a escola mudou minha vida. (Aluno Manoel, entrevista realizada em 11/01/2023, às 20:30, de maneira presencial).

Seguindo adiante, a aluna Godiva ainda fala sobre a falta de incentivo para estudar, mas que sempre considerou voltar para a escola como um sonho.

Pesquisadora: E o incentivo em casa, tinha o incentivo de voltar a estudar ou alguém disse pra você que estava num tinha idade mais de estar na escola?

Aluna Godiva: Eu tinha um sonho né, que sempre me acompanhou, mas eu morava em Goiânia, em Goiânia é impossível ser dona de casa, mãe e estudar e ainda que não tinha o EJA TEC, só o supletivo que você tinha que ir todos os dias e pra mim era impossível. Eu tinha uma filha pequena e era complicado; mas quando mudei pra Catalão eu consegui. E a minha filha mais velha né, que veio fazer minha matrícula, me trouxe para fazer a minha matrícula; ela e minha filha mais nova, e eu sempre tive muito incentivo da família toda. Na minha formatura a minha irmã me acompanhou, foi muito emocionante, foi linda a formatura. (Aluna GO, entrevista realizada em 26/01/2023, às 20:30, de maneira presencial, no CEJA).

O estudante Rezende, 51 anos também narrou que deixou de frequentar a escola após os 13 anos de idade, pois precisava trabalhar. O que o fez retornar à escola foi a vontade de adquirir conhecimento. Não podemos ignorar todo o percurso transcorrido até aqui para esse retorno. A maioria desses alunos tiveram uma vida muito difícil, de muito trabalho – muitos deles com trabalho braçal exploratório – tiveram problemas com drogas, crimes, prostituição, e foram

fatos que mudaram completamente a trajetória de vida deles. Para Rezende a escola não apenas transmite conhecimentos e saberes a ele, mas permite que ele compreenda e dê sentido à vida que teve, afinal, compreender a vida que viveu é muito mais do que estudar para ter emprego. Ele afirma:

O retorno foi algo muito legal, pois muitos me incentivaram a voltar a estudar [...] estar na sala de aula é impressionante, pois tem que ter muita força de vontade, o que anima é poder aplicar o que a vida nos ensina para poder compartilhar com as demais pessoas. O legal é poder ver o incentivo dos professores, acreditar nos nossos sonhos. (Aluno Rezende, entrevista realizada em 21/07/2021, às 20:30, de maneira remota pelo Google Meet, *sic*).

O processo com a aluna K. foi diferente do pretendido. A aluna K, 36 anos, estudante do EJA TEC, passou toda sua infância no ambiente rural, sobre o acolhimento que recebeu, a aluna destaca o papel principal desempenhado pelos professores que apoiaram sua decisão e têm dado suporte para que ela permaneça estudando:

Aluna K: Frequentei a escola até os 15 anos de idade, depois parei de estudar porque me casei e meu marido era muito ciumento e não deixava eu estudar [...]. Quando tive possibilidade de retornar, outro entrave surgiu, a incompatibilidade de horários referentes à escola e ao trabalho. Por causa das dificuldades de arrumar emprego decidi voltar a estudar, mas como hoje tenho uma criança pequena fica mais difícil estar dentro de uma sala de aula. (Aluna K. Relato colhido dia 18/03/2023).

Com essa aluna não consegui conversar com ela pessoalmente, percebi que ela não fez muita questão de participar e contar sua história, alegando sempre falta de horário compatível. Ela me escreveu um relato à mão, de 30 linhas, falando sobre sua história no CEJA e pediu que não colocasse tudo o que me relatava, apenas o necessário para minha pesquisa. Além disso, me pediu também que eu não revelasse o nome dela, por isso foi nomeada de K. Na formatura dos alunos em dezembro de 2022, ela estava sentada na mesa próxima a minha, mas como eu tinha conversado com ela só uma vez pessoalmente, afinal ela era aluna da EJA TEC, eu não a reconheci e ela também não veio até mim. Esse fato mostra também que a EJA TEC, no fim, deixa as relações impessoais, visto que nem os próprios alunos são reconhecidos pessoalmente. No relato da aluna K podemos perceber que o machismo e o autoritarismo do marido acabaram retirando-a da sala de aula, uma forma, inclusive, de violência doméstica, mas que por necessidade financeira teve que ser superada por ela, inclusive porque ela ainda tem filho pequeno que depende dela, por isso também a escolha pela EJA TEC.

Aluna Iara é dependente química em recuperação, tem 46 anos e perdeu seu filho e seu neto. É moradora do bairro Castelo Branco em Catalão, deficiente física devido a um coágulo na cabeça que comprometeu o lado esquerdo, tanto braço como perna, porém isso não a impede

de se locomover. Antes ia para a escola no transporte público, mas devido a pandemia a empresa que prestava o serviço alegou prejuízo já que a demanda estava pequena, por isso hoje a empresa atende apenas em alguns horários que não servem para ir para o CEJA. Por isso, a forma que ela conseguiu para continuar indo à escola foi adquirir uma motocicleta adaptada, que ela usa para se locomover por toda cidade. Nossa entrevista foi feita nas dependências do CEJA de Catalão, local onde pude conhecê-la e, aos poucos, saber de sua história de vida que, a todo momento, ela gosta de compartilhar; sinto que é uma forma de mostrar sua superação diante de muitas dificuldades. A entrevista foi realizada no dia 8 de novembro, numa quarta-feira, estava chovendo bastante e ela não escondia sua empolgação ao ser entrevistada. Já chegou dizendo “quero falar tudo”.

Pesquisadora: O que a fez parar de estudar antes?

Aluna Iara: Porque eu não gostava, a bandidagem fez parar, eu não gostava sabe? Segui minha vida na bandidagem, usar drogas, fazia programas e as festa sabe? Eu não gostava de estudar, pelo contrário agora, agora estou apaixonada. (Aluna I, entrevista realizada em 21/07/2021, às 20:30, de maneira presencial, *sic*).

Podemos perceber que na idade de entrada no ensino infância/adolescência ela se envolveu em uma vida do crime e prostituição, e ela não tinha qualquer atrativo pela escola. Com o passar dos anos essa foi uma vida que se despedaçou. Com isso, ela conseguiu entender a necessidade de mudanças, entendeu a volta para a escola para uma nova fase e reorganizar a vida. Diante desse passado e desejo dela de retornar aos estudos a EJA TEC tem papel fundamental e dá condições para ela ter acesso à escola que deseja.

Pesquisadora: o que fez você voltar para à escola? teve incentivo de alguém?

Aluna Iara: “Não tive, eu ah! Quando comecei a estudar eu estava me sentindo sozinha porque perdi meu filho. Sabe, perdi meu filho em setembro do ano passado, e aí eu ‘tava’ sozinha, eu ia ficar louca se não arrumasse e voltasse com alguma atividade na minha vida né? Ia fica louca por isso resolvi fazer minha matrícula, eu não botava fé nisso de que eu ia conseguir prosseguir com a escola. Mas agora estou amando”.

Pesquisadora: O que a fez sentir que vai para frente, que você vai prosseguindo, foi a escola? Como é a relação em sala de aula com os colegas

Aluna Iara: Muito boa e eu pretendo cada dia melhorar mais ainda... Pergunto a escola foi o quê? É o que para você? Não é, no começo foi um refúgio, agora eu estou apaixonada, eu quero ter a escola, quero terminar, fazer uma faculdade de psicologia. (Aluna Iara., entrevista realizada em 21/11/2022, às 20:30, de maneira presencial, *sic*).

Apesar das intempéries do percurso, a estudante relata que por meio dos estudos encontrou força para recomeçar, almejando novos sonhos, criando teias de afeto. Diante de todas essas dificuldades tanto de aprendizagem quanto na busca de conciliar trabalho e trabalhos domésticos é o que a motiva por essa busca de uma formação que antes foi interrompida. Os relatórios coletados serviram tanto como procedimento metodológico quanto

como fatores motivadores à trajetória docente. Na coleta das entrevistas algumas dificuldades surgiram, dentre elas o manuseio para gravar os depoimentos que foram autorizados que, após certos entraves, acabou dando certo. Os depoimentos foram, em sua maioria, baseados em questões que dizem respeito ao abandono dos discentes, mas cada narrativa nos conta detalhes tão particulares, detalhes da vida, da família, do trabalho, do sofrimento, da exploração, da sobrevivência, da fome e todos os outros problemas que todos esses discentes passaram antes de retornarem ao CEJA. Muitos procuraram o retorno aos estudos pela necessidade exigida no mercado de trabalho, principalmente para conseguirem fazer um curso superior.

Outro aluno entrevistado já citado é trabalhador da Prefeitura Municipal de Catalão e pastor; sempre busca adquirir o conhecimento através de pesquisas em sites e é um grande incentivador dos colegas em sala de aula. Muitos discentes o procuram para tirar dúvidas. O aluno Rezende, começou no CEJA desde o 6º ano do ensino fundamental II, uma pessoa muito comunicativa e dedicado, sempre foi uma liderança na sala, talvez por ser pastor e por ser mais velho tenha uma certa influência. Sempre disposto a ajudar os outros colegas. Por isso sempre o admirei por seu desempenho, dedicação e força de vontade.

Aluno Rezende: As informações que eu fico confuso eu procuro no computador, celular ele tira o foco. Por que tira o foco? São tantas informações, aí acontece o quê? Agora no presencial não, presencial aborda a pessoa né. É mais, pera aí, que eu quero me aprofundar. E, ela pode olhar no olho e espera aí. Quero aprender! Porque amanhã a hora que eu chegar lá, vou dizer quem foi que iniciou, por onde eu passei né? O esforço que eu tive que fazer para chegar lá. Igual assim quando eu cheguei, olhei aquela juventude, pensei meu Deus! Eu estou no lugar errado. (Aluno Rezende, entrevista realizada em 01/2023, às 20:30, de maneira presencial, *sic*).

Rezende deixa claro como o ensino remoto, a EAD e a EJA TEC podem destruir a relação humana entre discente e professor, como o foco pode não acontecer – principalmente se tratando do público mais velho. Para alunos como o Rezende, a única maneira válida de aprender é na sala de aula. Outros discentes, os da EJA TEC, acharam mais fácil usar a plataforma pela falta de tempo de estar em sala de aula, porque através da plataforma há o conteúdo e as atividades, que podem ser acessadas a qualquer momento de qualquer lugar. Apesar da facilidade, dificuldades surgiram ao longo do processo. Normalmente, como já posto neste trabalho, menos de 30% dos discentes tem acesso à internet ilimitada, e normalmente o acesso a plataforma *Moodle* acontece através do celular, já que menos de 5% deles possuem computador ou notebooks, sendo 95% de usuários de celular. Eles afirmam ainda que a presença do professor em sala para sanar as dúvidas é fundamental, por isso, os plantões são frequentados por vários discentes, no laboratório presente no CEJA Professora Alzira de Souza Campos.

Até as entrevistas, a discussão se dá em torno da EJA TEC, com reflexões diversas e importantes a respeito dessa modalidade e da forma com que ocorre na cidade de Catalão. As entrevistas, entretanto, mostram as trajetórias de vida, que de certa forma, tendem a reproduzir sentidos e posições que elevam a educação como um valor frente aos percalços vividos. Algo como uma redenção. Assim postos, não há problemas no processo educacional, mas na vida das pessoas. Portanto, a educação cumpre um papel, seja o diploma, seja o de superação individual. Tornando-se, no segundo caso, um agente de saúde ao invés de uma instituição formal de educação.

Estranhamente, parece apontar para o fato que uma sociedade na qual as pessoas perfazem situações de dominação, de exploração, de injustiças – tal como a capitalista que vivemos; e tem a escola adequada para ela. Ou seja, cada sociedade tem a escola mais eficiente para a sua própria funcionalidade. Se isso se confirmar, está aí mais um motivo para mudarmos a realidade social que nos cerca e com isso mudar a escola: retirá-la da alienação – que é um fator humano, que faz a escola discursar algo contrário ao que realiza.

Figura 9: Laboratório da EJA TEC no CEJA - 1



Fonte: própria autora.

Figura 10: Laboratório da EJA TEC no CEJA - 2



Fonte: própria autora.

Figura 11: Laboratório da EJA TEC no CEJA - 3



Fonte: própria autora.

3.3 Experiência pessoal e finalização das entrevistas

Na conversa com o grupo, como maneira de abrir o diálogo, relatei a eles a minha luta de ser uma trabalhadora estudante, disse a eles que sempre quis ser independente e via nos estudos essa realização. Porque desafios e obstáculos sempre encontramos e cabe a cada um enfrentá-los. Disse também que quando comecei o mestrado tive vontade de desistir, por estar fora do meio acadêmico por mais de 20 anos. Mas tive muito incentivo de minhas amigas de trabalho, de minha família e assim continuei e como tudo que começo, terminarei enfrentando as dificuldades e obstáculos. Por isso, foi relatado a experiência para que eles se sentissem confortáveis na atividade via *Meet*, para que pudessem expor sobre a trajetória de vida deles. Colocando quais foram os motivos e as causas que os fizeram deixar os estudos tempos atrás. Apesar de já trazerem conhecimentos e experiência do mundo que os rodeiam. Freire expressa:

[...] é preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história (FREIRE, 1996, p. 46).

As atividades com os discentes da EJA presencial foram retomadas em agosto de 2021, hoje estão no 3º semestre da 3ª Etapa (3º ano do ensino médio) e com os da EJA TEC 1º semestre e 2º semestre. E as angústias são várias, discentes relatando suas dificuldades, tanto para acessarem a plataforma quanto para entenderem como fazer as atividades, pois o apoio que é ofertado é via plataforma ou pelo WhatsApp. Sobre isso R. fala:

Aluno Rezende: Igual assim, eu vejo a tecnologia ótima, bom demais, mas ela não me envolve muito não. Sou muito mais daquele ponto de vista que eu posso olhar, sou grato a tecnologia, mas se eu puder caminhar com os meus pés firmado no chão, eu tenho certeza de que eu posso ir longe. (Aluno R., entrevista realizada em 21/07/2021, às 20:30, de maneira remota pelo Google Meet).

Alguns mais jovens completam rapidamente, mas outros devido a idade ou a falta de habilidades com as tecnologias sentem muitas dificuldades e isso, às vezes causa o abandono. Na entrevista com a aluna Iara exponho a ela que o governo de Goiás quer fazer mudanças e passar o ensino fundamental para EAD como já foi implantado no ensino médio, antes de fazer a pergunta sobre o que ela achava, ela já disse: “Não dá certo!” Explico que o professor auxiliará os discentes pelos meios digitais através de uma plataforma que pode ser acessada pelo celular ou notebook e mesmo assim ela continua discordando:

Pesquisadora: Você gostaria e conseguiria estudar dessa maneira?

Aluna Iara: não.

Pesquisadora: por quê?

Aluna Iara: (A princípio ela fica sem saber como explicar, gagueja um pouco.) Por que eu não ia ter o mesmo olho no olho com os professores sabe? Eu não ia ter o mesmo carinho que tenho dos discentes... Eu não ia ter é a..., eu não ia ser o que eu estava procurando na escola, era o refúgio, mais atenção dos discentes... Eu não ia ter, eu não ia ser, o que eu tô procurando, tava procurando o reforço dos alunos. Eu não ia ter isso nem online. Porque estuda sozinho, né? Não tem a mesma aprendizagem eu acho que não tem a mesma aprendizagem que na sala de aula. (Aluna IARA, entrevista realizada em 21/11/2022, às 20:30, de maneira remota presencial).

Sobre o mesmo assunto a aluna Gabriela. afirma:

Pesquisadora: Você fez a EJA aqui no CEJA presencial todo o período. Quando estava para terminar, você foi convidada para fazer a EJA TEC?

Aluna Gabriela.: Não, já tava online por causa do período da pandemia da Covid, estava estudando com as atividades que os professores passavam pelo WhatsApp, depois fiz com apostilas. E quando voltou preferi presencial. E estudar pela plataforma falei que não, já tenho dificuldade de aprender, eu quero presencial, que dá mais aproveitamento, mais os professores e aproveitar as aulas.

Pesquisadora: Se fosse pela plataforma você não gostaria?

Aluna Gabriela Não, não, eu tava indo bem online, pelo menos o professor Dimas falou que tava indo bem, eu tava me esforçando bastante pra entregar as tarefas direitinho, fazia no meio da semana, vinha aqui na escola e entregava, nunca deixei tarefa sem entregar. (Aluna Gabriela, entrevista realizada em 21/07/2021, às 20:30, de maneira remota pelo Google Meet, sic).

Os alunos da EJA presencial normalmente não migram para EJA TEC, exceto por fatores externos – mudança de emprego, filho pequeno, problemas com meios de transportes. Mas, mesmo assim não desistem das aulas, Para Fonseca (2015) todos tem papel importante na participação no processo de formação do cidadão; sendo fundamental que os professores:

Conheçam os saberes e as habilidades que os alunos desenvolvem em função do seu trabalho no dia a dia e no seu cotidiano; assim, cada vez mais, os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno a baixa autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, as diferentes perspectivas dos alunos em relação à escola, as questões e os dilemas políticos da configuração do campo da EJA como espaço e direito do jovem e do adulto, principalmente os trabalhadores (CARDOSO; PASSOS, 2016, p. 01).

Como Vieira (2008. p. 17) coloca “pensar a história como toda experiência humana entendida sempre como experiência de classe que é luta, e valorizar a natureza política dessa luta significa considerar então que a história real é construída por homens reais[...]”, e vivenciar essas experiências de vida que esses estudantes relatam é uma das formas de valorizar esse conhecimento histórico através das pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O clima dessa pesquisa foi muito amistoso e agradável. Vale ressaltar que entrevistados demonstraram muitas dificuldades ao longo do processo: discentes que foram obrigados pelo trabalho a concluírem o Ensino Médio, discentes que foram para escola para tentarem se livrar de depressão, solidão, tristeza. O mais precioso é entender que os meus entrevistados se mostraram muito motivados a continuarem além da EJA, foi uma experiência ver a busca desses trabalhadores estudantes para continuarem nos estudos apesar das dificuldades e para tentarem alcançar um trabalho ainda mais promissor.

Contudo, o que para o governo é a maneira mais flexível para que os discentes possam concluir seus estudos, mas isso causam uma certa frustração, pois o aprendizado é diferente em uma sala de aula presencial, visto que um grande valor é perdido: a humanização do processo de ensino/aprendizagem. Com essas conversas é possível perceber que as políticas educacionais e os investimentos em educação são mínimos, principalmente na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Atualmente, com a reforma do ensino médio querem que a EJA também passe por essa mudança; porém esse é um processo que precisa ser altamente discutido e analisado, pois a realidade desses alunos não são as mesmas das modalidades regulares, então essas mudanças não são muito adequadas a essa modalidade de ensino, já que cada grupo de alunos tem o seu perfil próprio.

Assim que os diálogos foram fluindo a pesquisa foi avançando, muita informação valiosa veio dos alunos e também algumas angústias foram notadas quando nos deparamos com alunos que buscam terminar os estudos e se matriculam na EJA TEC por diversos motivos diferentes: ou porque moram em bairros distantes, ou em outras cidades, ou até na zona rural; eles acabam não tendo oportunidade de estudarem no CEJA presencialmente e optam pela EJA TEC. E, estes estudantes, mesmo não estando presenciais precisam e querem ajuda e, às vezes, apesar das dificuldades eles se esforçam para o processo; assistem as aulas online, copiam e imprimem as atividades em cadernos para poderem compreender melhor os conteúdos. Isso acontece porque pela plataforma sentem dificuldade de estudar, além disso, muitos não têm um aparelho de celular ou um computador que seja compatível com as necessidades e, também não tem uma ajuda e nem o professor para auxiliá-lo no momento que estão fazendo as atividades porque estão em casa ou no trabalho. Por isso, nosso objetivo foi além de mostrar a EJA TEC, a precarização do ensino e a exclusão dos trabalhadores também precisava ser vista dentro do processo da EJA TEC.

Afinal, no campo educacional muito se tem discutido em relação ao ensino de jovens e adultos, infelizmente ainda há muito que se fazer, inovar e melhorar, pois a realidade desses estudantes que tiveram que deixar os estudos e agora, depois de muitos anos retornarem não é fácil. Os governantes ainda estão fora da realidade que cercam essas pessoas e, somente quem está dentro do chão escolar pode presenciar as dificuldades que eles trazem na bagagem riquíssima, mas que muitos deixam novamente por falta de uma estrutura educacional que envolvam e façam com que essas pessoas possam terminar seus estudos.

Este trabalho mostrou que mesmo inovando com as tecnologias, o ensino-aprendizagem ainda não está de forma coerente com a realidade de muitos, pois o Governo de Goiás não debateu com os grandes interessados, os discentes, simplesmente impôs suas estratégias objetivando, não o conhecimento adequado com a realidade que os cercam, mas sim uma forma de diplomar essas pessoas com um certificado muitas vezes vazio de conhecimento. Não que essa forma de ensino não seja adequada, mas a forma como é imposta sim, principalmente em semestres nos quais a Seduc-Go não autoriza matrículas na EJA regular e somente EJA TEC, e em outro semestre autoriza, colocando as instituições escolares em dificuldades, pois essa forma acarreta fechamento de turmas deixando o corpo docente em aflição devida à quantidade de aulas que poderão ter e, muitas vezes, sair em busca de novas instituições de ensino pra completar a carga horária.

Apesar dos avanços em relação a EJA, o governo ainda não conseguiu dar a devida atenção a esse público; é preciso ter um olhar mais carinhoso com essa modalidade de ensino, pois muitos ainda se sentem excluídos – e realmente são excluídos – desse universo, então precisa-se de políticas públicas comprometidas com essas pessoas para que elas se sintam integradas e parte fundamental na sociedade, para que voltem a ter dignidade, estudo, conhecimento, diploma e melhores condições de vida. As experiências de vida que muitos trazem, os anseios que os trazem a procurarem, depois de anos, o meio escolar, devem ser valorizados.

A própria Lei nº 9.394/96, título III, Art.4º, VII discorre sobre uma educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola. No entanto, isto está presente somente na lei, sabemos que as empresas não flexibilizam os horários de seus colaboradores, às vezes, exigem uma qualificação, mas não dão suporte para que eles possam concluir seus estudos.

Outro fato de destaque é o aumento constante dos polos da EJA TEC em Goiás. Atualmente, em Goiás, existem mais de quarenta polos de atendimento ao aluno, sendo que eles

são trabalhados por área – são necessários quatro professores para cada turma na EJA TEC, e doze professores no presencial. Com o aumento de polos e a diminuição da quantidade de aulas, principalmente presenciais, todo semestre os professores passam pelo mesmo processo: esperam o fechamento das matrículas para saber a quantidade de aulas e se precisarão completar a carga em outro colégio da cidade. Com mais oferta de EJA TEC cada vez menos alunos aparecem na EJA presencial, reduzindo todos os números das estatísticas, aumentando apenas o número de evasões. Não se sabe até quando esse governo neoliberal continuará, pois a justificativa que foi colocada com a criação da EJA a distância seria para que o aluno pudesse ter uma melhor flexibilidade de horário para poder estudar, mas o que realmente acontece é uma contenção de gasto e falta de valorização do ensino aprendizagem desses estudantes.

Ademais, os governos tanto federal quanto estadual precisam fazer um chamamento nacional a essas pessoas que tem o direito de concluírem seus estudos ao longo da vida; aqui em Catalão a equipe gestora do Polo vai aos meios de comunicação – rádio, televisão – divulgar e chamar a comunidade para que se matriculem, alguns professores distribuem panfletos em lugares mais frequentados e a equipe docente compartilha nas redes sociais para que toda a população saiba que tem como o jovem, o adulto que em tempos anteriores não puderam concluir seus estudos, para que terminem. Precisa-se do apoio dos governantes para que isso vá adiante e não fechar as escolas que oferecem educação para jovens e adultos por ter poucos alunos frequentes, afinal esses poucos fazem a diferença; e isso só sabe e sente quem está presente no meio dessas pessoas no ambiente escolar, afinal todo conhecimento deve ser valorizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A filosofia no Ensino Médio**: ambiguidades e contradições na LDB. Campinas/SP: Autores Associados, 2002. 170 p.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL, Conselho Nacional De Educação (CNE). Parecer CNE/CEB nº 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: maio de 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf Acesso em: 4 jan. 2022.

BRASIL. **PNE-Ministério da Educação**, Brasília, 2014. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20 metas.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

BECK, C. **Método Paulo Freire de alfabetização**. Andragogia Brasil. 2016. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

CARDOSO, Marcélia Amorim; PASSOS, Gisele de Andrade Louvem dos. **Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente**. Revista Educação Pública. Dez.2016.

CERQUEIRA, A. G. C.; CERQUEIRA, A. C.; SOUZA, T. C. de; MENDES, P. A. **A trajetória da LDB**: um olhar crítico frente à realidade brasileira. Departamento de Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. 2012.

DIAS, Lia Ribeiro. **Inclusão digital como fator de inclusão social**. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 61-90. Disponível em https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5128_2836.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

DOURADO, L. F. **Avaliação do Plano Nacional de Educação 2001-2009**: questões estruturais e conjunturais de uma política. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/q8MtGNtnrL8zS3sGpnrYkwf/#>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

FREDERICH, M.; BENITE, A. M. C.; BENITE, C. R. M.; PEREIRA, V. S. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil**: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VCPg4Tr5KBvNkfdXj5ShtZG/?format=pdf>. Acesso em 10 de mar. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa/São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1987.

GONÇALVES, Marcelo Coelho. **Exclusão digital na era da inclusão digital**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte 2017.

GOIÁS. Secretaria de Educação do Estado de Goiás. **Nota de justificativa do uso dos computadores na EAD da rede estadual**. 2019. Disponível em: www.go.gov.br. Acesso em: 08 de fev. de 2023.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000.

HARARI, Y. N. **Uma Breve História da Humanidade**. Companhia das Letras. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE aponta que 18,3% da população goiana não possui internet em casa**. Disponível em <https://ohoje.com/noticia/cidades/n/177016/t/ibge-aponta-que-183-da-populacao-goiana-nao-possui-internet-em-casa/#:~:text=Por%C3%A9m%20surpreendentemente%20in%C3%BAmegas%20resid%C3%AAncias%20goianas,quest%C3%B5es%20financeiras%20ou%20por%20op%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 09 jan. 2023.

INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIOECONÔMICOS. **Banco de Dados Estatísticos de Goiás**. 2020. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/bde/>. Acesso em 10 de jan. de 2023.

Jornal O Popular. **Matrículas na EJA reduziram 40% nos últimos 5 anos em Goiás**. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/cidades/matr%C3%ADculas-na-eja-reduziram-40-nos-%C3%BAltimos-5-anos-em-goi%C3%A1s-1.2395668>. Acesso em 10 jan. de 2022.

LANÇA, Héliida. **A implantação do EJATEC na rede estadual de SÃO PAULO**: mais um ataque à educação de jovens e adultos trabalhadores. V.19, nº 40, 2021 (set-dez).

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394**. 1996. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein 9394.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein%209394.pdf) . Acesso em março de 2023

MELO, Janete Aparecida Pereira. **Saberes e conceitos sobre inclusão digital**. 4º Seminário Nacional ABED de Educação a Distância. 9 a 11 de abril de 2006. Brasília -DF. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc010.pdf> Acesso em 3 mai. 22.

MELO, M. M. O.; LIMA, N. L., G, de. A EJA no Plano Nacional de Educação. v. 2 n. 4 (2021): **Ensino em Perspectivas**. Disponível em: [https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6594#:~:text=O%20PNE%20\(2014%2D2024\),forma%20integrada%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20profissional](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6594#:~:text=O%20PNE%20(2014%2D2024),forma%20integrada%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20profissional). Acesso em 10 mai. 23.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf> Acesso em 23 mai 2022.

NEVES, Daniela. **A exploração do trabalho no Brasil contemporâneo**. Espaço temático: trabalho, tecnologias da informação e comunicação e condições de vida. **Rev. Katálisis** 25. Jan-Apr 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82561>. Acesso em 08 de ago. 2023.

OECD. **Understanding the digital divide**. OECD Digital Economy Papers 49, OECD Publishing, Paris, 2001. Disponível em: mod.lk/ed23_pa4. Acesso em 3 abril 2023.

OLIVEIRA, Maria Olivia de Matos. **Políticas Públicas e Educação de jovens e adultos**. 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-15.pdf>. Acesso em 5 de fev. de 2023.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, Ananias Geraldo. LOPES, Carlos. **Educação de Jovens e Adultos a Distância: impedimentos e superações**. Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 28, n. 55, p. 162-182, maio/ago. 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS. **Projeto educação de jovens e adultos na modalidade de educação a distância** – EJA/EAD terceira etapa – ensino médio. Seduc-GO. Goiânia, outubro 2019. Disponível em: <https://site.educacao.go.gov.br/educacao-de-jovens-e-adultos-eja>. Acesso em 25 abr. 2022.

SANTANA, Alex. **A modalidade de ensino EJA e a inclusão digital: reflexões sobre o cenário atual**. Instituto Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/217>. Acesso em 16 mai 2022.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve História sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v10i38.8639689>. Acesso em 10 mai 2022.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo. **A pesquisa em história**. 5 ed. São Paulo. Editora Ática, 2007.

ANEXOS

Entrevista – Aluna I – 46 anos de idade

Aluna I, 46 anos, moradora do bairro Castelo Branco em Catalão, dependente química em recuperação, deficiente física devido a um coágulo na cabeça que comprometeu o lado esquerdo, tanto braço como perna, porém isso não a impede de se locomover. Antes ia para a escola no transporte público, mas devido a pandemia a empresa que prestava o serviço alegou prejuízo que a demanda estava pequena, por isso hoje a empresa atende apenas em alguns horários que não servem para a aula ir para o CEJA.

Por isso, a forma que ela conseguiu para continuar indo à escola foi adquirir uma motocicleta adaptada, que ela usa para se locomover por toda cidade.

Nossa entrevista foi feita nas dependências do CEJA de Catalão, local onde pude conhecê-la e, aos poucos, saber de sua história de vida que, a todo momento, ela gosta de compartilhar; sinto que é uma forma de mostrar sua superação diante de muitas dificuldades. A entrevista foi realizada no dia 8 de novembro, numa quarta-feira, estava chovendo bastante e ela não escondia sua empolgação ao ser entrevistada. Já chegou dizendo “quero falar tudo”.

A entrevista foi em uma sala de aula do CEJA na qual ela estuda no 2º semestre – 2ª etapa que corresponde ao 7º ano do ensino regular. Nessa noite chuvosa, com muitos relâmpagos e trovões iniciamos nossa conversa.

Perguntei se ela autorizava que eu gravasse e publicasse nossa conversa. Ela disse que autorizava e depois disso iniciamos. Pedi que relatasse começando a contar o que fazia no seu dia a dia até chegar a hora de vir para a escola.

“Arrumo a casa, lavo roupa, arrumo o quarto, faço as tarefas, faço serviço de casa. Sou aposentada pelo LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social – porque eu tenho uma deficiência; tenho um coágulo no cérebro. Foi num lugar que não tinha jeito de operar, então aí eles desincharam esse coágulo e eu ia ficar com sequelas e, justamente eu estou com sequelas; as sequelas é... aí, eu esqueci o nome é... a mão! Perdi o movimento da mão e da perna do lado esquerdo.

Pergunto o que fez você voltar para à escola? Se teve incentivo de alguém?

“Não tive, eu ah! Quando comecei a estudar eu estava me sentindo sozinha porque perdi meu filho. Sabe, perdi meu filho em setembro do ano passado, e aí eu ‘tava’ sozinha, eu ia ficar

louca se não arrumasse e voltasse com alguma atividade na minha vida né? Ia fica louca por isso resolvi fazer minha matrícula, eu não botava fé nisso de que eu ia conseguir prosseguir com a escola. Mas agora estou amando”. Quando ela fala seus olhos brilham e expressam toda a satisfação que está sentindo nesse ambiente.

Perguntei: O que a fez sentir que vai para frente, que você vai prosseguindo, foi a escola? Como é a relação em sala de aula com os colegas?

Muito boa e eu pretendo cada dia melhorar mais ainda...

Pergunto a escola foi o quê? É o que para você?

Não é, no começo foi um refúgio, agora eu estou apaixonada, eu quero ter a escola, quero terminar, fazer uma faculdade de psicologia.

Você já pensou em desistir?

Não.

Questiono o que a fez parar de estudar antes?

Porque eu não gostava, a bandidagem fez parar, eu não gostava sabe? Segui minha vida na bandidagem, usar drogas, fazia programas e as festa sabe? Eu não gostava de estudar, pelo contrário agora, agora estou apaixonada. (Quando ela diz isso percebe-se uma força de vontade de realmente superar todas as dificuldades que ela teve que enfrentar, principalmente a perda do filho e neto.).

Exponho a ela que o governo de Goiás quer fazer mudanças e passar o ensino fundamental para EAD como já foi implantado no ensino médio, antes de fazer a pergunta sobre o que ela achava, ela já disse: Não dá certo!

Explico que o professor auxiliará os alunos pelos meios digitais através de uma plataforma que pode ser acessada pelo celular ou notebook. E aí a pergunto se gostaria e se conseguiria estudar dessa maneira?

Ela responde que não. Pergunto por quê?

A princípio ela fica sem saber como explicar, gagueja um pouco.

Por que eu não ia ter o mesmo olho no olho com os professores sabe? Eu não ia ter o mesmo carinho que tenho dos alunos... Eu não ia ter é a..., eu não ia ser o que eu estava procurando na escola, era o refúgio, mais atenção dos alunos... Eu não ia ter, eu não ia ser, o que eu tô procurando, tava procurando o reforço dos alunos. Eu não ia ter isso nem online.

Por que estuda sozinho né?

Não tem a mesma aprendizagem eu acho que não tem a mesma aprendizagem que na sala de aula.

Pergunto o que ela espera do futuro porque ela diz que não quer mais parar?

Ela responde: Quero ir pra frente, não parar mais fazer faculdade de psicologia.

IARA é um exemplo de dedicação aos estudos, com uma frequência excepcional, mesmo nos dias de chuva ou frio lá estava ela, uma das primeiras pessoas a chegar na sala, mesmo com sua deficiência de mobilidade, não a atrapalha mesmo tendo direito a um professor de apoio para acompanhá-la nas atividades, a mesma recusou, quis fazer tudo sozinha ou com a ajuda dos colegas de sala.

Um momento que me marcou muito em relação a sua dedicação foi vê-la chegando em sua motocicleta adaptada, enrolada em um cobertor porque estava muito frio e isso não a impediu de ir à escola atravessou toda a cidade pois mora em um bairro bem distante e percebe-se que estar na escola está sendo uma das melhores coisas em sua vida sofrida, de perdas.

Entrevista – Aluno Manoel – 53 anos de idade

Entrevista Manoel, 53 anos, casado, um filho, natural de Coremas na Paraíba. Mora no Bairro Jardim Paraíso, Catalão. Ele tem uma fala estridente e alta. “Eu tinha parado de estudar há quase 40 anos. Eu escutei coisas que eu não sabia. Eu achava que eu conhecia tudo por morar 20 anos no centro de São Paulo, não sei quantos anos em Brasília, rodando o Brasil.

E, ao observar a fala de Manoel na narrativa de sua trajetória de vida desde quando saiu de seu estado em busca de uma condição de vida melhor, enfrentando todos os tipos de trabalhos pesados por sua pouca idade, sentimos justamente esse desvio de caminho. Planejei várias perguntas, mas, como afirma Portelli (2001) as perguntas e respostas podem tomar direção diferente das que planejamos. Por isso, deixei que ele fosse relatando, interrompendo-o em poucos momentos, pois sua narrativa estava indo para o caminho que eu esperava saber. E, assim ele foi narrando com muito entusiasmo, com uma fala forte, alta como estivesse pregando na igreja.

“Às vezes, nós pensamos que a telecomunicação a gente aprende a telecomunicação é estudando olhando, lendo livro, não é só isso; a primeira coisa é a escola porque quando eu recebi agora, quando fui, passei pro 3º ano mesmo que não tenha pegado ainda, não tenha vindo buscar (o certificado de conclusão de curso), na minha mente eu não era analfabeto mais, entende? Eu não era. Mudou a minha história, eu tenho outra maneira de pensar porque antes eu pensava baixo porque eu olhava para as pessoas me sentindo inferior, olhava pra uma irmã minha que tem o 3º ano e eu tinha apenas a 7ª série e me achava o quê? Inferior, tinha vergonha de conversar sobre isso. Qualquer pessoa tem vergonha de conversar com quem tem um estudo. Hoje não é somente pelo estudo porque muitos diz que é pouco só ter o 3º ano, mas você já pode dialogar com o médico, o doutor sabe por quê? Você tem o 3º ano, você não é analfabeto e para você sair do analfabetismo você não precisa ter uma grande faculdade, mas aquilo por isso, os próprios médicos, os nossos encarregados mesmos olham pra gente hoje com outros olhos, ‘mas rapaz você foi, tá de parabéns!’ Quer dizer que quando eu tava lá atrás, até pra minha família eu não valia nada, entendeu?

Quando ele falou isso, senti uma emoção por ele, pela satisfação dele de ter vencido esse desafio que nem ele e nem os outros acreditavam na sua capacidade, é essa a importância que vejo

nessas pessoas que, mesmo depois de tanto tempo, um diploma de ensino médio é erguido como um troféu, expressando muito orgulho de ter conseguido.”

“Hoje eles ligam pra mim, mandam mensagens. ‘É! Parabéns!’ Fatos esses que aconteceram em junho do ano passado. ‘Parabéns! Você venceu! Quem imaginava? Ninguém imaginava que você faria o 3º ano’”.

Isso quer dizer, eu não sou mais aquele Manoel do ano passado, do início do ano passado, entendeu? Até mesmo para os olhos da minha família, pra minha esposa, pra casa, pra tudo, porque você é reconhecido e de onde vem esse reconhecimento? Da EJA, do CEJA. Nesse momento percebi um sentimento de gratidão pelo estudo no CEJA.

E aí pergunto: e antes por que não estudou?

Ele recomeça contando os motivos de não ter estudado. “Por causa que eu trabalhava. Eu saí de casa novinho, pra sustenta, lá em casa, nós tava com 9 crianças, nove pessoas. Tinha 8, minha mãe tinha que lavá roupa pra fora, meu pai só vivia bêbado e a gente, eu tinha que rodá no meio do mundo. Eu pescava no Ceará, rodava. Ia pra Brasília carregá saco de cimento, descarregando caminhão de saco de cimento. Eu, rapazinho novo, entendeu? Então eu saí, não tinha aquela infância de estudá, eu não tinha como estudá, estudei pelas metades, entende?” (sic)

Pergunto: Não tinha incentivo? Ele responde: Não tinha por que, porque quando eu começava a estudá, era época que eu tinha que ir pra roça, era a época que tinha que ir pra pesca, porque a pesca tem data. Então época do agricultor no Nordeste é assim, tem uma época que ele tem que tá na roça passou a chuva ele tem que tá lá na pesca, no meio dos homens. Então a criança ela não estudava, como muitos de nós lá do Nordeste, do sertão, tô falando do sertão, não tô falando de Campina Grande, cidade rica não, tô falando lá de Coremas lá onde nasci, de onde os índios foram expulsos de lá pelo povo que se achava que era ricão, o povo de Portugal e várias pessoas. Que lá só tem o nome do índio da cidade que é Coremas, tudo eles tiraram de nós lá, então nós viemos de uma pobreza, eles nos deixaram lá com nada, zero, até o ouro, levaram tudo. A cidade ficou só o povo sem nada, entende?” (sic)

“Então a criança nascia naquela época, eu fui criado, minha mãe mesmo diz ‘meu filho, quando você nasceu dia 1º de janeiro de 1970, eu nem leite eu não tinha direito. Você, meu filho foi criado com papa feita com sal, porque nem açúcar tinha. Aqueles fogões a lenha, pegava aquelas panelas de barro colocava água sal e jogava um pouquinho de farinha e virava aquele caldinho,

eu dizia que era papa, eu pegava e você comia e você escapou na década de 70 foi assim””. Ele relatando como a mãe o alimentou quando pequeno.

“Foi 7 anos sem chuva no Nordeste, no sertão, foi muita fome. Então quando eu me entendi por gente com 8 anos já tava na roça, trabalhava, trabalhava, cadê chuva? E, às vezes, chovia aqui outro acolá, não dava nada. Tinha que corré pros açudes para pescar, pescar camarão e vendia de ‘graça’. Trabalhava, eu cheguei trabalhar 15 dias pra comprar uma alpargata que chamava nem alpargata não era, ‘olpargata’ que eles diziam. A bicha vinha seca, sabe? 15 dias só pelo almoço de 7 às 5 da tarde, carregando água, catando algodão e levando aqueles sacos de algodão no meio das costas. Um calor infernal e cê sabe que quando dava a hora do almoço que eu comia eu ficava alegre, porque eu era doido que desse a hora porque eu tava ali pela comida, entendeu? Eu tava ali pela comida, quer dizer lá em casa já diminuía uma boca, entendeu como era o negócio? Com 10 anos coloquei minha primeira roça, 12 anos já sai pelo mundo pra trabalhar pros outros. Cheguei em Brasília escondido, sem documento. Eu morava na Ceilândia, era só barraqueira naquela época, eu fui descarregar cimento, lajes pré-moldadas, naquela época eu carregava tudo nas costas.”

Pergunto com que idade ele estava nessa época? “Eu, eu já tava com 15, 16, 17 essas faixas aí, que eu não sei te fala, diferenciá. Mais muitas vezes já chegou de pessoas pergunta como é teu nome? Eu não sabia. Olha, aconteceu comigo lá em São Paulo, umas mulheres chegaram pra mim dizendo ‘por gentileza me diz pra mim seu nome completo’ e eu olhei pra ela e esqueci, eu já tava com a identidade, enfiei a mão no bolso tirei a carteira, abri e disse Manoel. E. Porque até o meu nome eu não tinha. Meu nome era conhecido como Gibi. Lá no Nordeste quando a pessoa é pobre ela é conhecida como apelido por quê? Porque teu nome não tem valor naquela época. E a escola ela dá valor ao aluno, a criança, ao jovem ela dá nome, sabia disso? Que a única coisa que nós temos no Brasil que é o nome verdadeiro, criança primeiro é os pais, segundo é a escola, porque a escola vai comprovar que teu nome é aquele e que você não é mais aquela pessoa, tão analfabeto, conhecida por analfabeta, você não se acha. Que nem hoje tô berando os 54, hoje me sinto, eu não me sinto mais aquele homem a dois anos atrás, eu não sinto mais, eu vi que eu mudei. Mesmo eu estudando pelas metades. Quando eu cheguei aqui a professora dona Cezareia disse assim “Manoel pega firme!” e aí eu tive ajuda e aí muitas das vezes, não tinha como tá aqui né irmão (disse para o aluno Rezende que estava junto) por causa de trabalho, mas fui, fui indo hoje eu posso dizer e posso reconhecer se não fosse essa escola, eu não estaria aqui.”

“Eu não estaria no rumo onde estou e, outra coisa, talvez não estaria nem no serviço, porque no serviço sem o 3º ano não entra mais, sem o 2º, sem o 3º você não entra aqui em Catalão, tá chegando aí os chineses, as empresas chinesas, que tá mandando em tudo. Sem estudo é impossível. E eu já tenho cursos, já fiz cursos eu tive entendimento, mas foi de onde? Foi da escola, entendeu? Antes eu não tinha era nada, minha esposa falou pra mim ‘Bem você não tem nem profissão, você só sabia só carregar saco de cimento nas costas’. Hoje eu sou um profissional, um operador, graças à Deus, sou motorista de mina, mas tudo começou para completar isso aí foi aqui (no CEJA), foi na escola.

E na fala dele percebo a gratidão por ter sido aluno do CEJA, o brilho no olhar e a expressão em seu rosto, fica visível essa satisfação. E ele revela que está sentindo falta dos colegas, dos professores de estar naquele ambiente que é como se fosse a segunda família para ele.

Continuando a entrevista.

“Por isso que eu falo pra você, hoje sou grato a isso tudo, porque a escola, porque o CEJA foi que me levantou e me completou o meu nome. Não quer dizer que não eu não tinha nome, mas até nas igrejas pra gente dá o nome você sabe no ministerial, se você, eles olham, mas quando manda, a igreja querendo ou não ela tem que passar, pro governo, você sabe? Passar pro nome da gente, pras carteirinhas virem, até nisso eles não estão querendo aceitar hoje em dia.

Pergunto: Se não tiver o ensino médio?

Sim, o ensino médio, até nisso pra você ser ungido, é, não é a igreja, entenda que não é a igreja. É o Governo Federal que desconhece; eles não querem reconhecer que é analfabeto, porque quem não tem segundo grau hoje eles dizem que é a analfabeto.

Pergunto sobre a questão de quando ele entrou já havia a EJA TEC. Se fosse para ele estudar pelo celular, notebook, computador sem a presença física do professor atendo mais via digital, a distância, ou seja, mais sozinho, se ele conseguiria.

Ele disse que “não tinha o conhecimento que eu tenho hoje se eu tivesse pelo celular, o computador, fazendo a distância, eu não tinha, por quê? Porque pra mim acho que vale é o presencial, por quê? É porque muita gente entende isso com seus próprios olhos. Quando a senhora está na sala de aula, passando aula, ele sabe disso (o amigo Rezende), você sabe disso, quando um professor tá te passando algo é diferente, entra em você, querendo ou não a palavra entra em você, mas no computador ou no celular não entra fácil, você fica voado, entende? O computador jamais vai colocar aquilo que o professor coloca em você, não tem jeito é

pessoalmente, é presencial, isso é calor de humano. Querendo ou não o professor, eu falo quando eu era moleque tinha uma professora, o nome dela é dona Zenaide, ela mora lá em Coremas perto da casa de meu pai lá na Paraíba. Preste bem atenção, aonde eu vejo ela, aonde eu vejo ela, até me emociono. Porque quando eu era criança mesmo sem ter condição de ir para à escola, mas o dia que eu ia, eu sentia que tudo que ela falava eu aprendia entende? Mas foi o quê? Presencial, hoje eu tenho essa cultura, sou encarregado porque tive umas professoras que nunca vou esquecer na vida”.

Nesse momento vejo o quanto a figura do professor para ele é importante, isso demonstra que o aluno que estuda pela plataforma da EJA TEC provavelmente não sentirá essa emoção, porque às vezes ele não saberá que foi o seu professor se caso ele fique somente no computador. Eu tive essa experiência ao ser professora na EJA TEC, muitos alunos o contato foi somente virtual não o reconheceria na rua caso passasse por ele.

Continuando:

“Que eu não consegui passar da 4ª série com elas, mas o pouquinho que eu estudei, eu era criança com elas, mesmo sem ter nada em casa, muitas vezes ia pra escola com fome. Porque muitas das vezes eu ia interessado na merenda, a senhora acredita? Interessado na merenda de tanto que na época lá no Nordeste era difícil, era difícilimo; lá no Nordeste era esquecido. É tanto que no dia que eu quebrei o braço quando criança e o único médico que tinha na cidade me mandou amarrar na cama lá no hospital e engessaram, ele colocou meus dedos que desviou tudo, ele quebrou aqui deslocou aqui e enfaixou tudinho; ele colocou os ossos no local tudo de prumo porque não tinha anestesia pra me dá no braço pra me engessar, eu nunca esqueço disso. E depois eu vim agradecer a Deus porque pelo menos tinha aquele médico porque senão ia fica hoje eu tinha um braço torto, entende? Hoje ia ter um braço torto, então eu falo pra vocês que a presença de um professor, de uma professora dentro de uma sala de aula é igual não tem como comparar com um computador, o computador não traz aquilo que ela estudou. O que a senhora estudou, a senhora passa pra nós. O computador não, o computador o que você coloca é o que vai te mandar, já a senhora não, é o que a senhora nos passa, é aquilo que nós vamos guarda.

É como coloca Freire (1996, p. 49) “escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”.

Entrevista – Aluna Godiva. – 53 anos de idade

Entrevista com a ex-aluna Godiva do CEJA Alzira de Souza Campos, na modalidade a distância EJA TEC, 53 anos, casada, três filhos, moradora do bairro Copacabana, na cidade de Catalão, no estado de Goiás. A entrevista foi feita no dia 26 de janeiro de 2023, na escola CEJA às 19:10.

Godiva concluiu o ensino médio em junho de 2022. E, fui sua professora de Linguagens e códigos no 1º ano. Nesse período já percebia sua dedicação e empenho em aprender, ela participava das aulas pelo *Zoom*, pois estávamos no período da pandemia da Covid-19 e, as escolas estavam com as aulas suspensas; mesmo a EJA TEC eles tinham um dia na semana para que nós apresentássemos os conteúdos e tirassem as dúvidas e então às aulas eram realmente somente a distância.

Comecei pedindo a autorização da gravação de sua fala que foi de pronto autorizada e então começamos. Ela iria contar sobre a trajetória de vida dela desde que ela parou e voltou a estudar novamente e por que na EJA TEC.

“Meu nome é Godiva, parei de estudar muito cedo, fui trabalhar pra ajudar em casa, minha família. Parei aos 14 anos voltei a estudar aos 18, conclui o ensino fundamental com 20 no supletivo e parei novamente e, então fiquei muitos anos sem estudar. Eu voltei a estudar pela EJA TEC porque é no ano de 2021 né, e, foi tudo assim maravilhoso pra mim, né? Eu fiz o meu curso, foi muito bom, né? E eu consegui chegar até o final, não foi fácil, foi difícil, mas eu conquistei, né? Era um sonho pra mim de concluir o ensino médio e eu conclui no ano de 2022. Depois que terminei já dei entrada no curso técnico de segurança do trabalho estou fazendo o curso no Senai, já estou há 6 meses fazendo o curso. Estou achando ótimo, a luta não é fácil tem que estudar muito, mas eu chego lá.”

Pergunto a Godiva: No caso você fez o EJA TEC se fosse para você ter estudado presencial teria estudado? Por que preferiu a EJA TEC?

“Bom, quando em comecei eu preferi a EJA TEC porque meu esposo não morava aqui na cidade ele estava trabalhando, estava viajando a trabalho então tinha como eu ir pra escola todos os dias, até porque não tinha coletivo na cidade, foi tirado por causa da pandemia e tudo, então eu preferi a EJA TEC por esses motivos. E, pelas dificuldades também porque a gente trabalha não é fácil ser mãe, esposa, dona de casa, trabalhar fora, tudo é complicado então eu preferi.

Como que era assim com os conteúdos, você conseguia assimilar bem os conteúdos ou você passava por cima ou tinha dúvidas? E, você tinha a quem recorrer para te ajudar?

Não, eu não sou uma pessoa de passar por cima eu não gosto de passar por cima, gosto de fazer do jeito que tem que ser feito mesmo e, por isso, pra mim, foi uma dificuldade maior porque eu fiquei dos 20 anos até os 50 sem estudar, sem saber assim, eu sabia o que se passava na escola por intermédio das minhas filhas que estudavam e querendo ou não eu tinha que saber. Mas eu peguei conteúdos que eu nunca tinha visto como física, química e, então passar por cima não tinha como, tinha que estudar mesmo, então muitas das vezes eu incomodei muito os professores. Quando tinha dúvidas eu mandava mensagens eles me respondiam a tempo e hora tudo certinho. Eu usei todas as ferramentas que eu tinha disponível internet, YouTube tudo pra consegui né, realizar o meu sonho.

Pergunto: Você fez o Ensino Fundamental também supletivo que agora é a EJA presencial. Você sentia falta de ter o professor do seu lado? Igual você agora fez o Ensino Médio pela plataforma, qual é assim a diferença de ter o professor e de não ter o professor a hora que você precisava?

Bem, eu não posso falar pelos outros, eu falo por mim, que eu assim amei todos os professores que eu tive, se eu pudesse vê-los todos os dias pra ter aula com eles ia ser muito bom, mas também não me fez falta né, por questão do estudo, porque quando eu precisava, eles atendiam, e eu sempre ia na escola né. E nunca foi assim complicado, por isso eu tive uma boa assistência.

Indago: E o incentivo em casa, tinha o incentivo de voltar a estudar ou alguém disse pra você que estava num tinha idade mais de estar na escola?

Eu tinha um sonho né, que sempre me acompanhou, mas eu morava em Goiânia, em Goiânia é impossível ser dona de casa, mãe e estudar e ainda que não tinha o EJA TEC, só o supletivo que você tinha que ir todos os dias e pra mim era impossível

Eu tinha uma filha pequena e era complicado; mas quando mudei pra Catalão eu consegui. E a minha filha mais velha né, que veio fazer minha matrícula, me trouxe para fazer a minha matrícula; ela e minha filha mais nova, e eu sempre tive muito incentivo da família toda. Na minha formatura a minha irmã me acompanhou, foi muito emocionante, foi linda a formatura.

Argumentei: Você foi oradora da turma?

Respondeu rindo: fui oradora da turma com muita vergonha, mas fui. E assim, eu sempre tive incentivo meu esposo me trazia nos dias de aula ficava esperando lá no portão pra não ter que ficar indo e voltando nos dias de prova, tudo eu sempre tive muito incentivo de todos.

Pergunto: então valeu a pena?

Ela me responde sorrindo e com um jeito que estava realmente realizada.

Valeu demais, isso é um sonho realizado pra mim eu vejo olhando aqui o meu diploma que acabei de pegar ali meu certificado pra levar pro Senai é algo que não tem preço.

E é através desses depoimentos que nos educadores, vamos aprendendo com os estudantes que nos rodeiam mesmo que esses momentos não sejam tão frequentes devido ao pouco contato por causa do ensino ser a distância. Mas ver a determinação e a força de vontade de realizar o sonho de terminar os estudos pra poder seguir em frente em busca de melhorias e realizações. E ela continua com seu relato gratificante.

Pra mim é sem preço mesmo, se alguém me perguntar assim você quer voltar atrás, quer fazer o quê? Quero estudar de novo, fazer EJA TEC de novo né! Se fosse antes eu queria ter feito antes mesmo, mas tudo no seu tempo, na sua hora, nos projetos de Deus, Deus é que sabe de todas as coisas.

Pergunto: E agora ir para frente?

E agora eu, é ir só pra frente né. Caminhar pra tô fazendo o curso técnico de Segurança do Trabalho, espero me sair bem, espero poder mudar de profissão né? No futuro. Pergunto: E qual é sua profissão hoje?

Eu trabalho de doméstica hoje, tenho muito orgulho disso, porque é o que como se diz o outro foi aí que eu ganhei a minha vida, foi aí que eu criei meus filhos e acho que é um trabalho digno, né? E pra mim é u, trabalho como outro qualquer eu tenho muito orgulho de cuidar da saúde e da vida das pessoas né? Que são as pessoas com quem eu trabalho.

E assim terminamos a entrevista e Godiva sempre se mostrou centrada nos seus objetivos e na sua fala isso ficou evidente, a determinação e a precisão que irradiava em sua postura e olhar.

Entrevista – Aluna Gabriela.

Hoje 15 de fevereiro às 20:40 numa quarta-feira, depois de alguns contratempos conseguimos nos encontrar para fazer a entrevista. A ex-aluna Gabriela, do Ceja Alzira de Souza Campos, trabalha como diarista, separada, tem 03 filhos. A princípio ela ficou meio apreensiva sobre a entrevista, mas a informei que não colocaria nada que ela não quisesse e que falaria somente o que ela sentisse vontade. E assim começamos, pediu que iniciasse contando sobre como foi sua trajetória dentro do CEJA.

Ela iniciou assim:

Eu estava com alguns problemas pessoais né. E entrei mais pra a escola para distrair a cabeça, fazer novas amizades, conhecer novas pessoas. Voltar, terminar os estudos que era mais importante, com projetos para frente. E foi tudo maravilhoso né? Tudo bom, foi custoso, trabalhoso, chegava do serviço corria, tomava banho, no final de semana corria fazia tarefa, deixar tudo em dia. Muito sacrifício, mas foi bom. Graças a Deus foi muito.

Pergunto: Em que serie você começou?

Eu comecei na 7ª, comecei no 7º ano.

Você começou o 7º ano? Você foi da turma do Rezende?

Fui da turma do Rezende (cita outros nomes de colegas). O Rezende eu ainda converso com eles, os outros que a gente vê na rua, a gente cumprimenta.

Pergunto: Você teve incentivo para voltar? Para retornar a estudar? Ou foi você mesma que tomou a decisão, que quis?

Sim, que eu separei tive uma separação complicada fiquei com a cabeça ruim, falei sabe de uma coisa, vida nova então vou começar do zero né? Vamos volta pra escola! A escola vai ser um objetivo bom, ocupar a cabeça, trabalhar. E trabalhar nos estudos, voltar e fazer novas amizades, né? Foi muito gratificante.

E essa gratidão é perceptível, em seu olhar, sorriso, como uma criança que ganha um brinquedo novo. Depois de complicações na vida de casada o seu principal foco foi os estudos.

Pergunto: Você aprendeu? Adquiriu conhecimento? Porque tem um tabu contra a EJA que algumas pessoas falam que quem faz EJA não aprende nada. Você concorda com essa afirmação?

Ela responde: Aprendei, surgiram alguns problemas de lá pra cá. Depois da formatura, problemas pessoais e não tive ainda a oportunidade de volta, porque fiquei feliz que a Ana Lúcia voltou ela está fazendo Línguas, o Resende também tinha voltado então está faltando eu voltar e dá uma gargalhada.

Pergunto: E você quer fazer o quê? É pedagogia?

Eu quero fazer pedagogia!

Você fez o Enem?

Nossa! Imagina!!

Pergunto: Saiu o resultado e qual foi o seu?

Não sei, mas eu fiz! Ó minha filha, tô aqui fazendo o que aprendi na escola, que eu lembrei de muita coisa daqui da escola, pratiquei lá na hora! O que os professores falavam, o que eu aprendi lá na dentro. Eu sei que passa eu não dei conta de passa e ri e foram as primeiras vezes, mas eu tentei e achei bom muito gratificante também.

Pergunto: Você fez a EJA aqui no CEJA presencial todo o período. Quando estava para terminar, você foi convidada para fazer a EJA TEC?

Não, já tava online por causa do período da pandemia da Covid, estava estudando com as atividades que os professores passavam pelo WhatsApp, depois fiz com apostilas. E quando voltou preferi presencial.

E estudar pela plataforma falei que não, já tenho dificuldade de aprender, eu quero presencial, que dá mais proveito, mais os professores e aproveitar as aulas.

Insisto na pergunta: Se fosse pela plataforma você não gostaria?

Não, não, eu tava indo bem online, pelo menos o professor Dimas falou que tava indo bem, eu tava me esforçando bastante pra entregar as tarefas direitinho, fazia no meio da semana, vinha aqui na escola e entregava, nunca deixei tarefa sem entregar.

Mas esse período que ela se refere não é a distância EJA TEC é o período das aulas remotas e aqueles que não estavam conseguindo acompanhar pelo aplicativo Zoom ou WhatsApp a escola disponibilizou apostilas pra que os alunos permanecessem na escola e não perdessem o semestre.

Ela diz: Meu menino também terminou junto comigo. Ah, Mãe! Você tá terminando, também vou terminar!

Falei: Então você foi o incentivo pra ele?

Eu o incentivei pra terminar. Ele uai mãe eu também vou terminar, como vai ficar minha cara? Minha mãe termina e eu não terminei ainda. Ele também voltou, e ele estudava no Estadual e depois ele passou pro EJA. Ele também achou bom.

Pergunto: Quando você fala que a escola foi boa, foi bom o aprendizado ou algo mais? Ou a escola não era só aprendizado?

É tudo, representou tudo. Deu pra trabalhar um pouco o emocional, conversava com todo mundo, brincava, estudava foi muito bom foi um aprendizado muito bom.

Freire (1996. p. 54) como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções desejos, os sonhos devessem ser reprimindo ...

Vejo a educação da mesma forma que Freire, o educador pode transmitir, incentivar o educando a seguir e procurar realizar seus objetivos como a aluna coloca que depois de um tempo sem perspectiva viu nos estudos uma forma de renovar, reviver o que estava apagado problemas ao longo da vida.

Por isso que vou voltar se Deus quiser. Estou me organizando, minha vida, deixa organizar minha vida! Nem que eu volte pagando essa escola, mas eu volto!

Você quer terminar no caso agora um curso superior?

Não quero parar não, quero ir pra frente. O Rezende já tá lá, a A. L. também! E eu tenho que ir, só tá faltando eu! Eu falei: não gente! Eu tenho que ir também.

Pergunto: Você não quer parar?

Não, não pode parar não. Só organizando a vida!

Pergunto então: Valeu a pena ter estudado?

Valeu!!!

Então valeu ter começado quase do zero? Tinha muito tempo que você tinha parado?

Nossa!! Muito tempo! Eu voltei com 47, já tem muitos anos, uma década (fala e dá uma risada gostosa).

E antes parou porque tinha casado? Casou-se cedo? Casei-me, separei! A última separação foi complicada, o emocional tava abalado e aí falei vou ocupar minha cabeça, porque eu não vou

pra rua fazer o que não presta. Então tenho meus meninos comigo, então eu voltar pra escola que é um meio de eu distrai a cabeça.

E quando você era casada não tinha como estudar? Não, não tinha como eu nem imaginava, né? Teve que ter esse rebuliço tudo pra cair a ficha de voltar pra escola. Eu trabalhava à noite, trabalhei 8 anos de zero hora na John Deere de cozinheira, não tinha oportunidade de voltar e agora vou continuar firme.

Falei pro namorado, ‘Rapaz é o seguinte, eu tô quieta, é porque eu tô organizano a vida, hora que eu terminar de organizá eu vou voltá pra escola. E se for pra escolher a escola ou ocê eu vou ficar com a escola pode ter certeza!’

Pergunto: E ele estuda também, já estudou?

Não, já estudou não mexe com isso mais não, tá doente.

Eu falei eu vou voltar, tô esperando regularizar minha vida. Na hora que regularizar, escola em primeiro lugar, namoro depois, escola em primeiro lugar! Vamos estudar, botar o pensamento na frente, na vida! E ele caladinho se quiser, que se não quiser tchau! Que eu tô indo pra escola e eu vou, já falei que eu vou porque eu vou! Estou só organizando a vida. A (cita o nome de uma colega) já até me mandou até a escola que ela tá fazendo e eu vou fazendo o mesmo que eles estão, ela e o Rezende!

Pergunto: Eles estão todos juntos? A A. L. e o Rezende?

Tá, a Ana está fazendo de Línguas libras ela tá fazendo.

E você quer pedagogia? Por que pedagogia?

Em uma amiga minha que também quer fazer pedagogia, ela trabalhou comigo no meu serviço, eu falei A. nós temos que fazer pedagogia. Nós falou que ia fazer! As irmãs dela é tudo formada. Aí eu falei pra ela você ajeita esse serviço aí, que quando você organizá a gente vai volta pra escola.

A entrevista que começou com ela apreensiva terminou com ela rindo a maior parte do tempo, indo até a gargalhadas. E o que mais notei em sua fala foi a questão de organizar a vida e o forte desejo de voltar aos estudos, foi onde ela se encontrou.

Entrevista conjunta - aluno M, aluno Rezende e aluna K.

Iniciando as entrevistas no CEJA Alzira de Souza Campos, no dia 11 de janeiro de 2023, às 20:20 e finalizando às 21:38. Escolhi entrevistar os alunos no CEJA porque é um local mais central do que a minha residência. Escolhi-os por serem pessoas comprometidas com os seus estudos e, com os quais tenho uma relação estreita de amizade e admiração que sinto ser mútua. Esses alunos Iara, Godiva, Manoel e Rezende são alunos da EJA presencial.

Rezende, atual funcionário da Prefeitura Municipal de Catalão, retornou na 2ª Etapa (ensino fundamental 6º ano) e foi até o fim do curso, e ele mesmo fala que a aprendizagem precisa da presença e pelo celular não teria o olho no olho.

“Espera aí eu quero aprender... quando cheguei aqui aquela juventude né, pensei meu Deus... com aquelas gírias e aí... falei: não, espera aí! Eu tenho que vencer um leão por dia então vou encarar esse negócio aí...”

Manoel, 53 anos, paraibano de Coremas, falante, pregador da Bíblia, a cada fala sempre colocava uma passagem da Bíblia. Trabalha em uma mineradora da cidade de Catalão como operador de máquinas. Das mulheres, duas não trabalham fora, somente nos serviços domésticos que não deixa de ser uma ocupação e duas trabalham na função de diarista. Com idades entre 33 a 53 anos.

Convidei 06 alunos sendo 04 da EJA presencial, três deles que concluíram seus estudos no primeiro semestre de 2022, dois homens e uma mulher (essa não compareceu, não justificou, mas já fez um relato escrito no ano passado contando sua trajetória de vida até chegar ao CEJA), e IARA, aluna da 2ª Etapa da EJA que está no 7º ano com uma história de vida sofrida, principalmente pelo vício, prostituição, mas gosta muito de dar seu testemunho de superação. Também convidei novamente duas alunas da EJA TEC, com as quais já havíamos conversado o ano passado e feito também um relatório sobre a trajetória de vida.

Uma dessas alunas, a K., disse que o dia que marquei não daria para ir porque tinha compromisso na igreja e percebi que ela pareceu ter ficado um pouco receosa quando disse que teria mais pessoas no encontro. Então propus ver com o meu orientador, Dr. Paulo Inácio, a possibilidade de usar o relato escrito que já tenho ou fazer um encontro pelo Meet com ela e com a aluna Gabriela que também não foi possível comparecer por falha de comunicação, esqueceu do dia, mas propôs ir em outro dia que marcasse.

Numa noite nublada e com previsão para chuva, fiquei apreensiva se os alunos iriam comparecer; somente dois dos alunos convidados compareceram, mas foi extremamente gratificante e enriquecedora a participação de ambos como afirma Portelli (p. 24/25, 2016): “Talvez a coisa mais importante que eu aprendi seja a arte da escuta e o respeito às motivações e prioridades das outras pessoas”.

Um momento marcante foi quando Manoel, 52, disse: “tem coisas que a gente só aprende dentro de uma sala de aula... a primeira coisa é a escola... mesmo não tendo vindo pegar aqui na escola eu já tinha em mente na minha mente eu não era analfabeto mais”. Essa fala foi muito forte, ver que a Educação de Jovens e Adultos é possível e faz com que essas pessoas passem a sentir o seu valor dentro da sociedade com diploma de ensino médio, deixam de se sentirem invisíveis perante a sociedade e se sentem importantes. Manoel ainda disse “mudou a minha história porque antes eu pensava baixo, por que eu me achava o quê? Inferior, tinha até vergonha de conversar, qualquer pessoa que não estudo tem vergonha de conversar com quem tem um estudo. Hoje eu não tenho vergonha mais...

Essas palavras foram ditas com entusiasmo, pelo olhar de Manoel pude sentir sua satisfação de ter concluído o que estava faltando, e teve momentos nessa trajetória que pensou em desistir, mas os colegas e professores ajudaram-no a seguir em frente. A todo momento ele repetia “Graças a escola CEJA”, ele agora não se sentia analfabeto.

E em sua fala isso foi marcante: ... “muitos diz que é pouco o terceiro ano, mas você já pode dialogar com o médico, doutor, sabe por quê? Você tem o terceiro ano, você não é analfabeto” Ele relata que deixou de estudar para trabalhar, não tinha incentivo para estudar. “Estudei pelas metades, não tinha incentivo porque quando eu começava estudar eu tinha que ir pra roça, era a época que eu tinha que ir pra pesca”. Começou a trabalhar cedo com serviços pesados, desde criança o estudo ficou para depois; veio de uma família numerosa então precisava ajudar no sustento. Na infância morava na região nordeste, na Paraíba, onde um período trabalhava na roça e depois na pesca, ele ainda afirmou que foi um período de muita seca e muitas vezes faltava comida em casa.

Depois foi para São Paulo, Brasília rodando o mundo descarregando caminhões de cimento, bem jovem, porque precisava trabalhar e os estudos ficaram para depois.

Chegou ao CEJA porque a empresa exigiu o certificado de conclusão e até mesmo a família não acreditava que ele iria conseguir terminar o ensino médio.

Após a conquista a família ligou e mandaram mensagens cumprimentando pela conquista. “Rapaz, você está de parabéns! Você venceu. Ninguém imaginava que você chegaria a fazer o terceiro ano... Quer dizer, eu não mais aquele Manoel do início do ano passado, até mesmo para os olhos da minha família, da minha esposa, você é reconhecido”.

O seu tom de voz nesse momento era como se fosse gritar de satisfação, como se quisesse mostrar ao mundo que ele venceu o que ele mesmo e as pessoas ao seu redor não acreditavam que ele era capaz.

Entrevista – Aluno Rezende – 43 anos.

Entrevista com o aluno R., 43 anos, casado, três filhos, dois já formaram em Direito e a filha está terminando o curso de Física. Ele é trabalhador da prefeitura Municipal de Catalão, mora no bairro Vila Erondina.

Rezende começou no CEJA desde o 6º ano do ensino fundamental II, uma pessoa muito comunicativa e dedicado, sempre foi uma liderança na sala, talvez por ser pastor e por ser mais velho tenha uma certa influência. Sempre disposto a ajudar os outros colegas. Por isso sempre o admirei por seu desempenho, dedicação e força de vontade. E assim começamos nossa entrevista, antes relatou que sua mãe estava com alguns problemas de saúde e por isso estava um pouco desanimado.

Comecei perguntando pela questão do ensino a distância. Ele começou com sua voz grave e forte.

“As informações que eu computador, celular ele tira o foco. Por que tira o foco? São tantas informações, aí acontece o quê? Agora no presencial não, presencial aborda a pessoa né. É mais, pera aí, que eu quero me aprofundar, por exemplo ‘presença’, essa palavra ele a expressa com firmeza e convicção. E, ela pode olhar no olho e espera aí. Quero aprender! Porque amanhã a hora que eu chegar lá, vou dizer quem foi que iniciou, por onde eu passei né? O esforço que eu tive que fazer para chegar lá. Igual assim quando eu cheguei, olhei aquela juventude, pensei meu Deus! Eu estou no lugar errado.

Nesse momento interrompo perguntando quando ele tinha começado a estudar no 6º ou 7º ano. “Comecei no 6º ano, olhando aquela juventude cheia de gírias; E aí meu! E aí bicho! Falei não, espera aí. Eu tenho que vencer um leão por dia então vou encarar esse negócio aqui. Ah, desistir! Eu não vou não!

Então já foi um leão, tem nego querendo desistir, eu não vou não, não vai me envolver não!

E assim oh, quando se trata de Presença! Ele disse essa palavra com muita de uma forma profunda, que me deixou emocionada, pois mostra como a presença física do professor, o calor humano é importante ao ensino, só quem está no chão da escola pode presenciar e sentir. Continuando “Eu tenho meu ponto de vista, você tem o seu. Eu tenho o meu ponto de vista que pode agregar naquilo que contribui! Igual seu Manoel quando, nosso colega, quando a gente ah é lá tá difícil pra mim, por causa do trabalho. Falei não, vai parar não.

Igual hoje tem um colega que trabalha comigo, que eu arrumei um serviço pra ele lá na empresa. O pessoal pediu pra ele o currículo escolar, tá travado, tá no meio do caminho, ele disse vou te

dar uma oportunidade, mas você precisa voltar pra sala de aula, voltar pra sala de aula não é a distância não é voltar pra sala de aula. Então ele meio que assim, isso me enriquece muito apesar de desgastar bastante os professores, mas é aquela questão né, é, pra quem está na maior idade né/ Maior idade, caminhando pra terceira idade. A idade não é o obstáculo, não é o argumento. Igual assim, eu vejo a tecnologia ótima, bom demais, mas ela não me envolve muito não. Sou muito mais daquele ponto de vista que eu posso olhar, sou grato a tecnologia, mas se eu puder caminhar com os meus pés firmado no chão, eu tenho certeza de que eu posso ir longe.

Questiono se já sofreram preconceito ou tabu das pessoas por estarem estudando no CEJA. Digo que já ouvi falarem que na EJA não se aprende, que não dá base para nada. E pergunto se eles concordam com essa afirmação. Nesse momento me refiro aos dois alunos, Rezende e Manoel.

Manoel diz que já ouvi sim e discordo, porque os professores são aptos, estudaram. Então quem quer aprender vai aprender. Igual o meu colega (Rezende) estava dizendo, quem quer aprender vai aprender não interessa se é no EJA se é numa escola particular, não interessa. Tanto dentro de sala de aula vai ser passado os conteúdos ele vai a escola não vai deixar de passar os conteúdos da aprendizagem porque foi passado pra nós.

Eu já estudei em outras escolas sem ser EJA e eu sei que o EJA não é diferente. Para mim eu vi que foi bem melhor porque os professores por nós ter mais idade já não ser tão novo e a, a como é que chama a paciência que eles têm com a gente, né? Eu acredito que essa história que o Eja não ensina direito não é, quem que aprendi, quem não que aprendê, o problema está em quem não quer aprender, não está na escola, não está nos professores, porque os professores são bem adaptados, são pessoas respeitadas, são pessoas que estão ali pra te ouvi todas, às vezes, que eu, meus colegas que nem tá aqui, chegou nuns professores” como é que é isso?” Eles nos explicam se quiser explica de novo. Tem o professor insiste nós estamos aqui é pra isso, pode perguntar o que vocês quiserem, se for preciso eu passar a aula toda mostrando e falando vai fica aqui. Então o problema está nas pessoas não na escola. Agora quem que aprende sai daqui porque muitos que fizeram aqui, hoje são doutores. Nosso Brasil tem muitas pessoas que são formadas através daqui. No caso da EJA então qual é a diferença com outras escolas não tem diferença. A diferença tá nas pessoas em querer estudar, em querer entender que nunca tá perdido. É isso daí.

Questiono Rezende se ele concorda com a fala de Manoel e sorrio.

Ele diz: Plenamente, que a partir do momento assim que quando temos um conteúdo vai se fazer a aplicação dele, esse conteúdo, ele vai trazer o quê? Enriquecimento de todas as áreas. O que aprendi, principalmente a motivação dos professores, motivação por qual motivo? É a

maior parte dos colegas trabalha o período todo. Sai do trabalho, né? Oba, agora vou praticar numa outra área que eu deixei lá atrás, eu vou ter que correr atrás, porque essa aplicação, vou precisar dela no amanhã. Igual assim o colega estava dizendo quando se trata de uma empresa, eu assim, ó, a uns tempos atrás né, nós fizemos um trabalho dentro da turma sobre bullying, eu falei ah eu lembrei de uma pessoa, falou assim oh pra mim, ó você não tem estudo, não tem conhecimento, eu vou te falar uma coisa, você é uma pessoa sem futuro, beleza.

Aí eu falei Deus uma hora o senhor vai me dá oportunidade, eu não sei que dia, que hora, mas o dia aqui eu me sentei com minha esposa e falei pra ela “Olho estou pensando em fazer em fazer algo sério. O que que você tá pensando? Mas falei que é sério mesmo!

Ela disse: Ah, mais! Então assim você aborda, a pessoa que está do seu lado é assustador! Falei pra ela:--Estou voltando para sala de aula, vou voltar pra sala de aula, vou voltar a estudar. E ela: --Mesmo? E eu – Mesmo! Então vou te dar o suporte, o apoio. Então já está meio caminho andado, mas é assim naquilo que quando aplicado tiver dificuldade, você vai me ajudar? E ela me falou: --Olha vou deixar você lutar um pouco, depois se você vê que não dá conta, eu vou te estender a mão, mas primeiro você vai ver, que você vai, né? Dá uma esplanada você vai por você, sobressair. Então beleza! Aí no decorrer dos dias você passa de um período para o outro aí surge aquela oportunidade. Ah agora a escola vai mudar e tal, vai ter mudanças. Aí eu falei, agora vou fazer igual aqueles meninos, né? Vou criar birra aqui e num vô. Uai eu custei a entrar agora eu não vô sai não. Ah porque está ocorrendo umas mudanças e vocês estão enquadrando nessas mudanças. Falei num vô. Eu quero questionar, eu quero fazé né, eu fazé perguntas, eu quero aprender, uai. E graças a Deus foi muito bem, foi algo muito edificante.

Essas mudanças que ele se refere é a implantação da EJA TEC.

É igual pra mim já fiz curso de Teologia foi algo muito profundo, mas assim em conhecimento geral, né? No ensinamento que é aplicado em sala de aula, e, nós podemos olhar olho no olho um do outro, nós podemos questionar, pode estar junto, vestir a camisa. E acrescento “Ajudar os colegas!”.

Ele repete É ajudar os colegas! E então isso soa bastante porque assim ó, igual cheguei na reta final, faltando uns dois meses para concluir tudo, acontece que, falei meu Deus! Foi ontem que eu comecei, já estou terminando essa etapa aqui. E agora? O que é que vou fazer? Vou ter que fazer uma outra coisa, porque eu não posso parar.

Então é assim u, desafio. O conhecimento é um desafio, um desafio! Eu acredito que um desafio que ninguém pode tirar ele de nós, o conhecimento. Então algo muito rico, e eu sou grato por cada professor né? Pela coordenação, pela direção, pelo carinho, pela oportunidade que eles nos ofereceram.

Nesse momento pergunto; então a escola é uma família, a segunda família?

Ele responde; Com certeza!

E aluno Manoel. fala nesse momento assim; eu estou sentindo falta de cada professor!

E falo a eles que ia fazer a pergunta se estavam sentindo falta da escola, porque eles terminaram em julho de 2022.

Novamente o aluno Manoel repete: Sinto falta de todos eles!

E Rezende continua: Que uma coisa é certa, se os professores, está naquela fase de ficar de cabelos brancos, nós os alunos fazemos questão de ficar mais branco um pouco, né seu Manoel?

E Manoel fala; é verdade!

Questiono se eles pretendem fazer curso, curso técnico, faculdade, alguma coisa assim?

Os dois respondem; pretendemos sim. Tem que fazer alguma coisa né?

O aluno Manoel estava muito à vontade respondendo e pontuando muito bem sua fala. Como nessa resposta, apesar que a escola me deu uma estabilidade para o meu trabalho né? Hoje eu já tô como se diz até mesmo dentro da igreja eu já posso fazer curso pra própria empresa, entende? Curso de qualificação, cê entendeu? Isso tudo faz parte do aumento de salário, do bem-estar, tudo muda. Você quer dizer, eu estou assim bem diferente antes a gente, eu mesmo tinha o maior medo de ser mandado embora, por quê? Porque eu não tinha o 2º ano, eu não tinha o 3º ano, eu não tinha, então quer dizer, é querendo ou não você é mal visto dentro da empresa, então se tiver 50 pessoas para mandar embora, eles não vão mandar os que tem, é uma formatura, os outros os que não tem nada que eles sabem, essas pessoas são fáceis de sair então. Qual o medo que eu tinha de perder o emprego e não arrumar outro, como é que eu vou arrumar outro se , eu até sou profissional mas eu não tenho o estudo para entrar lá, então essa escola me trouxe isso, essa estabilidade, só nisso ela já me trouxe uma instabilidade para o mantimento da minha casa, quer dizer foi aqui no EJA é por isso que eu sinto falta dos meus professores porque querendo ou não eram eles que me incentivavam e me dava força, porque eu chegava pra professora e dizia às vezes, meu Deus tá difícil! Como é difícil! Vai conseguir! Quer dizer aquilo dali pra mim era muito além do computador entende/ Muito além do celular, quer dizer um incentivo de um professor, de uma professora te incentivar a cada dia que você vinha. Cada dia que você vinha era uma história que você aprendia e guardava no coração então você passa amar as pessoas.

Pude perceber sentir a cada palavra dita por ele um sentimento muito forte de gratidão por ter estado nesse ambiente escolar, quando ele diz que não sente mais analfabeto” é forte”, sinto que ele agora sente-se reconhecido como pessoa., algo que antes não sentia e que a escola fez parte desse reconhecimento, foi muito importante.

E Maria Clara Di Pierro (2014) afirma essa questão:

A Educação de jovens e adultos é dividida em dois grupos é uma diversidade enorme, não tem um público único, mas temos dois grupos que foi precocemente excluído dos seus direitos educativos primeiro grupo você em um grupo de pessoas mais idosas e de mais avançada idade numa época que a educação era mais difícil principalmente nas zonas rurais ... e o segundo grupo muito numeroso, bastante heterogêneo, que abandonaram precocemente seus estudos por fatores extraescolares, sociais que tem a ver com pobreza, necessidade de egresso precoce ao mercado de trabalho...

Como foi relatado a todo momento pelos entrevistados, a falta de oportunidade que fez com que depois de muitos anos afastados mais ainda em tempo de conquistarem a formação que eles falam com muito orgulho de terem vencido.

Continuando a fala de Manoel;

E quando você ama as pessoas aquilo que ela passa pra você que nem os professores, eles quando iam passar pra sala era bem mais fácil de você entender as coisas , não é assim/ É bem mais fácil de você entender porque tudo que ele falou você estava ali, na expectativa. Porque você tem agora aquela intimidade de receber, o computador não tem isso pra te dar, ele não te dá, esse, esse, cê entendeu?

Nesse momento e na fala dele seus olhos apesar de estar de óculos pude ver o brilho nos seus olhos de satisfação de ter estado aqui na escola, convivendo com as pessoas e valorizando o desempenho dos professores.

Computador tudo bem, eu vejo de umas formas muito boas de se expressar, de trabalhar pra tudo isso. Mas primeiro acredito que tem que passar pelos professores então o Eja é um lugar onde a gente aprendemos é aqui que nós aprendemos, por isso que eu fui qualificado, eu fui mudado, toda história minha mudou. Gente, a minha história, e tudo que eu sofri lá no passado hoje eu vi que numa sala de aula resolveu todo o meu problema, porque eu vivia de emprego pra outro emprego, de uma empresa pra outra, por que? Porque eu não tinha escolaridade então muitas das vezes eu era obrigado a trabalhar de servente, às vezes, trabalhava de outra coisa porque mesmo sendo profissional, mas cadê a qualificação/ Então onde foi que eu arrumei isso? Detalhe da escola, foi do Eja com os professores me incentivamos e quando os professores incentivava e os colegas de sala de aula também incentivava uma dando situação pro outro porque quando um tava fraco o outro, ó gente me ajuda, vamo gente chega lá! E assim foi indo, quer dizer se tornou o quê uma família, então não deixa a escola não deixa de ser uma família nossa. Por isso que quando a gente saímos agora a gente sente falta por quê/ Porque elas passam ser parte da gente, os professores, diretores, todo mundo os parceiros, tudo passa ser como fosse

uma família por isso que a gente sente falta. Por isso que às vezes eu tô em casa e eu sinto falta, às vezes tô lá nos serviços tô lembrando de cada um na minha mente sabe? Já me passou esses dias atrás, eu tava passei num restaurante encontrei um professor lá, fui conversar com ele, comecei a chorar ué. Por que eu tava chorando? Eu tava chorando porque eu tava sentido falta dele, foi uma alegria, aí não foi tanto de tristeza chorei ué, entende? Então passa a ser uma família querendo nós ou não, passa a ser uma família, entende? A gente passa, aquele negócio de todo dia está junto, aquela alegria, o professor chega alegre, conversa com a gente, a gente tá com alguma dificuldade até aquilo às vezes tá com um problema em casa. E isso você sabia que muitas das vezes uma conversa que nós temos com um professor muda tudo, muda tudo, por quê? Você faz ela fazer parte de você no dia a dia, isso é escola. Então o EJA faz parte disso.

E isso é algo que Freire (1996.p.44) expressava: “Não é difícil perceber como há umas tantas qualidades que a escuta legítima demandando do seu sujeito. Qualidades que vão sendo constituídas na prática democrática de escutar.” Para os alunos da EJA principalmente os mais experientes, a atenção que o professor dedica é de suma importância, eles se sentem incluídos no meio que os excluía por um bom tempo.

E Rezende, ao estar de posse do certificado foi logo apresentá-lo em seu trabalho como coloca: Cheguei lá, já fui direto ao RH pronto! Pega, é exatamente! Então já dá entrada nesse negócio aí pra nós. Homologuei, protocolei também. Quer dizer a fala já é outra, já muda tudo. Ah! Você pretende fazer o quê? Não, um passo de cada vez. Mas vocês me aguardem! É uai porque qual é a realidade? Eles não querem valorizar, gestor público ele não valoriza professor, médico essas classes de funcionários públicos, entende? Então a motivação deles é o seguinte eu desisto, eles falam, então vou fechar as portas, vamos parar por aqui. É, é nós vamos gastar menos como se diz eu já estou formado, nosso governador é formado, vice-governador é formado o que mais eles vão querer? Ir lá para fazer o deles, olhar a situação deles pronto e acabou essa é a realidade. Você que dá aula falta o quê para aposentar, entende? Cada dia que passa vai só dificultando, mas dá um cargo para o Governador, Presidente da República entende? Igual estava olhando uma lei orgânica que tem deles aí por exemplo se você tiver 04 mandatos você já pode aposentar, 04 mandatos você aposenta, com 08 mandatos você entra com aposentadoria especial, então quer dizer se tem aposentadoria, então daqui a pouco eles estão preocupados?

Manoel fala: Senador é um mandato.

E falo para eles sobre essa questão em relação a minha aposentadoria queria no ano próximo, mas com as mudanças vou ter que trabalhar mais 4 a 5 anos.

Manoel comenta: Mas eu acredito que a partir de julho já vai voltar a ser como antes. Já tá na pauta. Na lei trabalhista do nosso serviço já foi avisado.

E também eu e a professora Ana Lúcia que estava presente na entrevista coloca para eles sobre uma questão, ele fala assim?

Deixa eu te contar o pior, sabe esse período da pandemia? Que nós professores tivemos que comprar equipamentos, tivemos que aprender muito, na marra pra passar a ensinar vocês. O governo tirou isso de nós. Não conta.

Rezende. fala: O que aí tem problema, aí eu gosto de pegar os sindicalistas sabe por qual motivo? Porque assim o presidente do sindicato, o cabeça do sindicato, patrão chama ele lá pra negociar, eu falo porque uma vez fui chamado pra eu fazer parte. Oh, tá na mesa, aqui ó, veja bem se você pegar o que tá na mesa você vai ficar dois anos, esquece de sala de aula, entendeu? Tá aqui na mesa ninguém tá vendo, ninguém tá sabendo é entre nós aqui, certo?

Quem luta por causa de vocês, se vocês mesmos não lutar? Sindicato não vai lutar não! Esse fato é certo. Porque a hora que o cara chega lá, cara fala assim oh tá aqui! Aqui! Veja bem, vocês ficaram prejudicados agora na pandemia, não ficaram? Você acabou de dizer que por qual motivo: comprar né, investi em internet tudo mais. Passou a pandemia qual é a justificativa? Cê vai ter que trabalhar mais dois anos que veio a pandemia causou transtorno, causou despesa. Você fala poxa vida! Eu não ganhei nada agora. Igual nós temos uma colega agora que deu entrada o ano passado na aposentadoria, sabe o que acontece? Eles vieram agora com uma conversa lá, sindicato que houve um rombo na previdência nossa, nossa previdência que é privada, houve um rombo lá o que é que nós temos a ver com o rombo? Aí nós descobrimos o quê? Que 11 milhões da nossa previdência que foi investido a longo prazo. Agora o que está lá com 41 anos para aposentar, vai ter que ficar mais 4 anos ainda pra conseguir aposentar. Ele já tem 41 anos de contribuição. Aí ele procurou um desembargador em Brasília, o desembargador falou uai vai continuar trabalhando, mas a partir do momento que você pega uma cota de 35 anos você pode ter certeza de uma coisa, você vem cá que você vai receber tudo. Nós vamos entrar, de você tiver coragem de entrar contra a prefeitura você vai receber. Você vai ficar bem no final da vida, entende? Mas aí o cara tem que ter coragem.

Manoel fala: Mas é isso que a gente tá falando os próprios políticos, os próprios, a lei estado, prefeitura, município, tudo esls colocam uma carga em cima do funcionário ou professora ou professor ou de quem estiver trabalhando num órgão público de uma forma que vamos supor que ganhe 30 mil funcionários ... As pessoas têm medo porque ali tem pessoas que não podem ficar dois meses sem receber elas têm crianças, eles tem gente doente. Tem mulher que trabalha

aí, tem professoras aí que o esposo doente tá de cama. Como é que ela vai ficar sem receber esse tempo inteiro? Sabe Deus quando vai receber.

Agora Rezende coloca: Só vocês ter uma noção. Quem foi Fernando Herinque Cardoso? Presidente da República sim ou não? Quando ele entrou na presidência ele já não era aposentado? José Sarney já não era aposentado? O Bolsonaro não é aposentado? Lula não é aposentado? Eles estão preocupados em mexer na aposentadoria, não tá não!

E Manoel complementa: Não tá preocupado com o salário do pobre não!

Rezende novamente: Entende qual que é o fator? Por exemplo eu tenho um amigo, né. Funcionário público ele é vereador e é também professor, então eu já falei quem que é. Entendeu? Esses dias eu coloquei ele no canto da parede. Falei Amigo é de fato é de direito e ele, mas como você fica sabendo dessas coisas? Eu falei oh meu amigo a partir do momento que o portal da transparência, eu sou igual cupim, vou devagarinho até chegar aonde precisa chegar. É verdade? Ele falou é verdade. Nós temos tantas regalias que eu falei pros colegas que é vergonha nossa votar um projeto pra nós aposentarmos. Porque eu já tenho duas aposentadorias. Essa colega uma de vereador e uma de professor.

É nessas falas que vemos o porquê os governos não investem em uma Educação de jovens e adultos de qualidade deixando de ser presencialmente onde os estudantes podem trocar ideias, informações, conhecimentos e experiências de vida. Pois onde e quando o ensino a distância EJA TEC os alunos poderão ter esses diálogos sobre políticas e tantos outros assuntos que os fazem enriquecer seus conhecimentos.

